



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO**

VANESSA JACQUELINE KIRSTEN

**VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA NA FALA DE CRIANÇAS DE
CHAPECÓ: UM ESTUDO DA REFERÊNCIA DE PRIMEIRA PESSOA DO
PLURAL**

**CHAPECÓ
2021**

VANESSA JACQUELINE KIRSTEN

**VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA NA FALA DE CRIANÇAS DE CHAPECÓ:
UM ESTUDO DA REFERÊNCIA DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof^a Dr^a Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

CHAPECÓ
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Kirsten, Vanessa Jacqueline

Variação e mudança linguística na fala de crianças de Chapecó: um estudo da referência de primeira pessoa do plural / Vanessa Jacqueline Kirsten. -- 2021.
169 f.

Orientadora: Doutora Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, SC, 2021.

1. Variação e Mudança Linguística. 2. Aquisição. 3. Pronomes pessoais de primeira pessoa do plural. 4. Português brasileiro. I. Snichelotto, Cláudia Andrea Rost, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

VANESSA JACQUELINE KIRSTEN

**VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA NA FALA DE CRIANÇAS DE CHAPECÓ:
UM ESTUDO DA REFERÊNCIA DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendida perante Banca Examinadora em 16/12/2021

Aprovado em: 16/12/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Andrea Rost Snichelotto – UFFS
Presidente da banca/orientadora



Documento assinado digitalmente

IZETE LEHMKUHL COELHO

Data: 24/04/2022 15:56:48-0300

CPF: 436.583.429-00

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof^ª. Dr^ª. Izete Lehmkuhl Coelho – UFSC
Membro titular externo



Prof^ª. Dr^ª. Ani Carla Marchesan – UFFS
Membro titular interno

Prof^ª. Dr^ª. Morgana Fabiola Cambrussi – UFFS
Membro suplente

Chapecó/SC, dezembro de 2021.

Dedico ao meu avô que com suas sábias palavras me incentivou a lutar pelos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento é em especial a minha orientadora Prof^a Dr^a Cláudia Andrea Rost Snichelotto, que, por inúmeras vezes, soube ser compreensiva pelos momentos difíceis que vivemos, além de ser uma grande incentivadora e acreditar em mim, muito além do que eu imaginei ser capaz.

A Deus, pela benção de concretizar um sonho e pela minha segurança e saúde.

Aos meus queridos familiares e amigos, que me apoiaram nessa jornada de estudos e que, por diversas vezes, foram compreensíveis pela minha ausência e mesmo assim, estiveram ao meu lado me dando apoio e conforto.

À Sara Alves dos Santos Carvalho, minha fiel companheira nos estudos, que aceitou entrar nessa jornada mesmo com todas as adversidades impostas sobre nós. Quero agradecer a ela pela linda amizade que construímos e dizer que minha inspiração nos estudos partiu dela.

Agradeço à amizade que construí com as minhas queridas colegas Cintia e Melyna. Agradeço a cada palavra de apoio e incentivo, mesmo com as nossas dificuldades estivemos sempre unidas.

Às minhas colegas de trabalho, que, por diversas vezes, foram compreensivas pelas minhas mudanças de horário e por estarem sempre ao meu lado me apoiando e me incentivando entre a minha jornada de estudos e de trabalho.

RESUMO

Nesta dissertação, com base na interface entre Teoria da Variação e Mudança e a aquisição, investigamos a alternância das formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural (**nós** e **a gente**) a partir de uma amostra sincrônica de dados da fala de 8 crianças, monolíngues em português, de Chapecó, em Santa Catarina, do projeto Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina (VMPOSC). Partimos de estudos anteriores sobre a investigação do fenômeno para identificação das variáveis linguísticas e extralinguísticas mais favorecedoras da variação em estudo. Quanto à abordagem metodológica, recorreremos, primeiramente, ao tratamento qualitativo dos dados das entrevistas da amostra, a partir da ferramenta de transcrição *Eudico Language Annotator* (ELAN). Posteriormente, realizamos a análise quantitativa dos dados, com base no software R (R CORE TEAM, 2020). De modo geral, identificamos 324 ocorrências das variantes e os resultados permitiram confirmar a hipótese de que as crianças chapecoenses, da amostra, empregam mais a variante inovadora (**a gente**) do que a variante conservadora (**nós**) na função de sujeito. Por essa razão, controlamos cinco variáveis linguísticas (preenchimento do sujeito pronominal, marca morfêmica, tempos verbais, paralelismo formal e saliência fônica) e três extralinguísticas (sexo, idade e escolaridade). Das oito variáveis independentes controladas, o programa estatístico selecionou como significativas a variável linguística marca morfêmica e a variável social sexo dos informantes. Os resultados dessas duas variáveis revelaram que o pronome **a gente** ocorreu acompanhado de formas verbais com marca “zero” e o pronome **nós** foi mais frequente junto aos morfemas verbais -mo/-mos. O pronome **a gente** é a forma preferencial entre ambos os informantes masculinos e femininos. Por fim, os resultados gerais permitiram levantar a hipótese de que a alternância das formas pronominais emerge na etapa de aquisição da primeira língua (no caso da língua portuguesa) e que o *input* realizado pela fala dos adultos pode ser responsável pela variação na língua falada pelas crianças do VMPOSC.

Palavras-chave: Variação e Mudança Linguística. Aquisição. Pronomes pessoais de primeira pessoa do plural. Português brasileiro.

RESUMEN

En esta disertación, basada en la interfaz entre Teoría de la Variación y Cambio Lingüístico y la adquisición, investigamos la alternancia entre las formas pronominales de referencia a la primera persona del plural (**nós** y **a gente**) a partir de una muestra sincrónica de datos de habla de 8 niños, monolingües en portugués, de Chapecó/SC, en Santa Catarina, del proyecto *Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina* (VMPOSC). Partimos de estudios anteriores sobre la investigación del fenómeno para identificar las variables lingüísticas y extralingüísticas que más propician la variación que se estudia. En cuanto al enfoque metodológico, en primer lugar, se recurrió al tratamiento cualitativo de los datos de las entrevistas de la muestra, utilizando la herramienta de transcripción *Eudico Language Annotator* (ELAN). Posteriormente, realizamos el análisis cuantitativo de los datos, basados en el *software* R (R CORE TEAM, 2020). De modo general, identificamos 324 ocurrencias de las variantes y los resultados permitieron confirmar la hipótesis de que los niños chapecoenses, en esa muestra, emplean más la variante innovadora (**a gente**) que la variante conservadora (**nós**) en la función de sujeto. Por esta razón, controlamos cinco variables lingüísticas (sujeto pronominal explícito, marca morfémica, tiempos verbales, paralelismo formal y prominencia fónica) y tres variables extralingüísticas (sexo, edad y escolaridad). De las ocho variables independientes que fueron controladas, el programa estadístico seleccionó como significativas la variable lingüística marca morfémica y la variable social sexo de los informantes. Los resultados de estas dos variables revelaron que el pronombre **a gente** ocurría con las formas verbales de marca “nula” y el pronombre **nós** era más frecuente con los morfemas verbales -mo/-mos. El pronombre **a gente** es la forma preferida entre los informantes masculinos y femeninos. Finalmente, los resultados generales nos permitieron plantear la hipótesis de que la alternancia de las formas pronominales surge en la primera etapa de adquisición de la lengua (en este caso la lengua portuguesa) y que el *input* realizado por el discurso de los adultos puede ser responsable de la variación en la lengua hablada por los niños VMPOSC.

Palabras clave: Variación y Cambio Lingüístico. Adquisición. Pronombres Personales de Primera Persona del Plural. Portugués Brasileño.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Vícios de linguagem	82
Figura 2 - Parábola dos cegos e do elefante.....	86
Figura 3: Localização do município de Chapecó no estado de Santa Catarina.....	102
Quadro 1 - Evolução dos paradigmas pronominais e flexionais do PB.....	27
Quadro 2 - Informantes e inquiridos.....	36
Quadro 3 - Pesquisas sobre o uso dos pronomes nós e a gente realizados com dados de informantes de Santa Catarina.....	44
Quadro 4 - Considerações acerca da análise dos Livros Didáticos de PLE.....	59
Quadro 5 - Realização da forma verbal.....	63
Quadro 6 - Resumo das pesquisas sobre a variação na expressão da referência da primeira pessoa do plural no PB	65
Quadro 7 - Os pronomes de primeira pessoa do plural e a concordância verbal	80
Quadro 8 - Distribuição da amostra total de Chapecó/ SC do projeto VMPOSC.....	98
Quadro 9 - Distribuição da amostra coletada de Chapecó/SC do projeto VMPOSC.....	100
Quadro 10 -Distribuição da amostra do VMPOSC.....	103
Quadro 11 - Distribuição das variáveis independentes controladas para a escolha dos pronomes nós e a gente	104
Quadro 12: Dados excluídos da análise variacionista.....	107
Quadro 13 - Níveis da saliência fônica das formas verbais.....	132
Gráfico 1 - Percentuais de uso de a gente em amostras socialmente estratificadas (dados coletados entre 1980 e 2000).....	41
Gráfico 2 - Proporção e frequência de nós e a gente na fala de crianças do VMPOSC (N = 324).....	110
Gráfico 3 - Proporção e frequência das variantes pronominais segundo a variável saliência fônica.....	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Porcentagens e probabilidade de uso de a gente em todas as funções.....	32
Tabela 2 - Atuação da idade e sexo sobre o uso da forma nós	33
Tabela 3 - Atuação da escolarização e faixa etária sobre o uso da forma nós	34
Tabela 4 - Nós ou a gente e a faixa etária.....	35
Tabela 5 - Nós ou a gente em EFs (AULAS).....	36
Tabela 6 - Fatores sociais significativos no uso de a gente , estudo de tendência, 1970 e 1990 (dados do NURC e do VARSUL).....	39
Tabela 7 - Frequência de a gente , segundo cruzamento entre as variáveis fala/escrita e série.....	50
Tabela 8 - Distribuição de nós/a gente : faixa etária, sexo e escolaridade.....	51
Tabela 9 - Distribuição em termos de percentual e peso relativo a gente pleno.....	56
Tabela 10 - Os resultados gerais da rodada preliminar.....	63
Tabela 11 - Proporção e frequência total das variantes pronominais, segundo a função sintática.....	114
Tabela 12 - Frequência de nós e a gente , segundo a variável função sintática.....	114
Tabela 13 - Frequência de nós e a gente , segundo a variável preenchimento do sujeito.....	118
Tabela 14 - Frequência de nós e a gente , segundo a variável marca morfêmica.....	121
Tabela 15 - Cruzamento entre as variáveis marca morfêmica e preenchimento do sujeito...122	
Tabela 16 - Cruzamento das variáveis marca morfêmica e preenchimento do sujeito.....	123
Tabela 17 - Aplicação geral das formas pronominais segundo a variável ausência e presença de paralelismo formal.....	129
Tabela 18 - Cruzamento das variáveis desinência verbal, paralelismo formal e preenchimento do sujeito.....	130
Tabela 19 - Distribuição e aplicação de nós e a gente , segundo a variável saliência fônica..134	
Tabela 20 - Frequência de nós e a gente , segundo a variável saliência fônica	135
Tabela 21 - Distribuição e aplicação de nós e a gente , segundo a variável tempo verbal.....	137
Tabela 22 - Frequência de nós e a gente , segundo a variável tempo verbal.....	138
Tabela 23 - Frequência de nós e a gente , segundo a variável escolaridade.....	140
Tabela 24 - Frequência de nós e a gente , segundo a variável escolaridade.....	141
Tabela 25 - Cruzamento das variáveis marca morfêmica e escolaridade.....	142
Tabela 26 - Frequência de nós e a gente , segundo a variável sexo.....	145
Tabela 27 - Frequência de nós e a gente , segundo a variável sexo.....	146

Tabela 28 - Frequência de nós e a gente , segundo a idade dos informantes.....	148
Tabela 29 - Frequência de nós e a gente entre as crianças do VMPOSC.....	149
Tabela 30 - Frequência de nós e a gente entre os adultos do VMPOSC.....	150
Tabela 31 - Frequência de nós e a gente entre informantes adultos de Chapecó.....	152

LISTA DE ABREVIATURAS

GU	Gramática Universal
PB	Português Brasileiro
VARISUL	Varição Linguística na Região Sul do Brasil
VMPOSC	Varição e Mudança do Português no Oeste Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivos	16
1.1.1 Objetivo geral	16
1.1.2 Objetivos específicos	17
1.2 Questões e hipóteses	17
1.3 Organização da dissertação	23
2 O FENÔMENO EM ESTUDO: AS FORMAS PRONOMINAIS NÓS E A GENTE	24
2.1 Variação e mudança no uso de nós e a gente	25
2.2 Estudos sobre a variação no uso dos pronomes nós e a gente na fala	29
2.2.1 Estudos sobre a variação de nós e a gente no estado catarinense	44
2.2.2 Estudos sobre o pronome a gente em obras literárias e didáticas	54
2.2.3 Estudos sobre a variação linguística nós e a gente em crianças	60
2.3 Resumo do capítulo	64
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	69
3.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística	69
3.1.1 Heterogeneidade da língua	70
3.1.2 Mudança Linguística: tempo real e tempo aparente	75
3.1.3 Problemas empíricos	78
3.1.4 Julgamentos sociais conscientes e inconscientes	83
3.2 Teorias da Aquisição da Linguagem	85
3.2.1 Interacionismo	86
3.3 A interface entre a variação linguística e a aquisição da variação	88
3.3.1 Definindo língua materna e primeira língua	95
4 METODOLOGIA	98
4.1 Corpus	98
4.2 Chapecó	101
4.3 Amostra	103
4.4 A variável dependente e variáveis independentes	104
4.5 Tratamento e análise dos dados	106
4.6 Restrições	107
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	108
5.1 Frequência geral	108
5.2 Atuação de variáveis linguísticas e extralinguísticas na alternância dos pronomes nós e a gente para referência à primeira pessoa do plural na fala de crianças	109
5.2.1 Variáveis linguísticas	110
5.2.1.1 Função sintática	110
5.2.1.1.1 Caracterização e hipóteses	110
5.2.1.1.2 Resultados e discussão	112

5.2.1.2 Preenchimento do sujeito pronominal	115
5.2.1.2.1 Caracterização e hipóteses	115
5.2.1.2.2 Resultados e discussão	116
5.2.1.3 Marca morfêmica	118
5.2.1.3.1 Caracterização e hipóteses	118
5.2.1.3.2 Resultados e discussão	119
5.2.1.4 Paralelismo formal	123
5.2.1.4.1 Caracterização e hipóteses	123
5.2.1.4.2 Resultados e discussão	127
5.2.1.5 Saliência fônica	129
5.2.1.5.1 Caracterização e hipóteses	129
5.2.1.5.2 Resultados e discussão	131
5.2.1.6 Tempo verbal	134
5.2.1.6.1 Caracterização e hipóteses	134
5.2.1.6.2 Resultados e discussão	135
5.2.2 Variáveis extralinguísticas	137
5.2.2.1 Escolaridade	137
5.2.2.1.1 Caracterização e hipóteses	137
5.2.2.1.1 Resultados e discussão	138
5.2.2.2 Sexo	141
5.2.2.2.1 Caracterização e hipóteses	141
5.2.2.2.2 Resultados e discussão	142
5.2.2.3 Idade	144
5.2.2.3.1 Caracterização e hipóteses	144
5.2.2.3.2 Resultados e discussão	146
5.3 A emergência da alternância das formas pronominais nós e a gente na etapa de aquisição da língua materna	150
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	158

1 INTRODUÇÃO¹

A alternância entre os pronomes **nós** e **a gente** para referência à primeira pessoa do plural é recorrente na fala de brasileiros de diversas regiões do país. Essa variação entre a forma conservadora (**nós**) e a forma inovadora (**a gente**)² tem despertado interesse de diversos pesquisadores sociolinguísticos (OMENA, 1998; FREITAS, 1991, ALBÁN; FREITAS, 1991; LOPES, 1998; ZILLES, 2007; entre outros). Contudo, Freitas (1991)³, que analisou o uso dos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural no discurso formal, em quatro participantes do sexo masculino do projeto Norma Urbana Linguística Culta (NURC) de Salvador, observou que um informante não apresentou nenhuma ocorrência da forma pronominal **a gente**; outros dois informantes apresentaram apenas uma ocorrência de uso dessa forma inovadora; e, na contramão dos resultados apresentados, apenas um informante registrou o uso elevado do pronome **a gente**, mas surpreendeu quando apresentou apenas uma ocorrência do pronome **nós**.

Apesar de os estudos, em sua maioria, constatarem que a forma inovadora pode estar ganhando espaço no português falado entre os adultos, poucas pesquisas investigaram essa variação linguística na fala de crianças (OMENA, 1998; AMARANTE, 2005; SOARES, 2006; VITÓRIO, 2015b). O interesse nas investigações de dados de crianças geralmente tende ainda a seguir com outro viés, que é a análise da variação entre as modalidades oral e escrita (BRUSTOLIN, 2009; AGOSTINHO, 2013; VITÓRIO, 2015a).

Foi essa lacuna dos estudos do PB que nos instigou a investigar, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da interface entre a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) e a aquisição da variação (LABOV, 2008 [1972]; RONCARATI; MOLLICA, 1997; LORANDI, 2013; GOMES, 2016), o comportamento linguístico da referência de primeira pessoa do plural na fala de crianças.

¹Esta pesquisa se insere em um projeto maior chamado “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina” (doravante VMPOSC) e está vinculada à linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal da Fronteira Sul – campus Chapecó.

²Segundo Faraco (2005, p 43), os termos inovador e conservador designam, respectivamente, “o elemento novo, isto é, a variante que se expande alterando aspectos da configuração da língua; e o elemento velho, isto é, a variante que representa a configuração mais antiga na língua”. Neste trabalho designamos a forma mais antiga (**nós**) como conservadora, pois é a que goza maior prestígio na comunidade e está associada à norma padrão e à escrita; a forma mais recente (**a gente**), por sua vez, é a inovadora, mas sofre algumas restrições de uso ou estigma, como veremos na seção 2.1.

³Mais detalhamento da pesquisa pode ser verificado na seção 2.2

Vejam as duas variantes dos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural no trecho de fala de uma criança:

(1) Porque nos apartamentos é bem apertado, né? Já que **a gente** já é em seis ali. E fica bem apertado pra **nós** daí **a gente** não fica bem ali. (CH1M11EFII)⁴

Na ocorrência acima, extraída da fala de um informante de 11 anos do projeto VMPOSC⁵, temos três dados das variantes em duas funções sintáticas distintas: **a gente** na posição de sujeito; **nós** na posição de complemento nominal.

Além da ocorrência de ambas as variantes em funções sintáticas diferentes, apresentamos a seguir outro trecho de uma entrevista, no qual as sete ocorrências da variante **nós** estão empregadas exclusivamente na função de sujeito com sua respectiva realização com a desinência -mos correspondente à regra conservadora de concordância verbal na primeira pessoa do plural:

(2) Quando, por exemplo, foi meu aniversário, Ø⁶ fizemos churrasco, **nós** comemoramos, daí **nós** brincamos um pouco, **nós** conversamos, depois disso **nós** cantamos parabéns né, Ø brincamos um pouco todo mundo, Ø brincamos com os balões, tem um monte de coisas. (CH3F10EFI)

Como se vê, na primeira referência à expressão da primeira pessoa do plural, o informante não preenche o sujeito com uma forma pronominal, mas o sentido é recuperado pela desinência verbal -mos; porém, na continuidade do seu turno de fala, o informante preenche quatro vezes o sujeito com a variante conservadora acompanhada da respectiva concordância verbal; por fim, ele volta por duas vezes a não preencher a função sintática de sujeito com uma das variantes, contudo a manutenção semântica é recuperada novamente pela desinência verbal.

Neste trabalho de cunho quali-quantitativo, investigamos uma amostra sincrônica com oito entrevistas sociolinguísticas (do projeto VMPOSC) com crianças de 8 a 12 anos, monolíngues em português, do município de Chapecó. Cabe destacar que os trabalhos de Omena (1998), Brustolin (2009), Agostinho (2013) e Vitória (2015a; 2015b) observaram a

⁴Utilizaremos códigos para descrever as informações sociais dos informantes do projeto VMPOSC: Localidade (CH: Chapecó; Número da entrevista (1 até 8); sexo (F: feminino; M: masculino); Idade (I8: 8 anos; I10: 10 anos; I11: 11 anos; I12: 12 anos; I14: 14 anos); Escolaridade (E3: 3º ano; E5: 5º ano; E6: 6º ano; E7: 7º ano; E8: 8º ano).

⁵Mais detalhamento sobre o projeto VMPOSC pode ser verificado na seção 4.3.

⁶Daqui em diante, sinalizamos com o símbolo Ø (zero) na posição de sujeito sempre que, em uma ocorrência, o sujeito não for preenchido (ou nulo), mas houver manutenção semântica da expressão da primeira pessoa do plural.

fala e a escrita de crianças de 7 a 12/14 anos, ou seja, são amostras de dados sincrônicos e não longitudinais. Apenas Soares (2006)⁷ realizou uma investigação longitudinal sobre a concordância verbal na fala de crianças com idade entre 2;5 e 8 anos de Porto Alegre.

Uma amostra complementar composta por quatro entrevistas com informantes adultos de 25 a 49 anos, monolíngues em português, também provenientes do projeto VMPOSC, foi incluída em nossa investigação a fim de testarmos a hipótese de que a fala de indivíduos mais velhos pode servir como *input*⁸ para a fala de crianças em estágio de aquisição (GOMES, 2016). A escolha dessa localidade deu-se porque temos conhecimento (até o momento desta defesa) de que são poucos os bancos de dados de fala sociolinguísticos de Santa Catarina que possuem amostras de crianças coletadas.

Nossa contribuição com esta investigação se situa para além da descrição do português brasileiro falado em Santa Catarina a fim de também posteriormente servir de base para o desenvolvimento de um panorama da variação da referência da primeira pessoa do plural a partir de novos estudos em localidades de diversas regiões do país. Outra contribuição, não menos importante, é possibilitar a soma do nosso estudo sobre as variantes com os demais resultados já encontrados nas diversas regiões do Brasil bem como servir de embasamento para a revisão da literatura dos próximos trabalhos correlacionados ao tema.

Por fim, buscamos registrar o comportamento das variantes na esperança de uma renovação nos materiais didáticos e, dessa forma, possibilitar aos estudantes da educação básica o conhecimento sobre os diferentes registros do português falado. A par disso, pretendemos possibilitar conhecimentos a respeito de usos cotidianos da variante brasileira do português a estudantes internacionais, a fim de que desenvolvam maior proficiência no uso da língua portuguesa.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

⁷Soares (2006) analisou uma amostra de dados de crianças a partir de três fontes. Na seção 2.2.1, descrevemos detalhadamente essa amostra investigada e os principais resultados dessa investigação.

⁸“As informações e experiências que a criança recebe do meio ambiente em que vive é denominado *input*. O *input* linguístico refere-se a todas as experiências proporcionadas pelo uso que os demais fazem da linguagem em suas interações e, especialmente, ao se comunicar com o próprio sujeito”. (HUBNER; ARDENGHI, 2010, p.32).

Investigar a variação linguística na referência à primeira pessoa do plural a partir de uma amostra sincrônica de dados da fala de crianças de 8 a 12 anos residentes na cidade de Chapecó.

1.1.2 Objetivos específicos

- Analisar a atuação de variáveis linguísticas e extralinguísticas na alternância dos pronomes **nós** e **a gente** para referência à primeira pessoa do plural na fala de crianças;
- Verificar se é possível caracterizar a alternância dos pronomes **nós** e **a gente** na referência à primeira pessoa do plural como mudança em curso do tipo real ou aparente;
- Discutir a emergência da alternância das formas pronominais **nós** e **a gente** na etapa de aquisição da primeira língua.

1.2 Questões e hipóteses

Questão 1

Qual a forma pronominal empregada pelas crianças que fizeram parte do *corpus* desta pesquisa para referência à primeira pessoa do plural em Chapecó?

Hipótese 1

Nossa hipótese é de que, conforme Labov (1978; 1994), crianças aprendem aspectos variáveis do dialeto local do mesmo modo que aprendem regras categóricas. Os resultados apresentados por Seara (2000)⁹ revelaram a predominância do uso do pronome **a gente** (72%) na fala de adultos da capital do estado catarinense. Por outro lado, no município de Chapecó, Tamanine (2002)¹⁰ observou diferenças no uso das variantes entre os grupos de faixa etária *A* (até 45 anos) e *B* (mais de 50 anos). A faixa *A* apresentou 64% de ocorrências para uso da forma pronominal **a gente**, enquanto a faixa etária *B* empregou apenas 31% de ocorrências para o uso dessa forma.

⁹Seara (2000) investigou a variação entre as formas pronominais de **nós** e **a gente** em Florianópolis. Na seção 2.2.1, descrevemos detalhadamente a amostra investigada e os principais resultados dessa análise.

¹⁰Tamanine (2002) analisou a variação entre as formas pronominais de **nós** e **a gente** em Chapecó, Blumenau e Lages. Na seção 2.2.1, descrevemos detalhadamente a amostra investigada pela autora e os principais resultados dessa investigação.

Os resultados de pesquisas (OMENA, 1998; SOARES, 2006; VITÓRIO, 2015b) com dados de fala de crianças revelaram que há preferência no uso da forma **a gente** em relação à forma **nós**. Com base nos resultados de estudos anteriores, nossa hipótese era que houvesse predomínio do uso da forma pronominal **a gente** na fala das crianças da localidade investigada.

Questão 2

Quais variáveis linguísticas e sociais atuam na referência à primeira pessoa do plural na fala de crianças de Chapecó?

Hipótese 2

Nossa hipótese é de que a variação na referência à primeira pessoa do plural na fala de crianças de Chapecó é linguística e socialmente motivada.

Quanto aos fatores linguísticos, acreditamos que as variantes sejam morfossintaticamente motivadas. Os informantes parecem empregar as formas variantes em funções sintáticas distintas, como a de sujeito e a de complemento nominal, conforme nossas ocorrências (1) e (2) anteriormente apresentadas. Além das duas funções exemplificadas, pesquisas como, por exemplo, a de Foeger (2014) e a de Caldeira (2019) controlaram também a presença das variantes em outras seis funções sintáticas (objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, adjunto adverbial, predicativo do sujeito e vocativo). Nos estudos de Seara (2000) e de Tamanine (2002), a função sintática do sujeito foi selecionada como fator linguístico condicionante da variação pronominal entre **nós** e **a gente**, respectivamente, em Florianópolis e em Chapecó.

No português brasileiro (doravante PB), os sujeitos pronominais podem ter expressão nula/elíptica ou plena/expressa. O sujeito pleno se mostra um fator cada vez mais forte do que as formas elípticas, devido ao apagamento desinencial do verbo, em muitos casos, independentemente do pronome utilizado (DUARTE, 1993; 1997). As variantes **nós** e **a gente** podem estar presentes explicitamente na oração, como na ocorrência (3), ou como sujeito nulo, quando o sujeito da oração não é expresso, porém indicado pela desinência do verbo, como o caso da ocorrência (4) a seguir.

(3) Na minha família **a gente** não é muito de se reunir... junto, porque **a gente** é muito, então, nunca dá pra juntar todo mundo... mas geralmente **a gente** faz almoço, janta, essas coisas. (CH4F12EFII)

(4) [...] depois disso **nós** cantamos parabéns né, Ø brincamo(s) um pouco todo mundo, Ø brincamo(s) com os balões, tem um monte de coisas. (CH3F10EFI)

Como as variantes pronominais tendem a ocorrerem, em sua maioria, na função sintática de sujeito, também consideramos como possível variável condicionante a concordância verbal. Pesquisas (SOARES, 2006; BRUSTOLIN, 2009; AGOSTINHO, 2013; VITÓRIO, 2015a; VITÓRIO, 2015b; FREITAS; CARVALHO, 2020) sobre a relação entre o sujeito pronominal para referência à primeira pessoa do plural no PB e a concordância têm identificado quatro possibilidades de marca morfêmica (nós/-mos; nós/ø; a gente/-mos; a gente/ø) nesse tipo de contexto. Contudo, temos por hipótese de que haveria maior frequência na correspondência entre as formas pronominais variantes e as marcas morfológicas conservadoras, prescritas pelo ensino tradicional da gramática normativa e reproduzidas na sala de aula (nós/-mos com a desinência verbal na primeira pessoa do plural e **a gente/ø** com a desinência verbal na terceira pessoa do singular). As formas encontradas na fala de alguns indivíduos menos escolarizados (nós/ø com a desinência verbal na terceira pessoa do singular; **a gente/-mos** com a desinência verbal na primeira pessoa do plural) devem ser menos recorrentes. O trabalho de Brustolin (2009)¹¹ ratificou essa hipótese e observou a ocorrência de 89% para uso das formas **a gente** com morfema ø e de 98% para uso das formas **nós** com morfema -mos.

Vejamos dois trechos de fala produzidos por duas crianças da nossa amostra em que se verifica a concordância verbal conservadora com as duas variantes pronominais para referência à primeira pessoa do plural na função de sujeito:

(5) Humm, do ano passado, foi bom, estava toda a minha família lá também, só estávamos nós, e não tinha ninguém de diferente lá. (CH2F10EFI)

(6) E daí **a gente tava** ajudando na biblioteca eu e o Murilo e daí **a gente** sempre Ø ia lá no final. (CH2F10EFI)

Outro fenômeno que pode condicionar o uso das variantes é o paralelismo formal definido pela recorrência de uma das formas pronominais para referência à primeira pessoa do plural numa sequência discursiva. As ocorrências (7) e (8) exemplificam como os informantes tendem a repetir uma mesma forma pronominal numa sequência discursiva. Neste caso, os exemplos correspondem tanto ao uso da forma **nós** quanto ao uso da forma **a gente**, pois, em pesquisas como a de Vitório (2015b), verificou-se que ambas as formas pronominais quando realizadas numa primeira vez condicionam as realizações subsequentes.

¹¹ Brustolin (2009) tratou da variação entre as formas pronominais de **nós** e **a gente** em Florianópolis. Na seção 2.2.1, descrevemos detalhadamente a amostra investigada pela autora e os principais resultados desse estudo.

(7) **Nós** íamos nos sábados em uma pizzaria, daí agora **nós** não frequentamos mais porque é bem longe daqui, não sei como era, mas era bem pequeno, daí agora **nós** não frequentamos mais. (CH3F10EFI)

(8) Não, **a gente** não costuma comer bastante, **a gente** come, **a gente** come o suficiente. (CH5M12EFII)

Quanto aos fatores extralinguísticos (sociais), no que se refere à escolaridade, acreditamos que as crianças empregariam mais a variante inovadora em relação à conservadora, em virtude do contato linguístico que elas possuem com a comunidade e em razão do menor tempo de contato com a escolarização formal. O uso das variantes tem como suposição a influência do contato linguístico da criança com o ambiente escolar e familiar, ou seja, na escola, ela aprende a usar a forma pronominal **nós** e, no contexto familiar, ela utiliza o pronome inovador **a gente**. Porém, quando a criança possui poucos anos de contato com a escola, pressupõe-se que, em sua fala, ocorra a predominância da variável **a gente**. Também temor por hipótese que a influência dos longos anos de ensino pudesse motivar o uso mais frequente do pronome **nós**. Omena (2003, p.67) cita que “não é o aumento da escolarização que faz recuar o uso de **a gente**, mas o fato de o falante ser das últimas séries do ensino fundamental e talvez ter estudado ou estar estudando as conjugações verbais”.

Em relação à influência da idade, nossa hipótese era de que os falantes adultos de faixa etária mais velha empregariam a forma **nós**, enquanto que as crianças com menor idade utilizariam bem mais a forma pronominal inovadora. Omena (1998) apontou que entre a faixa etária 7-14 anos e 15-25 anos os falantes registravam menos uso da forma pronominal **nós**, enquanto que entre a faixa etária 26-49 anos e 50-71 registravam acima de 60% de ocorrência da forma conservadora.

Quanto ao sexo, acreditamos que a variação na fala de informantes do sexo feminino e masculino ocorra de modo equilibrado. No trabalho de Vitória (2015b), a forma pronominal **a gente** é mais predominante na fala das informantes do sexo feminino com 87% de ocorrências, contudo os informantes do sexo masculino apresentam um percentual um pouco abaixo, mas não menos relevante, com 77% de ocorrências da forma inovadora.

Questão 3

A variabilidade na referência à primeira pessoa do plural se trata de mudança em curso do tipo real ou aparente?

Hipótese 3

É importante observar a conjuntura das formas em estudo na localidade investigada, pois nem toda variação necessariamente indica mudança, mas toda mudança pressupõe variação (WLH, 2006).

Omena (1998, p.192) já apontava para a possibilidade da ocorrência de uma mudança linguística no quadro de referência da primeira pessoa do plural:

[...] os diferentes estágios em que pudemos detectar a interferência da forma **a gente** no sistema pronominal do português parecem evidenciar, apesar de não estarmos tratando com dados de tempo real, uma mudança linguística em progresso.

Ressalta a autora que o processo de mudança linguística percorre um longo tempo até a sua implementação, pois a variação linguística ligada ao comportamento social dos falantes pode estabelecer ou não o uso da nova regra. Logo, na mudança em curso, necessariamente observa-se, primeiramente, a competição entre duas ou mais formas variantes e, em seguida, verifica-se se a forma inovadora passou a ser usada de modo mais frequente e sobrepõe a mais antiga.

A mudança em tempo aparente baseia-se “[...] no pressuposto de que diferenças linguísticas entre gerações podem espalhar desenvolvimentos diacrônicos, quando outros fatores se mantêm constantes.” (PAIVA; DUARTE, 2003, p.14). A pesquisa de Tamanine (2002) identificou estabilidade no uso das duas formas pronominais para referência à primeira pessoa do plural nas cidades catarinenses de Chapecó, Blumenau e Lages entre os informantes mais velhos (mais de 50 anos) e mais jovens (até 45 anos).

Para testar a hipótese do tempo aparente, incluímos, na análise, uma amostra complementar com dados de informantes da faixa etária (25 a 49 anos) do VMPOSC. Acreditamos na predominância do uso da variante **a gente** no decorrer da fala da criança em relação à fala do informante adulto, o que resultaria em uma mudança em tempo aparente. Omena (1998), Soares (2006), Brustolin (2009) e Vitória (2015b) constataram a predominância da variante inovadora na análise de dados de fala de crianças.

A mudança em tempo real possibilita detectar mudanças produzidas gradualmente na comunidade. No estudo painel se procede à “[...] comparação de amostras de fala dos mesmos falantes em diferentes pontos do tempo, permite captar mudanças ou estabilidade no comportamento linguístico do indivíduo.” (PAIVA; DUARTE, 2003, p.17). Já no estudo tendência, se “[...] compara amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos de tempo.” (PAIVA; DUARTE, 2003, p.17).

Para testar a hipótese de mudança em tempo real, vamos proceder a um estudo comparativo entre a pesquisa com dados de fala de informantes do VMPOSC e do VARSUL/Chapecó (TAMANINE, 2002). Esta amostra de entrevistas sociolinguísticas com informantes de 25 a 49 anos foi coletada no começo da década de 90 do século XX e aquela com o mesmo perfil foi realizada em 2014. Em razão do espaço de tempo de mais de duas décadas (24 anos), ou seja, uma geração, acreditamos que haja incremento no uso da variante inovadora no município chapecoense e declínio da forma conservadora nos dados de fala da amostra de informantes chapecoenses.

A literatura na área adverte que não existe uma conclusão consistente se de fato o falante muda sua fala no decorrer dos anos. Por essa razão, são estabelecidas duas suposições teóricas latentes no processo de mudança linguística. Na primeira, preconiza-se um término para o processo de aquisição da linguagem, ou seja, ainda no início da adolescência e, portanto, a partir deste momento ocorre a estabilidade da língua. A segunda sugere que, em qualquer momento, pode ocorrer mudança linguística na fala do indivíduo e que isso é decorrente da pressão social vivida ao longo dos anos. Por essas divergências entre a primeira e a segunda teoria, Naro (1992) conclui que o falante sempre muda a língua ao longo dos anos, enquanto a hipótese clássica busca explicar a estabilidade do vernáculo após a adolescência.

Questão 4

A alternância das formas pronominais **nós** e **a gente** emergem na etapa de aquisição da primeira língua?

Hipótese 4

Com base em Labov (1978; 1994), as crianças adquirem a língua com base na fala dos pais e, depois, dos pares, em uma primeira etapa de aprendizagem, mas “é possível que uma criança mais nova, ao cair sob a influência de seu grupo de pares, ainda não tenha formado a maioria das regras que diferem de um dialeto para outro e que ela simplesmente acrescente regras que não criam conflito com as suas próprias”. (LABOV, 2008, p.352). O autor salienta que também é possível uma criança de 6 anos trocar um conjunto de regras por outro, o que leva Labov (2008) a concluir que se trata de uma área delicada e crítica para futuras pesquisas. Estudos realizados em âmbito brasileiro sobre a variação pronominal para referência de primeira pessoa do plural revelam que a forma inovadora é a variante preferida dos falantes do PB. Vitória (2015b, p. 139), por exemplo, constatou “que a fala das crianças

opera de acordo com o que está descrito para a fala de adultos”. Soares adotou uma análise longitudinal e observou que (2006, p.122) “[...] a variação sociolinguística na fala das crianças desde cedo não difere em grandes termos daquela encontrada na fala dos adultos”.

Embora nossa pesquisa não se trate de uma investigação longitudinal, acreditamos que pode apontar indícios de que a alternância entre as formas **nós** e **a gente** emergem ainda no período da aquisição da primeira língua, no caso, com a ressalva de que adotamos apenas uma amostra da variedade do português falado em Chapecó.

1.3 Organização da dissertação

Esta dissertação é composta por quatro capítulos. O primeiro inicia com uma revisão bibliográfica sobre estudos do comportamento das formas pronominais **nós** e **a gente**, realizados em âmbito nacional, estadual e regional. Na primeira seção 2.1, realizamos uma explanação sobre a gramaticalização do nome **gente** para pronome **a gente**, além de verificar as considerações atribuídas ao uso da forma inovadora (a gente) entre as publicações das gramáticas descritivas. Na sequência, na seção 2.2, apresentaremos o percurso das primeiras pesquisas sobre o tema variação pronominal entre as variantes **nós** e **a gente**. Na seção 2.2.1, descrevemos os resultados de pesquisas empreendidas no estado catarinense, com os trabalhos de Seara (2000), Tamanine (2002), Silva (2004), Brustolin (2009), Franceschini (2011), Strapasson e Coelho (2013) e Agostinho (2013). A penúltima seção sumariza a abordagem do tratamento de variação em pesquisas em livros didáticos e literários. E, na última seção, descrevemos os trabalhos envolvendo pesquisas variacionistas com crianças.

O segundo capítulo apresenta a fundamentação teórica, com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística, a partir dos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972). Entre os pontos importantes da teoria, destacamos a heterogeneidade da língua, as regras variáveis, a mudança linguística: tempo real e aparente, os problemas empíricos e, por último, os julgamentos sociais conscientes e inconscientes. Apresentaremos também uma seção tratando das teorias sobre aquisição da linguagem e da interface entre a variação linguística e a aquisição da variação, além de apresentar uma subseção sobre a definição de língua materna e primeira língua.

No terceiro capítulo, detalhamos a metodologia do trabalho, iniciando com a descrição do nosso *corpus*, constituído pelo projeto VMPOSC, além de descrever as características e particularidades da cidade que integra o banco de dados (Chapecó).

Apresentaremos a variável dependente e as variáveis independentes na seção 4.4. Na sequência, apresentamos a seção 4.5 com o tratamento e a análise dos dados e, por último, a seção restrição que apresenta os motivos pela exclusão de alguns dados.

No quarto capítulo, apresentamos a descrição e a análise dos dados. Nesta seção, realizamos a descrição e análise dos dados, iniciando pela apresentação geral dos dados e na sequência a atuação das variáveis linguísticas e sociais. As ocorrências serão analisadas, partindo da possibilidade de uma variação estável ou de uma mudança em tempo aparente. Ao final da seção, observaremos o comportamento das variantes no processo de aquisição da primeira língua (ou língua materna).

Por fim, no quinto e último capítulo, expomos as considerações finais, em que retomamos os objetivos e as hipóteses e sintetizamos nossos resultados. Também indicamos as limitações da pesquisa e finalizamos com sinalização de pesquisas futuras que podem ser feitas a partir da nossa.

2 O FENÔMENO EM ESTUDO: AS FORMAS PRONOMINAIS NÓS E A GENTE

Neste capítulo, apresentamos o levantamento bibliográfico que efetuamos sobre o uso da primeira pessoa do plural em estudos já realizados e em gramáticas normativas, dicionários e livros didáticos.

2.1 Variação e mudança no uso de **nós** e **a gente**

A mudança e a concorrência entre o uso dos pronomes de primeira pessoa do plural (**nós** e **a gente**) já têm sido pesquisadas ao longo dos últimos anos. Ou seja, este fenômeno pode ir além de um processo de variação linguística, visto que o uso do pronome **a gente** também segue na direção de uma mudança linguística em curso para integrar novos parâmetros do quadro pronominal na língua. De acordo com Vianna e Lopes (2015, p. 109),

As pesquisas indicam que o fenômeno de variação entre **nós** e **a gente**, na variedade brasileira, pode ser caracterizado como um processo de mudança linguística, segundo o qual, gradativamente, a forma inovadora tem ocupado os espaços da mais antiga.

Para compreender como se encaminha a mudança linguística no quadro pronominal com a inserção de **a gente** para referência à primeira pessoa do plural, é necessário conhecer o percurso histórico dessa variante inovadora. Conforme Lopes (2004, p.50), “A forma *a gente* originou-se de uma expressão nominal, o substantivo *gente* que, ao assumir, em certos contextos discursivos, determinadas propriedades, valores e funções, passou a fazer parte de uma outra classe/categoria”. Ao longo dos anos, a forma inovadora (*a gente*) passou a ser aplicada à classe dos pronomes. Dessa forma, ocorreu a chamada gramaticalização¹², visto que o substantivo passou para a categoria de pronome pessoal. “A gramaticalização, por seu caráter contínuo, pressupõe, principalmente nos estágios iniciais, a coexistência entre novos valores/ usos ao lado dos antigos e a permanência de propriedades lexicais nas formas gramaticalizadas”. (LOPES, 2004, p.51).

As mudanças via gramaticalização do substantivo **gente** para pronome **a gente** provocaram a concorrência com o pronome **nós** na primeira pessoa do plural, ocasionando alterações na concordância verbal, ou seja, em muitos casos, o pronome inovador (*a gente*) é

¹² A gramaticalização ocorre quando um item lexical se torna, em certas circunstâncias, um item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais. (LOPES, 2004, p.50)

seguido pela desinência verbal de 3ª pessoa do singular (a gente vai) e, em poucos registros, ocorre a desinência de 1ª pessoa do plural (a gente vamos). Portanto, “A forma gramaticalizada mantém do nome gente o traço formal de 3ª pessoa, embora acione uma interpretação semântico-discursiva de 1ª pessoa [+ EU]”. (LOPES, 2004, p.52).

Omena (1998), uma das pesquisadoras pioneiras sobre o fenômeno da alternância entre **nós** e **a gente** no PB, já apontava para a possibilidade da ocorrência de uma mudança linguística. “Os diferentes estágios em que pudemos detectar a interferência da forma **a gente** no sistema pronominal do português parecem evidenciar, apesar de não estarmos tratando com dados de tempo real, uma mudança linguística em progresso”. (OMENA, 1998, p.192).

Vale ressaltar que o processo de mudança linguística percorre um longo tempo até a sua implementação, pois a variação linguística ligada ao comportamento social dos falantes pode estabelecer ou não o uso da nova regra. No caso da amostra investigada por Omena (1998), o fenômeno apenas se restringiu a uma variação linguística, pois, para ser de fato um fenômeno de mudança linguística, a variável inovadora (a gente) precisa ser usada pelos demais grupos sociais e por todas as faixas etárias, como veremos na próxima seção. A maior resistência pode estar presente nos grupos de falantes mais velhos, porém, nos últimos anos, pesquisas apontam para o crescimento significativo ao uso da variante **a gente**.

Como a mudança linguística não ocorre toda de uma vez dentro de uma comunidade de falantes - uma parte dos falantes adota mais rapidamente a mudança, outra parte conserva por algum tempo a forma antiga-, o que se vê é uma competição, uma concorrência entre a forma nova e a forma mais antiga. (BAGNO, 2009, p.44)

Portanto, os resultados das pesquisas de Omena (1998) já sinalizavam que forma **nós** entre a faixa etária mais velha vem decrescendo. Zilles (2007) também comparou entrevistas realizadas entre as décadas de 1970 e 1990 e os resultados sinalizaram que a geração mais jovem utilizou mais ocorrências (0.64) ao uso da forma **a gente**, enquanto que a geração mais velha empregou menor número de ocorrências (0.32). Posteriormente, os estudos consecutivos revelaram uma pequena elevação no uso da forma pronominal **a gente** entre a geração mais velha, como é o caso da pesquisa de Franceschini (2011). Em seus estudos, a autora pesquisou a variável entre informantes de uma cidade localizada no oeste de Santa Catarina, nos anos de 2007 e 2010. Ela também encontrou a predominância da forma inovadora **a gente** no grupo mais jovem¹³ (0.55) e restrição no grupo dos mais velhos (0.45).

¹³ Nessa amostra, a faixa etária mais jovem é composta por informantes com idade entre 26 a 45 anos e a geração mais velha por informantes com 50 anos ou mais.

Seu trabalho ratificou os resultados previstos nas pesquisas de Omena (1998) e Zilles (2007), em que o grupo mais jovem utiliza a variante inovadora e a geração mais velha utiliza a variante mais conservadora.

Em diversas gramáticas normativas (por exemplo, CEGALLA, 2000; MAIA, 2000), livros didáticos e dicionários, o fenômeno da alternância entre **nós** e **a gente** ainda não possui a devida atenção: “As gramáticas normativas e os manuais didáticos, que raramente explicam fenômenos já consagrados na linguagem coloquial, não apresentam uma posição coerente e única quando se referem à forma **a gente**”. (VIEIRA; BRANDÃO, 2018, p. 105). Em todos os casos, o quadro dos pronomes pessoais do caso reto para referência à primeira pessoa do plural considera apenas o uso de **nós**, entretanto alguns pesquisadores como Bagno (2009), Duarte (2020) defendem a reorganização do quadro de pronominal para um mais atualizado, principalmente pelo surgimento dos pronomes inovadores como **você** e **a gente** e pelo desuso do pronome **vós** .

No português brasileiro, o quadro de pronomes se alterou profundamente ao longo da história da nossa língua. O desaparecimento do **vós** , o uso regionalmente do **tu** , a ampla difusão do pronome **a gente** e, principalmente, o uso universal de **você** provocaram uma reorganização do quadro de pronomes que, infelizmente, até hoje não é devidamente contemplada pelas gramáticas e pelos livros didáticos. (BAGNO, 2009, p. 230, grifos do autor)

O que Bagno afirma é reiterado por Duarte (2020), com sua pesquisa sobre o sujeito na diacronia. A autora reescreve um capítulo clássico referente a sua pesquisa de 1993 e apresenta um quadro com a evolução dos paradigmas flexionais e pronominais do PB entre o século XIX e XX.

Quadro 1 – Evolução dos paradigmas pronominais e flexionais do PB

	PRONOMES NOMINATIVOS	PARADIGMA 1 SÉCULO XIX	PARADIGMA 2 SÉCULO XX/1	PARADIGMA 3 SÉCULO XX/2
1PS	eu	<i>canto</i>	<i>canto</i>	<i>Canto</i>
1PP	<i>nós</i> <i>a gente</i>	<i>cantamos</i> --	<i>cantamos</i> <i>canta</i> ∅	<i>Cantamos</i> <i>canta</i> ∅
2PS	<i>tu</i> <i>você</i>	<i>cantas</i> --	<i>cantas</i> <i>canta</i> ∅	<i>Canta(s)</i> <i>canta</i> ∅
2PP	<i>vós</i> <i>vocês</i>	<i>cantais</i> <i>cantam</i>	— <i>cantam</i>	— <i>canta(m)</i>

3PS	ele, ela	cantaØ	cantaØ	cantaØ
3PP	eles, elas	cantam	cantam	canta(m)

Fonte: Duarte (2018, p. 85 *apud* DUARTE, 2020, p. 74).

Mesmo sendo um estudo de Duarte de 1993, em que a autora analisou um *corpus* correspondente a peças de teatro do Rio de Janeiro, escritas entre os séculos XIX e XX, os resultados correspondem aos encontrados entre o século XXI. Portanto, reafirmam a alteração no paradigma flexional do PB, devido à mudança no quadro de pronomes pessoais, neste caso, a inclusão dos pronomes **você** e **a gente**.

Segundo Duarte (2020, p.79), “Considerando a implementação de **a gente**, associado à desinência <-0>, e sua competição com **nós**, associado à desinência <-mos>, tínhamos razões para esperar profundas alterações na representação do sujeito pronominal.” Portanto, em seus resultados foi possível verificar que entre o período dos anos 1930 e 1950 ocorreu uma forte queda no uso de sujeitos nulos e a inserção do pronome **a gente**.

Em algumas gramáticas pesquisadas, a variante **a gente**, em alguns casos, é descrita como um fenômeno exclusivo da linguagem coloquial, como exemplo, a obra de Cunha (2008, p. 173), que a caracteriza como uma forma de tratamento para a primeira pessoa do plural: na “[...] linguagem coloquial, emprega-se **a gente** por **nós** e, também, por **eu** [...] e o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular”. Em outra obra de Cunha e Cintra (2007, p.310), os apontamentos são os mesmos.

Cegalla (2000) e Maia (2000) não apresentaram nenhuma referência à variável inovadora no quadro pronominal do português. Apenas Maia (2000) incluiu de forma depreciativa ao uso da variante **a gente**, fazendo referência ao fenômeno como um vício de linguagem.

Toda mudança também pode gerar desconforto e leva-se tempo para efetivamente ser implementada pelos grupos mais prestigiados e principalmente ser implementada na escrita. Os registros, na língua escrita, efetivamente demandam ainda mais tempo. Omena (1998, p.189) comenta que “pesquisas recentes, baseadas em língua falada, mostram que, no quadro dos pronomes pessoais, há uma expressiva diferença entre o que se fala e o que as gramáticas normativas da língua portuguesa registram”. O seu comentário já era muito pertinente no final da década de 1990 e suas afirmações eram baseadas em trabalhos que ocorreram ainda na década de 1980, portanto passados mais de 30 anos, pouca ou nenhuma mudança foi registrada no quadro pronominal pela maioria das gramáticas normativas.

Lamentavelmente, o que observamos é que muitas gramáticas normativas sequer fazem menção ao fenômeno linguístico e ainda ignoram a variante inovadora que já está em pleno uso por muitos falantes brasileiros. Nas próximas seções, apresentaremos estudos que registram a queda no uso do pronome **nós** e o uso quase categórico de **a gente**.

2.2 Estudos sobre a variação no uso dos pronomes **nós** e **a gente** na fala

As primeiras pesquisas relacionadas ao estudo da variação ao uso dos pronomes de primeira pessoa do plural (**nós/a gente**), desde o início, apresentavam registro de variação e indícios de uma possível mudança linguística em progresso. Nesta subseção, apresentaremos cinco pesquisas, como a de Omena (1998), que analisou dados de fala de informantes do Rio de Janeiro; Freitas (1991), que analisou dados de elocuições formais de informantes de Salvador/BA, Albán e Freitas (1991) também analisaram dados de fala de Salvador/BA; Lopes (1998), cuja resposta observou dados da fala culta de três capitais brasileiras (Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador); e Zilles (2007), que sintetiza resultados de algumas pesquisas realizadas através dos projetos VARSUL (1990) e NURC (1970), além de outros estudos.

O trabalho pioneiro sobre o uso variável dos pronomes **nós** e **a gente** em dados de fala iniciou com a pesquisa de Omena em (1998)¹⁴. A autora analisou 64 entrevistas (48 adultos e 16 crianças) do Projeto Censo¹⁵ (Censo da Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro). Na primeira fase do projeto foram coletadas 48 entrevistas estratificadas em sexo (feminino e masculino), escolaridade¹⁶ (1ª a 4ª série do 1º grau e 5ª a 8ª séries do 1º grau e 2º grau) e idade (15-25 anos; 26-49 anos; 50 anos ou mais). No ano seguinte, o projeto incluiu outras 16 entrevistas com crianças com idade entre 7 a 14 anos.

Omena (1998) controlou quatro funções sintáticas das variantes: adjunto adverbial, complemento nominal, sujeito e adjunto adnominal. Na função de sujeito, foram extraídos 3299 dados e destes 2270 representam o uso da variável **a gente**, ademais, o índice mais elevado foi registrado pelas crianças com 82% de frequência em comparação com os adultos (70%). Portanto, os resultados confirmam que, ainda na década de 1980, a forma

¹⁴A pesquisa foi realizada em 1986, mas a publicação ocorreu somente em 1998. Por isso inserimos 1986 entre colchetes ao mencionar esse trabalho.

¹⁵O projeto Censo visava à coleta de dados de falantes da norma não culta do PB residentes nas comunidades do estado do Rio de Janeiro. A coleta foi realizada entre os primeiros anos da década de 1980.

¹⁶Atualmente a nomenclatura que identifica o nível de escolaridade mudou para Ensino Fundamental anos iniciais (1º ao 5º ano), anos finais (6º ao 9º ano) e para ensino médio.

inovadora apresentava indícios da possível mudança linguística, principalmente pela influência da variável idade que decisivamente é estabelecida pelas gerações mais novas. Outros fatores linguísticos de destaque na variação, segundo a autora, são a disposição das formas na sequência do discurso, na saliência fônica verbal, no tempo e no aspecto das formas verbais e, por último, na indeterminação e no número maior ou menor de referentes.

Na primeira análise, a autora apresenta os resultados da “frequência e probabilidade de **a gente** na sequência do discurso”, os dados foram analisados em seis fatores, sendo destaque o fator na 1ª referência¹⁷, que apresentou o peso de (0.49) entre adultos e (0.54) entre as crianças. A maior ocorrência foi demarcada pela forma antecedente **a gente** com referente igual, entre os adultos (0.81) e entre as crianças (0.78), mas quando analisadas a forma **a gente** com referente diferente os valores diminuem para (0.65) para adultos e (0.65) para crianças.

Quando observados o uso de **a gente** e o fator antecedente **nós** com referente igual, os adultos registram apenas 0.14 e crianças 0.25, portanto, a autora nota que a probabilidade de uso de **nós** no mesmo contexto **nós** com referente igual é bastante alta de 0.86 para adultos e de 0.75 para crianças. Porém, quando o referente muda, os valores sofrem uma queda. Ao uso da forma **a gente**, os resultados são de 0.42 para adultos e 0.26 para crianças, mas na forma **nós** obteremos a probabilidade de 0.58 para adultos e 0.74 para crianças. Interessante notar que, neste último caso, a relação de **nós** em adultos sofreu uma queda, quando o referente não era igual.

A segunda variável analisada pela pesquisadora é a saliência fônica verbal, segundo a qual “se a concordância do verbo com o sujeito é sensível ao maior ou menor grau de saliência fônica verbal, supõe-se que o falante use mais a forma **nós** (com flexão verbal -mos) como sujeito, com formas verbais onde exista maior diferença fônica entre a 3ª pessoa do singular e 1ª do plural”. (OMENA, 1998, p. 199). Neste caso, sete fatores¹⁸ foram analisados. Os resultados apontaram o que a pesquisadora esperava. No nível 1, em que não há flexão do verbo pelo uso da forma no gerúndio, foi categórica a predominância do uso da

¹⁷ “Numa sequência discursiva, ao utilizar a forma *nós* ou *a gente* para nomear um referente, o falante pode estar usando-a pela primeira vez no contexto”. (OMENA, 1998, p. 193-194)

¹⁸Omena (1998, p.199-200) testou os seguintes grupos de fatores: 1) a mesma forma para ambas as pessoas: cantando; 2) conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência -mos: falava/falávamos; 3) infinitivo com acréscimo da desinência -mos ou formas semelhantes: cantar/cantarmos; 4) deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência -mos. Incluem-se aqui verbos em que há fechamento maior ou menor da vogal pretônica: fala/falamos; 5) redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência -mos: cantou/cantamos; 6) monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos, aumentando ou não de mais uma vogal, fechamento maior ou menor da vogal pretônica, acréscimo da desinência -mos: faz/fazemos; 7) diferenças fonológicas acentuadas: veio/viemos, é/somos.

forma **a gente**; no nível 2, a probabilidade de uso da forma **a gente** é de 0.68 para adultos e 0.87 para crianças. No nível 3, adultos representaram 0.65 e crianças 0.82 para uso da forma **a gente** e, no nível 4, a probabilidade de uso da forma inovadora em adultos é de 0.58 e 0.61 em crianças. Portanto, as formas verbais com menor saliência fônica favorecem o uso da forma **a gente** tanto em adultos como em crianças.

No terceiro momento da sua análise, Omena (1998) pesquisou dois aspectos importantes para o significado gramatical das formas verbais: o tempo e o aspecto. As ações dos tempos verbais (presente, passado, futuro e não marcado) influenciam ao uso das formas **nós** e **a gente**. Entre os resultados, as probabilidades para uso de **a gente** é maior nas ocorrências dos tempos não marcados e o presente (0.83 e 0.55, respectivamente) e na forma **nós** favorecem o tempo passado (0.64) e tempo futuro (0.75).

O quarto período analisou os fatores semânticos indeterminação e número maior ou menor de referentes com dados de fala dos adultos. Foram observados os fatores: grupo grande e indeterminado; grupo pequeno ou intermediário e indeterminado; grupo grande e determinado; grupo pequeno ou intermediário e determinado. Omena (1998, p. 203) apresenta três exemplos de sua análise:

nós falamos gíria, coisa que não tem nada a ver com aquilo que se há, né? (**nós** = os jovens, grupo grande, indeterminado).
 não é porque o aniversário dele é dia vinte e um que **a gente** não vai fazer não. **A gente** faz no outro sábado. (a gente = a turma dele, grupo intermediário, indeterminado).
 se briga. **A gente** sai no tapa (a gente = ele e o irmão, grupo pequeno [até 4 elementos, determinado]).

Neste processo, verificou-se que a relação grupo grande com maior número de pessoas, porém com referência indeterminada favoreceu ao uso da forma **a gente** (0.72). No entanto, no grupo grande e determinado é favorecido o uso da forma **nós** (0.72). Nos demais grupos, o que encontramos é uma neutralização, para Omena (1998, p.204) “a forma **a gente** está perdendo a marca da indeterminação, como aconteceu com *on* em francês, que na alternância com *nous* é caracterizado por Laberge (1977) como definido”.

Em uma segunda parte do seu estudo, Omena realizou uma nova distribuição de **nós** e **a gente** em outras funções, portanto, uma análise sem as ocorrências na função sujeito.

Tabela 1: Porcentagens e probabilidade de uso de **a gente** em todas as funções sem as ocorrências na função de sujeito

Fatores	Adultos		Crianças		Todos	
	Freq.	Prob.	Freq.	Prob.	Freq.	Prob.
Objeto Indireto	$\frac{60}{98} = 61\%$.53	$\frac{21}{21} = 100\%$	—	$\frac{83}{122} = 68\%$.56
Complemento nominal	$\frac{16}{20} = 80\%$.82	$\frac{7}{7} = 100\%$	—	$\frac{24}{29} = 83\%$.77
Objeto Direto	$\frac{53}{76} = 70\%$.48	$\frac{32}{35} = 91\%$.97	$\frac{86}{113} = 76\%$.52
Adjunto Adnominal	$\frac{28}{201} = 14\%$.06	$\frac{8}{36} = 22\%$.03	$\frac{36}{243} = 15\%$.05
Adjunto Adverbial	$\frac{36}{45} = 80\%$.77	$\frac{21}{21} = 100\%$	—	$\frac{57}{66} = 86\%$.81
Predicativo do Sujeito	$\frac{3}{3} = 100\%$	—	$\frac{1}{1} = 100\%$	—	$\frac{4}{4} = 100\%$	—

Fonte: Omena (1998, p.207).

Omena (1998) concluiu que o uso da forma **a gente** ocorre preferencialmente entre as funções de adjunto adverbial e complemento nominal. Entretanto, quanto ao uso das formas **nós** e **a gente**, a função complemento verbal demonstrou ser equilibrada entre ambas as formas. Apenas ocorre desfavorecimento ao uso da forma **a gente** na função de adjunto adnominal.

A autora reporta que, em sua análise linguística, o registro da alternância entre o pronome **a gente** + verbo na 1ª pessoa do plural (**a gente** comemos) e o **nós** + verbo na 3ª pessoa do singular (**nós** comeu) requer um estudo mais avançado e, portanto, é interessante realizar uma análise das influências sociais sobre as variáveis **nós** e **a gente**. A primeira variável observada foi a idade sobre a forma **nós**. Os resultados foram registrados de forma crescente, ou seja, conforme o aumento da idade diretamente se estabelecia o aumento ao uso da forma **nós**. Portanto a faixa etária de 7 a 14 anos apresentou a menor probabilidade de 0.26 e os informantes mais velhos com idade entre 50 a 71 anos registraram a maior probabilidade (0.78). Esse resultado é decorrente do período de nascimento dos informantes, por exemplo, um falante de 50 anos nasceu no início da década de 1930. Nesse período, início do século XX, registra-se as primeiras ocorrências ao uso do pronome inovador (**a gente**) conforme cita

Duarte (2020). Conseqüentemente a predominância será para o uso da forma conservadora **nós**, mas um período importante para difusão da nova variante. Na seqüência, Omena (1998) comparou o uso da forma **nós** com o fator idade e sexo.

Tabela 2: Atuação da idade e sexo sobre o uso da forma **nós**

Sexo	Masculino			Feminino		
	Freq.	%	Prob.	Freq.	%	Prob.
7-14 anos	<u>22</u> 288	8	0.23	30 285	11	0.30
15-25 anos	<u>31</u> 359	9	0.24	70 392	16	0.40
26-49 anos	<u>85</u> 385	23	0.53	158 359	45	0.74
50-71 anos	<u>175</u> 320	55	0.81	100 248	41	0.74

Fonte: Adaptada de Omena (1998, p. 314).

Os resultados mantêm o crescimento ao uso da forma **nós** conforme a elevação da idade. O crescimento mais abrupto ocorre entre as gerações 15 a 25 anos e 26 a 49 anos, sucedendo entre ambos os sexos. Observando o fator sexo, os homens mais velhos (50-71 anos) apresentam o uso mais elevado da forma conservadora (0.81), porém, entre os demais grupos, são as mulheres que predominam ao uso da forma **nós**. Esse resultado elevado, na faixa etária 26-49 anos, está interligado ao período em que a mulher é a grande responsável pela educação e criação dos filhos. Conseqüentemente, elas priorizam muito mais o uso da variante prestigiada no diálogo com os filhos, lembrando que, na década em que os dados foram coletados entre 1980 e 1981, as mulheres eram vistas como mais conservadoras no uso de variantes linguísticas. Atualmente, encontramos dados no IBGE (2021), demonstrando que essa realidade não mudou tanto assim, o “nível de ocupação de mulheres de 25 a 49 anos com crianças de até três anos em casa é de 54,6%, enquanto o das que vivem em domicílios sem crianças nessa faixa etária é 67,2%”. Portanto, é perceptível que quase metade das mulheres ainda não está inserida no mercado de trabalho e conseqüentemente torna-se a responsável pelos cuidados com os filhos.

Paiva e Silva (1998) consideram que as mulheres têm menos oportunidades sociais que os homens, principalmente, por estarem afastadas de situações interacionais que

prezam pelo uso mais formal da língua. Além disso, nesse período da década de 1980, a maioria das mulheres exerciam apenas as tarefas domésticas da casa, dessa forma, a interação com outros grupos sociais era muito limitada.

No que concerne à análise do fator escolarização, Omena (1998) observou que os dados são bem expressivos na ocasião em que são comparados os fatores idade e escolaridade das crianças. Portanto, os jovens com idade entre 7-14 anos demonstram resultados expressivamente diferentes quando observado o nível de escolaridade.

Tabela 3: Atuação da escolarização e faixa etária sobre o uso da forma **nós**

Escolarização	Idade	Frequência	%	Prob.
Primário ¹⁹	7-14 anos	$\frac{05}{299}$	=2	0.06
Ginásio	7-14 anos	$\frac{108}{340}$	=32	0.61

Fonte: Adaptada de Omena (1998, p. 317).

Notamos que as crianças que estão há mais tempo frequentando a escola passam a utilizar muito mais a forma **nós** em comparação com aquelas que estão na fase inicial dos estudos. Portanto, consideramos que as escolas possuem grande influência no repertório linguístico dos jovens, pois os estudos gramaticais baseados na gramática normativa enfatizam muito mais o uso da forma linguística de maior prestígio que, neste caso, é a variante conservadora.

Esse foi, sem dúvida, um importante trabalho que fomentou o rumo das novas pesquisas sobre o uso das variantes **nós** e **a gente** e que servirão de base para entender o comportamento atual dos dados pesquisados neste trabalho.

Albán e Freitas (1991) examinaram as formas pronominais do sujeito, **nós/a gente** do *corpus* retirado do projeto NURC/Salvador, analisando três inquiridos do tipo diálogo (informal), composto por dois informantes por inquirido. São duas faixas etárias participantes (F1: 25-35 anos) e (F3: mais de 56 anos), todos do sexo masculino, com nível superior e nascidos em Salvador.

¹⁹ Até 1971, a educação básica era dividida em primário (com quatro anos de duração), ginásio e colegial (com oito ou nove anos de duração).

Tabela 4: **Nós** ou **a gente** e a faixa etária

INQ	FAIXA ETÁRIA 3		FAIXA ETÁRIA 1	
	nós	a gente	nós	a gente
156	51 (66%)	26 (34%)	3 (60%)	2 (40%)
208	25 (51%)	24 (49%)	18 (21%)	67 (79%)
234	28 (80%)	7 (20%)	1 (8%)	12 (92%)
TOTAIS	104 (65%)	57 (35%)	22 (21%)	81 (79%)

Fonte: Albán e Freitas (1991, p.81).

As autoras observam que o uso do pronome **nós** ocorre com maior incidência entre os informantes com mais de 56 anos, registrando um total de 65% de ocorrência. Entre os informantes mais jovens, de 25 a 35 anos, ocorre a predominância pelo uso do pronome **a gente**, num total de 79%. Nesse cenário, podemos observar que a preferência pelo pronome inovador (a gente) já vem sendo manifestado pelos falantes mais jovens, e entre o grupo de informantes mais velhos prevalece o uso do pronome **nós**. Observamos que os dados analisados por Albán e Freitas (1991) foram coletados ainda na década de 1973 pelo Projeto NURC/Salvador e, portanto, os resultados vão de encontro ao que Omena (1998) analisou em seus estudos com informantes da década de 1980. Ressaltando que os dados do Projeto NURC visava à coleta de dados de informantes com ensino superior, com intuito de observar a norma culta da língua, já os dados de Omena (1998) são vinculados ao projeto PEUL, que por sua vez visava pelo estudo da norma não culta do português. Essas informações revelam que o pronome inovador vem ganhando espaço desde a década de 1970 entre as diferentes realidades urbanas do Brasil.

Freitas (1991) pesquisou o uso de **nós** e **a gente** em elocuições formais. Seu objetivo era analisar o uso dos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural no discurso formal, documentado em quatro textos de inquéritos do Projeto NURC/Salvador²⁰. São quatro participantes do sexo masculino, entre duas faixas etárias diferentes: faixa etária 1 (de 25 a 35 anos) e faixa etária 3 (acima de 56 anos). O projeto possui três tipos de categorias de texto, porém para análise deste estudo foram utilizadas as elocuições formais (aulas) de quatro cursos universitários.

²⁰ O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil (NURC) visa a coleta de dados de informantes com nível de escolaridade superior, falantes da norma culta do PB residentes entre cinco capitais brasileiras (Salvador, Rio de Janeiro, Recife, São Paulo e Porto Alegre).

Quadro 2: Informantes e inquiridos

INQ.	F. ETÁRIA DO INF.	CURSO/TEMA	CONTEÚDO DA AULA/ ATITUDE DO PROFESSOR
19	F1	Filosofia e outros. “Ciência da matéria no método experimental”.	Exposição da teoria, constatando-se um relacionamento informal entre professor e alunos.
31	F1	Jornalismo. “Dinâmica da reportagem fotográfica”.	Relato da evolução do fotojornalismo, enriquecido com a experiência pessoal do professor, de forma absolutamente informal.
20	F3	Arquitetura. “O arquiteto e a proteção dos bens culturais”.	Relato da ação do arquiteto na proteção dos bens culturais através dos tempos, acrescido da experiência pessoal do professor, de modo bastante formal.
34	F3	Biologia. “Angiospermas: ordem das papaverales”.	Exposição da teoria, seguida de sua aplicação, de modo relativamente formal, sendo o formalismo quebrado no momento em que faz considerações laterais.

Fonte: Freitas (1991, p.94).

Analisando o uso dos pronomes **nós** e **a gente** em elocuições formais, foram observados os seguintes resultados.

Tabela 5: **Nós** ou **a gente** em EFs (AULAS)

FAIXA ETÁRIA	INQ	NÓS	A GENTE	TOTAL
F1	19	43	-	43
	31	1	28	29
F3	20	36	1	37
	34	24	1	25
TOTAL		104 (77.6%)	30 (22.4%)	134

Fonte: Freitas (1991, p.97).

Notavelmente, a autora confirma a preferência a favor do pronome **nós**, sobre os textos apresentados. Observando a faixa etária dos informantes, é possível notar a preferência

pelo uso do pronome **nós** entre os informantes mais velhos. Nesse cenário, o interessante é a análise minuciosa que a autora realiza em cada inquirido. Observando o informante 20 e o informante 34 da faixa etária 3, ela notou uma única ocorrência pelo uso do pronome **a gente**, que sucedeu-se minutos antes de terminar a aula.

A autora observa que entre os informantes mais novos da faixa etária 1, ocorre uma diversificação ao uso dos pronomes. Começando pelo informante 19, que utiliza uma linguagem bastante informal em suas aulas, porém em nenhum momento registra o uso da forma **a gente**. O último informante 31 apresenta dados voltados preferivelmente ao uso da forma **a gente**. Apenas uma única vez registra em seu discurso a ocorrência da forma **nós**.

Freitas (1991) realiza alguns questionamentos finais sobre os resultados, principalmente pela divergência entre os informantes. Ela questiona quais fatores teriam influenciado o informante 31 a utilizar preferivelmente a forma **a gente**, visto que a variável idade não se ampara em suas escolhas, pois o outro informante da mesma faixa etária utilizou somente a forma pronominal **nós**. Outro questionamento poderia incidir sobre o grau de formalidade, mas, na faixa etária 3, foram registradas diferenças individuais que marcam aspectos distintos ao ministrar as aulas e mesmo assim ambos apresentaram a mesma incidência da forma **a gente**. Ao final, ela menciona que provavelmente outros fatores estão influenciando na fala do informante 31, mas que não foi possível observar neste estudo.

Lopes (1998) pesquisou a alternância entre o uso das formas **nós** e **a gente** no português falado culto do Brasil. Seu *corpus* foi constituído por 18 entrevistas do projeto NURC/Brasil, realizadas em três capitais brasileiras (Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador), portanto, são 6 informantes por cidade. Além disso, Lopes (1998) elencou três faixas etárias: F1 (de 25 a 35 anos), F2 (de 36 a 55 anos) e F3 (mais de 56 anos). Entre os fatores linguísticos e sociais, a autora analisa o paralelismo formal; sexo associado à faixa etária; saliência fônica; região geográfica; Eu-ampliado²¹; tempo verbal e modalização discursiva.

Foram obtidos 972 dados, 375 referentes ao uso da forma **nós** (39%) e 333 da forma **a gente** (34%), 187 ocorrências foram registradas ao uso do sujeito Ø com o verbo em na 1ª pessoa do plural (19%) e 77 referentes ao sujeito de 3ª pessoa do singular (8%). Na análise geral, observando na função de sujeito e na forma explícita ou não, foram encontradas 562 ocorrências de **nós** e 410 ocorrências para uso do pronome **a gente**.

²¹ O Eu-Ampliado condiz aos diferentes usos de expressão para as formas pronominais **nós** e **a gente**. Considera-se o eu(emissor), não-eu (receptor) e não-pessoa (alia).

Na sequência, apresentaremos dois fatores que serão pertinentes ao correlacionar com a nossa pesquisa, como é o caso do paralelismo formal. Lopes (1998) observa seis grupos dentro do paralelismo formal, começando pela série: 1ª referência e pela forma isolada. A autora observa que tanto a forma **nós** como **a gente** tem o peso relativo próximo ou igual a 0.50. Porém, quando selecionadas uma das formas, ela influencia nas formas subsequentes, ou seja, com uma tendência para a repetição da mesma forma. Nesse caso, foram expressivos os resultados na análise do sujeito não explícito com verbo na 1ª pessoa do plural (0.86) e na sequência com a forma **nós** precedida de uma oração introduzida por **nós** (0.79). Portanto, quando o falante utiliza na oração um antecedente como a forma **nós**, ele manterá uma probabilidade bem alta de uso da forma conservadora. O mesmo acontece com a forma inovadora (a gente), nesse caso o percentual é favorecedor quando o antecedente formal for **a gente** e quando o verbo encontra-se na 3ª pessoa do singular.

No fator faixa etária, os resultados de Lopes (1998) são equivalentes com os registros de Omena (1998). Portanto, entre os informantes da faixa etária de 25 a 35 anos ocorreu a predominância pelo uso da forma **a gente** (0.77), em contrapartida na faixa etária mais velha (mais de 56 anos), o registro maior foi com a forma **nós** (0.60).

Em relação ao fator sexo, as mulheres apresentam o registro mais elevado pelo o uso da forma **a gente** (.59), porém, entre os informantes do sexo masculino, a predominância ocorre pelo uso da forma **nós** (69%). Lopes (1998) compara a faixa etária com o fator sexo, para verificar se o fenômeno é uma variação estável ou uma mudança linguística. A autora observou que as mulheres registram uma configuração curvilínea, portanto, as jovens (25 a 35 anos) e idosas (mais de 55 anos) tendem a utilizar muito mais a forma inovadora em comparação às mulheres na faixa etária média (36 a 55 anos). Nesse contexto, a autora interpreta o fenômeno como uma variação estável. Na análise do fenômeno linguístico entre os homens, as características são de uma progressão contínua, ou seja, os informantes mais jovens utilizam mais a forma inovadora e os informantes mais velhos apresentam baixos índices pelo uso da forma **a gente**.

Zilles (2007) sintetizou vários resultados de pesquisas, entre eles estão os de sua própria autoria: Zilles (2005), Omena e Braga (1996), Fernandes (1999), Seara (2000) e Borges (2004). Os primeiros resultados são de um estudo em tempo aparente, na qual foram analisadas 39 entrevistas do banco de dados VARSUL/Porto Alegre, gravadas em 1990. Os participantes foram estratificados em sexo (feminino e masculino), faixa etária (25-49 anos e acima de 50 anos) e escolarização (escolaridade elementar - até 5 anos; escolaridade

intermediária – de 5 a 8 anos; escolaridade secundária – de 9 a 11 anos; e escolaridade pós-secundária - mais de 11 anos).

Na análise das variáveis sociais, os resultados foram mais expressivos entre os grupos de fatores sexo e idade. Na pesquisa, as mulheres e o grupo de faixa etária jovem lideram o uso da variante **a gente**. As mulheres registraram o peso de 0.55 e os homens 0.41. Com o grupo da faixa etária de 25-49 anos, o peso foi de 0.66 e entre o grupo acima de 50 anos o peso foi de 0.42. Na análise geral, o *input* (a probabilidade geral de uso de **a gente**) é de 0.85, ou seja, revela que a mudança linguística está em processo bem avançado.

No segundo momento, Zilles (2007) apresenta os resultados de pesquisa entre o projeto NURC e o VARSUL. O primeiro contempla 20 gravações da década de 1970 e o segundo compõe 16 gravações da década 1990, ambas as amostras são de Porto Alegre. O banco de dados é dividido entre sexo (masculino: 18 informantes; feminino: 18 informantes), idade (25 a 44 anos; 45 a 69 anos), escolaridade (educação universitária completa: 32 informantes; educação secundária: 4 informantes, estes pertencentes ao ano de 1990). Na descrição do banco de dados, não temos detalhes da divisão de informantes com relação aos grupos sexo, idade e escolaridade que realizaram as entrevistas na década de 1970 e 1990, ou seja, não temos uma exatidão de quantos participantes do sexo feminino ou masculino, além da faixa etária realizaram a entrevista na década 1970 ou 1990, apenas contamos com a informação de que quatro informantes da escolaridade secundária são da década de 1990. Na sequência, a autora apresenta os fatores sociais e seus respectivos resultados a partir da análise das duas décadas.

Tabela 6: Fatores sociais significativos no uso de **a gente**, estudo de tendência, 1970 e 1990 (dados do NURC e do VARSUL)

	N/Total	%	Peso
Faixa etária			
Jovens	633/865	73	0.64
Velhos	358/668	54	0.32
Década/entrevista			
1970 (NURC)	403/721	56	0.31
1990 (VARSUL)	588/812	72	0.67
Gênero			

Masculino	387/654	59	0.46
Feminino	604/879	69	0.53
Totais	991/1533	65	Input:0.74

Fonte: Zilles (2007, p.35).

Em sua análise, Zilles (2007) menciona que são significativas as diferenças entre a faixa etária e as décadas. Para a autora, o processo ocorreu de modo acelerado entre a segunda metade do século XX, por influência dos jovens. Dessa forma, a pesquisadora observou um crescimento vertiginoso no processo de mudança ao uso do pronome **a gente** entre os falantes nascidos no período de 1951 a 1975, registrando 82% de ocorrências. Logo, os informantes nascidos entre 1926-1950 registram um percentual de 67% e os nascidos nos anos 1900 e 1925 registram 24% de ocorrências.

Na sequência, Zilles (2007) analisa dados de quatro comunidades do Rio Grande do Sul, coletadas na década de 1990. Duas comunidades são bilíngues (Flores da Cunha²² e Panambi²³), a terceira comunidade é fronteira com a Argentina (São Borja) e a última é capital do estado (Porto Alegre). A autora observa que, nas cidades bilíngues, o percentual ao uso do pronome inovador (**a gente**) é menor em comparação com as outras cidades, porém todas apresentam ocorrências acima de 50%, ou seja, entre as cidades bilíngues o processo de mudança é mais lento em comparação com as demais.

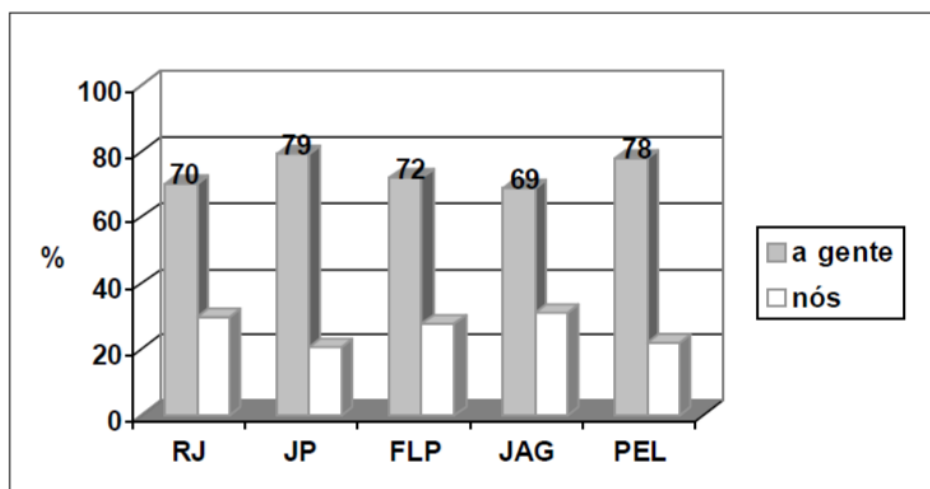
Em sua última análise envolvendo os estudos na referência à primeira pessoa do plural, Zilles (2007) apresenta resultados ao uso do pronome **a gente** em âmbito nacional. São pesquisas realizadas por alguns pesquisadores e que foram utilizadas pela autora para o cruzamento de dados. As informações correspondem a três capitais (Florianópolis, João Pessoa e Rio de Janeiro) e essas pesquisas foram elaboradas entre os anos de 1980 a 2000. Além dessas informações, Zilles (2007) compara dados de duas comunidades do Rio Grande do Sul (Pelotas e Jaguarão²⁴) no ano de 2004. O que ela observou é que entre as cidades de grandes centros urbanos, o registro ao uso do pronome inovador é mais elevado em comparação com as pequenas cidades, cuja grande parte da população vive em áreas rurais e, portanto, o contato linguístico e/ou bilinguismo, efetivamente promove um processo de mudança mais lento quanto ao uso da variante inovadora.

²² Bilíngues: italiano-português

²³ Bilíngues: alemão-português

²⁴ Cidade divisa com a fronteira do Uruguai

Gráfico 1- Percentuais de uso de **a gente** em amostras socialmente estratificadas (dados coletados entre 1980 e 2000)



Legenda: RJ: Rio de Janeiro, Sudeste (Omena and Braga, 1996); JP: João Pessoa, Nordeste; *corpus* do projeto VALPB (Fernandes, 1999); FLP: Florianópolis, Sul; *corpus* do projeto VARSUL (Seara, 2000); JAG: Jaguarão, Sul; *corpus* do projeto BDS-Pampa (Borges, 2004); PEL: Pelotas, Sul; *corpus* do projeto VarX (BORGES, 2004).

Fonte: Zilles (2007, p.37).

Reforçamos que, de acordo com os resultados apresentados em seu gráfico, todas as cidades apresentam um percentual elevado, ou seja, acima de 60% ao uso do pronome inovador **a gente**.

Atualmente, dispomos de estudos mais recentes como de Araújo, Araújo e Pereira (2020) que analisaram a fala popular de Fortaleza. Os autores investigaram 53 inquéritos do tipo D2 (Diálogo entre Dois Informantes) obtidos do Projeto NORPOFOR (Norma Popular de Fortaleza) cujos dados foram coletados entre os anos de 2003 e 2006. Na análise da variável dependente no caso da variação pronominal de 1ª pessoa do plural (**nós/a gente**), o resultado obtido foi de 66% pelo uso da forma **a gente** e 34% pelo uso da forma **nós**. Foram significativas as seguintes variáveis independentes: Preenchimento do sujeito, Faixa etária, Tipo de verbo, Referência **nós/a gente**, Posição do pronome em relação ao verbo e Simetria entre os interlocutores.

Na análise das variáveis, os resultados apresentados no decorrer do texto incidem sobre a forma **a gente**. O fator preenchimento do sujeito foi significativo no preenchimento com peso relativo de 0.586, já na forma pronome nulo o peso foi de apenas 0.015. A segunda variável é a faixa etária, demonstrou ser expressiva entre o grupo mais jovem (15 a 25 anos) com peso relativo de 0.705. A variável tipo de verbo demonstrou ser importante entre os

verbos *dicendi* (0.981), seguido do verbo epistêmico (0.587). Os verbos *dicendi* incluem respectivamente aos verbos, dizer, falar, contar, responder e explicar. No exemplo citado pelos autores, encontramos a ocorrência do verbo na seguinte frase “como **a gente** falou daquela bê érre que alargou... que é caminho para as praias (D2 77).” (ARAÚJO *et al.*, 2020, p.116). Já o verbo epistêmico representa a atividade mental, podemos citar como verbos: saber, conhecer, pensar, acreditar, imaginar, entender, compreender, gostar, entre outros. Na análise da referência **nós/a gente**, o fator referência genérica é favorecido por 0.727, ou seja, a forma **a gente** é utilizada para ser um referente de um grupo amplo, já no fator referência específica o peso relativo é de apenas 0.441, portanto, é o referente de um grupo pequeno ou intermediário, como no exemplo “era eu e a:: L. do A. chorando com medo do M. morrer ((risos))... hoje quando **nós** lembramos (D2 156).” (ARAÚJO *et al.*, 2020, p.118). A variável posição do verbo antes ou depois do pronome **a gente**, demonstrou ser mais significativa depois do verbo (0.825) e apenas 0.486 antes do verbo. Por último, é analisada a simetria entre os interlocutores. Nessa análise, observou-se que o fator muito simétrico (0.546) representou o favorecimento para uso da forma **a gente**. Os autores mencionam que foram controlados alguns fatores como sexo e faixa etária iguais para obter um controle entre os falantes pelo uso da variante inovadora. Já o fator parcialmente simétrico demonstrou ser desfavorável pelo uso da forma **a gente** (0.412), ele é composto por informantes da mesma faixa etária, porém de sexos diferentes. Outra análise foi realizada com o grupo composto por falantes parcialmente assimétricos, ou seja, idades diferentes e mesmos sexos, também desfavorecem pelo uso da variante inovadora (0.385).

Ao final, elencamos o trabalho de Freitas e Carvalho (2020), que aplicaram um questionário de avaliação linguística e social com 65 alunos do curso de letras da UFC, os informantes participaram das disciplinas de “Sociolinguística” e “Língua portuguesa: Vocábulo”. O questionário objetiva avaliar o uso das formas **nós** e **a gente** em contextos de formalidade e informalidade. Na primeira questão, os estudantes da UFC avaliaram que a forma **nós** é a mais formal (44,72%), já o uso da forma **a gente** foi considerada como informal (41,46%) e apenas 11,38% consideraram ambas as ocorrências como opção de uso em contextos de formalidade e informalidade. A segunda pergunta caracteriza uma autoavaliação, ela indagava se os informantes saberiam dizer qual a forma pronominal mais presente em sua fala. O resultado mais expressivo foi pela alternância entre ambas as formas (46,15%), na sequência o uso pela forma **a gente** representa um percentual de 38,46%, e com um pouco

mais de 7%, os informantes selecionaram a opção pelo uso da forma **nós**. 7% declararam não saber qual forma é a mais predominante.

Os resultados perante o uso das formas pronominais na escrita representou 100% pelo uso da forma **nós** em gêneros escritos formais; contudo, em gêneros escritos informais, como *whatsapp* e bilhetes, a opção foi de 66,15% para a forma **a gente**, 20% pelo uso da forma **nós** e 13,85% não souberam informar qual a forma pronominal mais utilizadas em seus textos.

Na última autoavaliação, a pergunta indagava se existiria uma forma pronominal correta. No resultado, 83,08% afirmaram não existir nenhuma forma correta entre o uso das formas **nós** e **a gente**, e 16,92% acreditam que o pronome **nós** é a mais correta.

Na segunda parte da pesquisa, as autoras analisaram a avaliação dos pronomes **nós** e **a gente** com concordância não-padrão. A primeira pergunta indagava qual seria a residência do informante pelo uso da frase: “**nós** tava defendendo nosso povo do Brasil”. O fato de não ocorrer concordância do pronome **nós** resultou numa avaliação de 29,19% para um uso de fala do interior do estado. Todavia, 27,03% acreditam que a fala pertence a moradores da periferia e 17,84% a fala seria de fortalezenses. Ainda foram selecionadas as opções moradores de bairros intermediários (14,59%); moradores de fora do estado (7,03%) e moradores de bairros centrais de Fortaleza (4,32%). A segunda questão, indagava a mesma avaliação, porém para a seguinte frase: “**a gente** tínhamos que ser polivalente com a farmácia de meu esposo”. Nesse caso, os índices indicaram um percentual de 23,08% para uma fala de fortalezenses e também com o mesmo percentual para uma fala do interior do estado, os informantes também acreditam que essa fala possa ser de moradores de bairros periféricos (20,12%); logo, 18,34% acreditam que a frase pertença a moradores de bairros intermediários e apenas 9,47% para uma fala de fora do estado. Por último, ficou representada a fala de moradores de bairros próximos ao centro (5,92%).

Por ser uma pesquisa de avaliação linguística e social sobre o uso das formas pronominais (**nós/a gente**) as autoras consideraram que

[...] o estigma social relacionado à variável de primeira pessoa do plural se resguarda às formas de concordância não-normativa, porém, o “a gente” ainda luta para ser aceito na norma padrão e na escrita formal, que mais se assemelha às normas da gramática tradicional. (FREITAS; CARVALHO, 2020, p.141)

Visivelmente por se tratar de informantes universitários, estudantes de Letras, é importante observar que a forma inovadora **a gente** vem ganhando espaço entre o grupo

acadêmico, e que possivelmente eles estarão inserindo essa forma pronominal (**a gente**) no campo da educação formal.

Para avançar na discussão dos estudos sobre o uso das variantes de primeira pessoa do plural, realizamos um levantamento bibliográfico em pesquisas que abordaram a referência à primeira pessoa do plural no estado de Santa Catarina.

2.2.1 Estudos sobre a variação de **nós** e **a gente** no estado catarinense

No estado catarinense, alguns estudos demonstram que a variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural percorre as mesmas incidências das demais regiões brasileiras. Elencamos sete pesquisas que possibilitam observar a variação linguística dentro do estado e que, portanto, são relevantes para nossa pesquisa.

Quadro 3: Pesquisas sobre o uso dos pronomes **nós** e **a gente** realizadas com dados de informantes de Santa Catarina

Ano	Autor	Gênero acadêmico	Título
2000	Izabel Christine Seara	Artigo	A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana
2002	Andréa Maristela Bauer Tamanine	Dissertação	A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina
2004	Ivanilde da Silva	Dissertação	De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial
2009	Ana Kelly Borba da Silva Brustolin	Dissertação	Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da rede pública de Florianópolis
2011	Lucelene Teresinha Franceschini	Tese	Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia-SC
2013	Gloria Elizabeth Riveros Fuentes Strapasson; Izete	Artigo	Presença dos pronomes pessoais tu/você e nós/a gente na narrativa de experiência

	Lehmkuhl Coelho		pessoal ²⁵ dos indivíduos da cidade de Caçador- Santa Catarina
2013	Silvana Regina Nascimento Agostinho	Dissertação	A variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita de alunos do Ensino Fundamental

Fonte: elaborado pela autora (2021).

O primeiro trabalho foi realizado por Seara (2000) e tratou da variação do sujeito **nós** e **a gente** na fala florianopolitana com base em uma amostra de entrevistas do Projeto VARSUL. O *corpus* analisado é composto por entrevistas de 12 informantes moradores da cidade de Florianópolis, estratificados por dois níveis de escolaridade (primário e colegial), sexo (6 masculino; 6 feminino) e por três faixas etárias (quatro informantes com idade entre 15 a 24 anos; quatro informantes de 25 a 50 anos e quatro informantes com mais de 50 anos).

Sua análise consiste na observação do comportamento de três variáveis sociais (escolaridade, sexo e idade) e sete variáveis linguísticas (tempo verbal, marca de primeira pessoa do plural na forma verbal, fluxo discursivo, graus de conexão do discurso, paralelismo formal, *status* sintático da oração e traço semântico do sujeito). A autora observou que 72% dos informantes utilizam a variante **a gente**. Entre os fatores controlados, os resultados mais expressivos foram encontrados no uso do tempo verbal, sexo, traço semântico do sujeito e faixa etária.

Observando os resultados na análise das variáveis sociais, as informantes do sexo feminino apresentaram a maior ocorrência para uso da forma inovadora (0.66). No grupo faixa etária, os resultados foram expressivos entre os informantes de 15 a 24 anos (0.69), seguido do grupo de 25 a 50 anos (0.51); porém, no grupo com mais de 50 anos, os índices foram baixos apenas de 0.40. Os dados de Seara (2000) se assemelham aos de Omena (1998), ou seja, a queda ao uso da forma **nós** se inicia pela faixa etária mais velha, cai para o grupo intermediário e sofre um grande desfavorecimento entre os mais jovens. A autora conclui que o processo na alternância entre as formas **nós** e **a gente** está progressivamente passando de variação para uma mudança linguística.

Em relação ao fator escolaridade, a autora pretende observar se com o aumento da escolaridade os informantes passam a empregar mais o uso da variante prestigiada, pois na

²⁵ O método da narrativa de experiência pessoal, segundo Tarallo (2001), minimiza os efeitos negativos que o gravador e o pesquisador possam provocar durante a entrevista. Na narrativa pessoal, o entrevistado apresenta certo grau de concentração quando relata suas experiências, o que se explicaria por um fenômeno de ordem psicológica no qual o entrevistado revive o estado em que se encontrava durante o evento e, dessa maneira, o sujeito presta menos atenção à própria fala.

prática escolar o ensino é mais voltado ao uso das formas padrão. Em seus resultados, os informantes com escolaridade colegial registram 0.56 ao uso pronome **nós** e entre os informantes de nível primário o percentual cai para 0.46, portanto a autora confirma a tendência de uso da forma conservadora com o aumento da escolaridade.

Quando observados os fatores sexo e faixa etária, as mulheres elevam o uso do pronome **a gente** em dois momentos de 15 a 24 anos e mais de 50 anos (95% e 86%, respectivamente). Nesse período, as ocorrências foram registradas baixas pelos homens (31% e 36%, respectivamente), porém os informantes na faixa etária intermediária (25 a 50 anos) registraram uma elevação acentuada (74%). Surpreendentemente, nesse período, as mulheres apresentaram um decréscimo de 63%. Os resultados da faixa etária intermediária entre ambos os sexos intriga a autora, pois nesse período os homens são considerados mais conservadores, pela influência da sua atuação no mercado de trabalho. Contudo, as mulheres também passaram a integrar esse ofício de trabalhadora profissional, portanto, na visão de Seara (2000), elas passam a monitorar o uso das formas mais prestigiadas, mas ela é cautelosa, afirmando que os dados merecem um estudo qualitativo, a fim de observar quais atividades são exercidas pelos informantes.

Uma segunda justificativa para o comportamento das mulheres na faixa etária intermediária é apresentada por Silva e Paiva (1998, p. 367): “É possível que esta diferença de comportamento linguístico entre homens e mulheres esteja relacionada ao papel mais efetivo da mulher na socialização das crianças”. Portanto, as mulheres mudam de comportamento pela influência na criação e educação dos filhos, ou seja, ela se sente “responsável pela transmissão das normas de comportamento social, dentre elas o linguístico, à mulher cabe a obrigação de ser o modelo exemplar”. (SILVA; PAIVA, 1998, p.367-368).

O estudo de Tamanine (2002) consiste na análise de dados do VARSUL das cidades catarinenses de Chapecó, Blumenau e Lages. Foram analisadas 24 entrevistas por cidade, com um total de 72 informantes. O objetivo da pesquisa foi descrever a alternância do pronome **nós/a gente** na posição de sujeito, além disso, Tamanine (2002) investiga o turno de fala, ou seja, como ocorre a sucessão de uso de duas (sequência binária) ou até três formas pronominais (sequência ternária) em um mesmo turno. Foram controladas 10 variáveis linguísticas e quatro sociais.

Os resultados de sua pesquisa apontaram para a ocorrência de 55% ao uso do pronome **a gente**, com uma margem de diferença de apenas 5% para o uso de **nós**. Em referência ao uso dos pronomes nas sequências isoladas, binárias e ternárias, os resultados

apontaram para elevado índice de uso isolado (74%), seguida da sequência binária que apresentou 19% de ocorrências e a sequência ternária registrou apenas 7% de ocorrências. Perante os resultados por localidade, Blumenau apresentou o maior índice ao uso do pronome **a gente** (60%) e Chapecó o maior índice ao uso do pronome **nós** (52%). Contudo a cidade registra uma diferença mínima de apenas 2%, dessa forma, o pronome **a gente** possui uma representação significativa na fala dos informantes chapecoenses. A cidade de Lages também apresenta resultados significativos pelo uso da forma inovadora com um percentual de 58% de ocorrência.

Em relação aos resultados por faixa etária, os jovens tendem a utilizar mais o pronome inovador nas três cidades catarinenses, enquanto isso, entre os falantes mais velhos, duas cidades registram índices relativamente expressivos para uso do pronome **nós**. Nessa faixa etária (mais de 50 anos), Chapecó foi a cidade que mais concentrou ocorrências ao uso pronominal **nós** (69%). Contudo, a cidade de Lages se distingue das demais quando registra um percentual alto ao uso do pronome **a gente** com 62% de ocorrência. Esses resultados revelam que os jovens impulsionam o processo de mudança entre as variantes.

Entre os fatores escolaridade e localidade, Blumenau foi a cidade que registrou maior índice de uso da forma **a gente** (mais de 60%) entre os três níveis de escolaridade (primário, ginásio e secundário). Logo, na sequência, vem Lages com um percentual acima de 55% entre os três níveis. A cidade de Chapecó, por sua vez, tem uma preferência mais elevada pelo uso da forma **nós** entre os informantes com níveis primário (57%) e secundário (52%), contudo o uso das formas **nós** e **a gente** entre os níveis ginásio e secundário fica próximo ao ponto neutro.

Na análise dos condicionantes sexo e localidade, Tamanine (2002) registrou, na cidade de Blumenau, a preferência pelo pronome **a gente** entre ambos os sexos (F: 61% e M: 63%). Quando analisados os dados do sexo masculino, o índice é mais elevado entre as cidades de Blumenau e Lages (63% respectivamente entre ambas as cidades). Na cidade de Chapecó, os informantes masculinos representam o uso do pronome inovador em apenas 44%, já as mulheres registram 54%. Portanto, na análise dos dados, os homens lideram o processo de mudança.

Tamanine (2002) observou o paralelismo formal como uma atuação dentro das sequências binárias e ternárias. Na sequência binária igual²⁶ (fator de aplicação a gente/a

²⁶ De acordo com Tamanine (2002, p.85) “se o falante usa a primeira forma verbal sem marca, há uma forte tendência para que faça o mesmo junto à segunda forma verbal, ou o contrário, se usa marca junto ao primeiro verbo, marcará também a forma verbal seguinte”.

gente) os resultados para o paralelismo das marcas verbais Ø/Ø foram de .91, portanto, a forma verbal ocorre sem marca quando aplicado ao pronome **a gente**. Na sequência binária mistas (fator de aplicação a gente/nós) as marcas Ø/-mos foram de .80, ou seja, o uso de **a gente** ocorre mais com a desinência Ø e o uso de **nós** com a desinência -mos. A autora também comparou as sequências ternárias iguais com as sequências ternárias mistas (p.92) e as sequências ternárias iguais (p.97).

Silva (2004) analisou a variação entre os pronomes **nós** e **a gente**, utilizando uma amostra de 32 informantes. O *corpus* é composto por 16 entrevistas colhidas na cidade de Blumenau/SC e as outras 16 foram coletadas da atração televisiva, “Programa Jô”. Os informantes da cidade de Blumenau eram profissionais vinculados a um hospital da cidade²⁷, cuja coleta foi realizada entre os anos 2001 e 2002. As informações do programa de televisão são referentes às exibições entre os anos de 2003 a 2004. Para a composição do *corpus*, os informantes foram classificados de acordo com o sexo e a faixa etária; porém, para a constituição da escolaridade, a autora optou pelo mesmo nível de escolaridade, ou seja, ensino superior.

Seu objetivo era analisar, na fala de informantes graduados de diversas áreas, o uso das variantes **nós** e **a gente** na posição de sujeito e as realizações das desinências -mos e Ø. Outro fenômeno observado buscava compreender como se caracterizavam as expressões de sujeito **nós** e **a gente**, ou seja, como as referências eram designadas para o eu/emissor, eu+tu, eu+ele(s).

Para a análise dos dados, a autora utilizou três variáveis linguísticas (multiplicidade referencial, manutenção ou não do referente, referência temporal) e duas sociais (sexo e faixa etária). Os resultados se apresentaram de forma equilibrada, a ocorrência da forma pronominal **a gente** registrou 51% e a forma **nós** 49%. Perante as variáveis linguísticas os resultados na análise da manutenção ou não do referente apresentaram índices próximos aos encontrados no estudo realizado por Omena (1998): no caso da 1ª referência o resultado foi de .52; portanto, com tendência mais equilibrada entre a escolha das formas (nós/a gente). A autora registrou fato semelhante em seu estudo e cita que “uma vez escolhida a forma, essa escolha atua sobre o uso das formas subsequentes, até que um novo fator atue, provocando nova escolha”. (OMENA, 1998, p. 197). Silva (2004) constata que após a escolha entre uma das formas, a tendência é repetir sem mudar o referencial. Na análise sobre a

²⁷ Uma ressalva em relação a essas entrevistas: elas não foram realizadas pela autora e sim por uma jornalista, dessa forma, a autora não tem garantia de que os informantes são nativos da região, podendo inclusive ter participação de informantes nativos de outros países

desinência -mos com referente igual, o peso relativo foi de .34 e quando o referencial muda o peso relativo baixa para .19. A autora observou que os dados sobre o preenchimento do sujeito *versus* o não-preenchimento indicaram tendência para o preenchimento, confirmando os diversos estudos de Duarte (2020) sobre o preenchimento do sujeito no PB. Desta forma, dos 443 dados referentes ao pronome **a gente**, 422 foram referentes ao preenchimento e apenas 21 para a ausência. Os dados referentes ao pronome **nós** indicam que, do total de 421 dados, apenas 287 são de preenchimento e 134 de ausência pronominal. O que a pesquisadora observa desses resultados é de que a tendência gramatical do pronome **a gente** é favorável para o preenchimento, portanto este será o novo percurso do pronome inovador no PB, pois a presença de nulos é quase zero.

Analisando as variáveis sociais, Silva (2004) encontrou semelhanças com os resultados de Omena (1998), ou seja, o uso da forma inovadora está mais presente entre os informantes mais jovens. Na pesquisa, a forma pronominal **a gente** teve o percentual de 64% entre os informantes de 25 a 40 anos, entre os mais velhos (mais de 47 anos) registra um percentual mais baixo com apenas 39% de ocorrência. Perante a análise dos fatores sociais idade e sexo, os resultados apontaram que a forma pronominal **a gente** é mais frequente na fala dos entrevistados jovens e entre as informantes do sexo feminino.

Dando sequência às pesquisas desenvolvidas no estado catarinense, encontramos a dissertação de Brustolin (2009) cujo trabalho analisou a variação entre os pronomes **nós** e **a gente** em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental em quatro escolas da rede pública de Florianópolis. O *corpus* foi constituído através da análise de 393 produções escritas e 85 entrevistas, em que os alunos expuseram suas experiências pessoais. Dessas amostras, foram coletados 1.667²⁸ dados com os pronomes **nós** e **a gente** entre a fala e a escrita. A coleta de dados ocorreu em outubro de 2008. Entre os fatores, foram analisados a marca morfêmica do verbo que o acompanha (-mos, zero); sujeito preenchido e nulo; modalidade de fala: escrita e oral; saliência fônica; paralelismo formal; sexo (feminino, masculino), faixa etária (de 10 a 19 anos), e escolaridade (5^a, 6^a, 7^a e 8^a série). O trabalho objetivou verificar se o pronome **a gente** está de fato inserido na fala e na escrita dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Em sua análise de dados, a autora constatou 424 ocorrências ao uso do pronome **a gente** e 1.243 ocorrências ao uso do pronome **nós**. Para a pesquisadora, o uso da forma inovadora **a gente** está se efetivando na língua, tanto na modalidade escrita como na oral, entre os jovens do Ensino Fundamental. Na análise da

²⁸ A autora ressalta que foram coletados os dados de escrita das quatro escolas, contudo os dados de fala foram coletados apenas de uma escola.

variação estilística, o pronome **a gente** é bem mais marcado na modalidade oral (0.86), porém na escrita, os resultados foram considerados expressivamente altos (0.37) levando-se em conta o grau de monitoração dos alunos na elaboração do texto.

Na análise da marca morfêmica, foram registradas quatro possibilidades de concordância verbal (**nós/-mos**, **nós/Ø**; **a gente/-mos**, **a gente/Ø**), contudo a predominância maior é marcada pelas formas **nós** com **-mos** (verbo na 1ª pessoa do plural) e **a gente** com **Ø** (verbo na 3ª pessoa do singular). Os resultados confirmam que a ocorrência ao uso do pronome **a gente** ocorre pela marca morfêmica **Ø** (zero) com 83% na modalidade de escrita e, na modalidade oral com 89% de ocorrência. Contudo, na forma pronominal **nós**, a concordância é maior na marca morfêmica **-mos** que registra 98% de ocorrência entre ambas as modalidades (escrita e oral).

Na análise dos fatores sociais, os resultados mais expressivos foram registrados a favor dos condicionadores sexo e série. Brustolin (2009), em sua análise, observa que as mulheres utilizam muito mais a variante inovadora **a gente** com 29% de frequência em relação aos homens, com 20% da frequência. Porém, em seu estudo, observa que os resultados são baixos comparados com as demais pesquisas, mas acredita que estejam correlacionados à soma dos resultados da fala e da escrita.

Os resultados do fator série apresentam quatro classes para análise (5ª, 6ª, 7ª e 8ª série). Sua hipótese é de que, na modalidade de escrita, os alunos das duas primeiras séries registrem maior ocorrência pelo uso do pronome **a gente** e nas demais séries esse número reduziria em decorrência de a escola predominar pelo uso do pronome **nós**. No entanto, na modalidade oral, ela acredita que predomine o registro do pronome inovador **a gente** em todas as séries, pelo fato de as entrevistas serem mais espontâneas.

Tabela 7: Frequência de **a gente**, segundo cruzamento entre as variáveis fala/escrita e série

SÉRIE	Aplicação/Total ESCRITA	% ESCRITA	Aplicação/Total FALA	% FALA
5ª série	50/234	21%	93/135	69%
6ª série	46/374	12%	80/129	62%
7ª série	37/280	13%	28/50	56%
8ª série	41/396	10%	49/69	71%
TOTAL	174/1284	14%	250/383	65%

Fonte: Brustolin (2009, p. 197)

Os resultados encontrados apresentam a variação do pronome **a gente** na modalidade de escrita, porém com uma pequena diferença entre as séries 6^a e 7^a, mas que não invalidam a hipótese da pesquisadora. Na modalidade oral, os resultados confirmam sua hipótese e revelam um dado surpreendente, com a 8^a série foram registrados o equivalente a 71% de ocorrências ao uso do pronome **a gente**.

Outra pesquisa importante foi realizada por Franceschini (2011). A autora analisou a variação pronominal do **nós/a gente** e do **tu/você** na fala de moradores da cidade de Concórdia/SC. Para a composição do *corpus*, a autora utilizou 24 entrevistas, coletadas nos anos 2007 e 2010. Além disso, foram levados em consideração três níveis de escolaridade (ensino fundamental I e II e Ensino médio), sexo (feminino e masculino) e duas faixas etárias (26 a 45 anos; 50 anos ou mais). Especificamente, observando os resultados na análise dos pronomes **nós** e **a gente**, a pesquisadora observou em sua análise geral que o uso de **nós** e **a gente** na forma explícita e implícita, gerou um percentual aproximado de 50% de ocorrência. Portanto, de 1.553 dados, 783 foram registrados ao uso do pronome **a gente** e 770 ao uso do pronome **nós**.

Tabela 8: Distribuição de **nós/a gente**: faixa etária, sexo e escolaridade

GRUPOS DE FATORES		NÓS		A GENTE	
		Aplic/N	%	Aplic/N	%
FAIXA ETÁRIA	26 a 45 anos	359/805	45	446/805	55
	50 ou mais	411/748	55	337/748	45
SEXO	Feminino	476/901	53	425/901	47
	Masculino	294/652	45	358/652	55
ESCOLARIDADE	Fundamental I	212/460	46	248/460	54
	Fundamental II	216/463	47	247/463	53
	Médio	342/630	54	288/630	46
TOTAL		770/1553	50	783/1553	50

Fonte: Adaptada de Franceschini (2011, p.223).

Observando os dados da Tabela 09, é perceptível que a diferença é mínima entre o uso dos pronomes **nós** e **a gente**. A faixa etária mais jovem vem demonstrando o que as

demais pesquisas já apresentam: a maior incidência pelo uso do pronome inovador **a gente**. A predominância do pronome **a gente** também é destaque no grupo de sexo masculino e ao grupo de escolaridade I. No entanto, os dados de Franceschini (2011) registram um leve aumento ao uso do pronome **nós** conforme a elevação da escolaridade.

O trabalho de Strapasson e Coelho (2013) estuda a variação pronominal do **tu/você** e o **nós/a gente** em informantes moradores de Caçador - SC, mais precisamente de uma comunidade de imigrantes alemães, italianos e de outras etnias vindos de outras partes do Brasil. Por interesse em observar a variação e a mudança linguística, as autoras têm como hipótese que o uso do pronome **a gente** ocorra preferencialmente em diálogos informais e o uso do pronome **nós** em momentos formais, onde há incidência de maior monitoramento. A pesquisa pretende observar como é determinado o uso dos pronomes, através do método da narrativa de experiência pessoal do informante. Dessa forma, as autoras observaram as variáveis sexo e escolaridade. Os resultados apresentados demonstram que as formas aparecem em alternância na fala dos informantes e, o mais visado pelo fator sexo é o uso do pronome **a gente**. O que surpreende são os resultados do fator escolaridade em que houve maior uso de **nós** com informantes com menor instrução escolar. Na representação ao uso do pronome **a gente**, a forma inovadora é mais representativa com os informantes com maior nível de escolaridade. É evidente que o estudo contradiz grande parte das pesquisas já relacionadas sobre o tema, porém as autoras ressaltam que o fenômeno pode ser causado primeiramente pelo cuidado e monitoração dos entrevistados, causando a elevação do pronome **nós** na fala dos informantes com Ensino Fundamental. No outro caso, o pronome **a gente** mesmo sendo mais presente na fala dos informantes com ensino superior revela de acordo com as autoras Strapasson e Coelho (2013, p.67), “um indicador de estabelecimentos de limites de ordem linguística ao pretender demonstrar uma situação de mais conforto e descontração dentro do contexto em que se encontra”. Neste caso, consideramos o fenômeno como um comportamento da variação estilística, em que a própria fala é monitorada para as diferentes situações.

Agostinho (2013) investigou a variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita de alunos do Ensino Fundamental em duas escolas públicas de Itajaí/SC. Para a composição do *corpus*, a autora utilizou duas amostras: a primeira foi uma produção textual dos alunos do Ensino Fundamental (5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries) e a segunda foi a utilização de questionários e testes para avaliar a percepção sobre aceitabilidade ou não dos professores com relação a algumas formas que se manifestam na fala e são registradas na

escrita. Além disso, os professores corrigiram uma produção textual de 8ª série que foi reorganizada pela autora. Para os alunos, foram entregues um questionário socioeconômico e outro questionário referente às preferências dos alunos com relação ao ensino da língua portuguesa.

Foram observadas como variáveis dependentes, o pronome **nós** e suas respectivas concordâncias; o sintagma nominal de primeira pessoa do plural e suas respectivas concordâncias e o pronome **a gente** e suas respectivas concordâncias. Nas variáveis independentes, foram selecionados 17 fatores, entre eles, sete linguísticos, oito sociais e dois estilísticos. No grupo de fatores linguísticos, a autora observou a conjugação verbo, tempo e modo verbal, realização do sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo, alternância de vogal temática, posição do acento na forma verbal alvo, saliência fônica. Na sequência, foram analisados os grupos de fatores sociais: escolaridade dos alunos, sexo, escola, escolaridade do pai ou do responsável do sexo masculino, escolaridade da mãe ou responsável do sexo feminino, profissão do pai ou responsável, profissão da mãe ou responsável e origem do aluno (cidade/estado). Quanto aos fatores estilísticos, a autora analisou o discurso e o tópico ou assunto/tema.

Entre alguns dos resultados apresentados pela autora, destacamos: a concordância verbal de primeira pessoa do plural é variável tanto na fala quanto na escrita, sendo aplicadas nas três variáveis dependentes. Entre os grupos de fatores linguísticos destacam-se: tempo verbal e a realização do sujeito. Já nos grupos de fatores sociais, o destaque ficou com a escolaridade e escolaridade dos pais, confirmando a influência da escola pela procedência de um ensino voltado mais a forma padrão. Dessa forma, a escola 1 (mais privilegiada) também foi a mais representativa ao uso da forma padrão, destacando-se as três variáveis dependentes. A autora ainda ressalta o resultado expressivo ao uso da forma **a gente**, que apresentou uma ocorrência de 37% (76/208) para a concordância verbal na primeira pessoa do plural.

Dos resultados referentes aos questionários aplicados, na opinião dos alunos e professores, destacam o velho conceito do “erro” no ensino da língua portuguesa. Porém, uma boa parcela dos educadores ressalta a importância por mais formações na área da sociolinguística, pois demonstra certa insegurança para trabalhar com os fenômenos da variação. Além disso, alguns professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental declararam nunca terem ouvido algo sobre o tema variação linguística.

2.2.2 Estudos sobre o pronome **a gente** em obras literárias e didáticas

Nas atribuições dos livros e das gramáticas normativas é estabelecido como forma pronominal para o emprego de primeira pessoa do plural o uso de **nós**. Porém, nos últimos anos, algumas pesquisas apontam a inclusão da nova variante, isto é, do pronome **a gente**, em manifestações orais impulsionadas por jovens. Os estudos mais recentes apontam para a ocorrência do mesmo fenômeno na escrita, ou seja, a variante mais frequente no contexto oral passou a ser registrada na modalidade escrita. As evidências podem ser encontradas em diversos gêneros textuais, como textos jornalísticos, literários e até mesmo produções textuais dos jovens. Portanto, é de suma importância conhecer os trabalhos que estudam o fenômeno variável nos diferentes registros escritos. A fim de percorrer este universo, revisamos algumas pesquisas cujo tema aborda a variação pronominal de primeira pessoa do plural em livros didáticos e literários.

Em livros didáticos e infantis, como é o caso dos trabalhos de Caldeira (2019), que investigou o uso pronominal de **a gente** na fala de personagens de duas obras de Monteiro Lobato (Reinações de Narizinho e Emília no País da gramática). O interesse do autor pelas obras de Monteiro Lobato parte pelo princípio de as obras: (i) serem ainda do século XX e que, portanto, já apresentavam o uso da variante **a gente** na fala dos personagens e (ii) terem ampla divulgação para o público infanto-juvenil em livros e na área televisiva.

Entre os grupos de fatores controlados, o autor definiu: 1) formas ((a) gente nominal; **a gente** pronominal; **nós**; -mos; nos; nosso; conosco), 2) função sintática (sujeito; objeto direto; objeto indireto; adjunto adnominal; adjunto adverbial; predicativo; complemento nominal e vocativo), 3) referência²⁹ (determinada (eu + o interlocutor, ou eu + outra(s) pessoa(s)/ personagem(s) presentes na obra); genérica/ indeterminada (extensiva a outros para além das obras)), 4) personagem³⁰ (Narizinho, Pedrinho, Emília, Tia Nastácia, Dona Benta, Visconde, Rinoceronte, D. Sintaxe), 5) paralelismo de formas no enunciado (**a gente** sem formas do paradigma de **nós**; **a gente** com formas do paradigma de **nós**) e 6) Obra (Reinações de Narizinho e Emília no País da gramática).

Os resultados obtidos na comparação entre as duas obras, registrou 308 ocorrências do total de **nós** (explícito) e **-mos** (implícito)³¹, com apenas 15% ao uso do pronome **nós** explícito e 85% **-mos** implícito. O autor salienta que um dado muito curioso em sua análise é o de que, não foram encontrados desvios de concordância verbal, exceto um

²⁹ Apenas para o pronome **a gente**.

³⁰ O autor acredita que estes personagens utilizam mais as formas elencadas por ele anteriormente.

³¹ As ocorrências de -mos (implícito) representa as manifestações ocultas do sujeito na frase.

único momento³². Para o autor é intrigante pensar que toda a fala dos personagens ocorre de forma informal, menos monitorada, e as obras não apresentam nenhuma construção como “**nós** vai” ou “**a gente** vamos”, o pesquisador argumenta que alguns estudos já apontam sobre os desvios de concordância.

Na obra “Reinações de Narizinhos”, o número para ocorrência nominal foi de 60% e de 40% em relação às ocorrências pronominais; porém, na obra “Emília no País da Gramática”, o número de ocorrência se igualou com 50% para ambas. Para o autor, os resultados dessa análise já apresentavam os primeiros indícios para a implementação da forma **a gente** como pronome. Na análise da fala dos personagens, o autor destaca a importante participação da Tia Nastácia³³. Na obra “Reinações de Narizinho”, ela foi a personagem que mais registrou o número de ocorrências da forma pronominal **a gente**. Contudo, o pronome inovador também pode ser observado em outros personagens, principalmente o Rinoceronte que é considerado por Emília “o gramático sabidão”. Portanto, ambos os personagens possuem estereótipos diferentes, mas para o pesquisador não ocorre nenhuma valoração negativa.

Outra pesquisa envolvendo o uso do pronome inovador **a gente** foi realizada por Oliveira (2017). O trabalho consiste na investigação da variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural **nós** e **a gente** numa amostra da literatura infanto-juvenil gaúcha. Portanto, seu trabalho consiste em observar um possível crescimento do aparecimento da forma pronominal inovadora (**a gente**) em obras publicadas no Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1970, 1980 e 1990.

Oliveira (2017) selecionou dez autores. Para cada escritor, foram selecionadas quantidades de obras diferentes. Cláudio Levitan, Diana Noronha, Luís Dill, Walmir Ayala foram analisadas apenas uma obra. Entre Charles Kiefer, Jane Tutikian, Marcelo Carneiro da Cunha e Moacyr Scliar duas obras foram selecionadas. Lygia Bojunga Nunes teve quatro obras analisadas e Sérgio Caparelli cinco obras. Entre os fatores linguísticos e sociais que favorecem ao uso do pronome **a gente** na escrita, a autora elencou: profissão do personagem, idade do personagem, tipo de narrador, classe social do personagem e paralelismo formal.

O *corpus* de pesquisa é constituído de 21 obras literárias escritas por autores gaúchos e também por escritores que firmaram residência ao longo das suas publicações no estado. Seis destas obras correspondem à década de 1970, oito obras são referentes à década

³² O único momento no desvio de concordância verbal ocorreu no seguinte trecho do livro: “(45) Dona Sintaxe encontrou mais adiante outra aleijadinha – uma Oração que rezava assim: **Nós** vai brincar, e consertou-a, pondo o Verbo no plural – Vamos. (EPG/19, dona Sintaxe, p. 97)”. (CALDEIRA, 2019, p. 88)

³³ A personagem Tia Nastácia trabalha como cozinheira na história.

de 1980 e sete obras da década de 1990. O gênero estabelecido para análise dos dados é representado através de contos e de novelas infanto-juvenis, além de estabelecer uma média de páginas por livros, com mínimo de 43 páginas e máximo de 137 páginas.

Na análise dos resultados, a pesquisadora compara quatro variantes (nós pleno; a gente pleno; nós nulo e a gente nulo). No geral, foram encontradas um total de 2.542 ocorrências. Destes, o uso de **nós** pleno + nulo registrou 1.303 ocorrências (53%) e o uso do **a gente** pleno + nulo, com um resultado um pouco menor porém bem próximo, registrando 1.141 ocorrências (47%). Observando as quatro variantes, temos o resultado de: **nós** pleno 110 (4%); **a gente** pleno 1029 (42%); nulo de **nós** 1193 (49%) e nulo de **a gente** 112 (5%). Conforme ressalta a autora, os resultados comprovam um grande interesse pelo pronome inovador em sua forma plena e também um resultado elevado de nulos na forma **nós**.

O segundo momento de análise consiste na distribuição dos pronomes plenos **nós** e **a gente** e na relação com as variáveis linguísticas e sociais:

Tabela 9: Distribuição em termos de percentual e peso relativo do pronome **a gente** pleno³⁴

PRONOME PLENO	N	%
NÓS	110	9,7
A GENTE	1.029	90,3
TOTAL	1.139	100

Fonte: Oliveira (2017, p.79).

No resultado da análise, é possível notar a elevação ao uso do pronome pleno **a gente** (90,3%), portanto, o registro na elevação de ocorrências da forma inovadora (a gente) ressalta o imenso avanço do pronome na literatura infanto-juvenil gaúcha.

Analisando os dados do *corpus* com os fatores linguísticos e extralinguísticos, foram selecionados no total nove grupos de fatores, porém apenas sete se apresentaram favoráveis para análise, sendo eles: tipo de referência, tipo de narrador, tipo de discurso, paralelismo formal, profissão, faixa etária e classe social dos personagens.

Na conclusão de sua análise, Oliveira (2017) cita que suas hipóteses quanto ao fator tipo de referência foram confirmadas, ou seja, os autores empregam a forma **a gente**

³⁴ A descrição e os resultados da tabela seguem o mesmo enunciado apresentado por Oliveira (2017, p.79), porém ressaltamos que houve a falta dos resultados em peso relativo.

como pronome pessoal. A segunda variável linguística observada foi tipo de discurso (diálogo entre personagens e narração), em ambas as formas, o pronome **a gente** prevaleceu. A autora conclui que os resultados revelam a não existência de preconceito em relação ao uso do pronome inovador nas obras coletadas. Na análise dos fatores da classe social, quem apresentou maior ocorrência pelo uso da forma **a gente** foi a classe alta. Quanto à variável profissão, duas categorias favorecem o uso da forma **a gente**: a técnica e a manual.

O trabalho de Junkes (2008) envolve a pesquisa sobre o tratamento ao uso dos pronomes **nós** e **a gente** em livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Fundamental. A autora prevê que ocorre variação entre as formas pronominais **nós** e **a gente** nos textos apresentados em livros didáticos.

As amostras foram constituídas a partir de duas diferentes coleções de livros destinadas às quatro últimas séries do Ensino Fundamental, utilizadas entre o final da década de 1990 e início da década de 2000. Entre os grupos de fatores linguísticos e estilísticos, foram demandados os seguintes segmentos: pessoa do discurso, paralelismo formal, saliência fônica, preenchimento do sujeito, gênero textual, finalidade do texto, série de estudo e autor/coleção. O método de pesquisa é qualitativo, pois a preocupação da autora é observar nos dados se de fato existe uma preocupação entre os autores e editoras em trabalhar os conceitos de variação linguística nos conteúdos estabelecidos entre os capítulos.

Os resultados apresentados pela pesquisa de Junkes (2008) registraram a maior ocorrência pelo uso da forma **nós** com 225 ocorrências (71%), já a forma **a gente** apresentou apenas 93 ocorrências (29%). Entre as variáveis independentes, o fator preenchimento do sujeito foi considerado mais favorável ao uso do pronome **a gente** com 72% de ocorrência. O segundo fator saliência fônica apresenta maior probabilidade pelo uso da forma **a gente** no nível de menos saliência (PR. 59). Analisando o pronome **a gente** entre o grupo de fatores gênero textual, o maior registro ocorreu entre o gênero teatro (.90) seguido do gênero conto (.64). Na análise do fator pessoa do discurso, analisou-se a ocorrência do pronome **a gente** com referência à 1ª pessoa do singular EU registrando um peso relativo de .77, já o uso do pronome **a gente** como INDETERMINADO apresentou peso relativo .68 de probabilidade. Junkes analisou a série de estudo, confirmou parcialmente suas hipóteses, ou seja, a 5ª série confirmou a fase em que mais se apresentou uso do pronome **a gente** nos textos (.86), porém a 6ª série que a autora visava altos índices de uso da forma inovadora foi a série que menos apresentou registros de uso (.33). Ao final, a autora relata que em nenhum livro encontram-se atividades ou exercícios que expõem a ocorrência da variação linguística do pronome **a gente**.

Outra análise envolvendo o tratamento da variação pronominal em livros didáticos de português do ensino médio foi realizada por Schneiders (2014). Ela investigou duas coleções de livros didáticos usados em duas escolas estaduais de Santa Catarina, uma localizada na cidade de Chapecó e a outra em São João do Oeste. Schneiders (2014) optou por analisar duas seções por livro e a escolha da escola se deteve pelas semelhanças, por estarem localizadas no centro das duas cidades, pela proximidade na nota de avaliação do Ideb e por serem estaduais, seguindo, dessa forma, a mesma orientação curricular.

Na sua análise, observou que ainda é predominante o uso pela forma **nós** e que somente uma coleção abordou a variação entre os pronomes **nós** e **a gente**. De acordo com Schneiders (2014, p.25), “A coleção ‘Português – contexto, interlocução e sentido’ destacou que **a gente** era uma forma diferente de se referir ao pronome **nós**, quando apresentou a tabela pronominal do português”. Ela observou que, nos capítulos referentes aos estudos de gramática, o tema mais recorrente eram as gírias, preconceito linguístico e a definição de norma culta, descrita no livro como sinônimo de norma padrão³⁵.

Em sua análise, observou que o método de ensino percorre ao da pedagogia da correção, que aborda a língua como homogênea. Na seção que aborda sobre produção textual, Schneiders (2014) comenta que a forma pronominal **a gente** é enquadrada nos gêneros de textos coloquiais como: e-mails, textos escritos na internet e diários. Em outro momento, o pronome apareceu em histórias em quadrinhos e em propagandas, porém com insinuação de linguagem de “povão”.

Schneiders (2014) finaliza dizendo que, em sua análise, os livros didáticos registram propostas de atividades direcionadas à variação dos pronomes **nós** e **a gente**, contudo não são fomentadas discussões e reflexões sobre o uso efetivo dos pronomes na fala e na escrita, e cabe ao professor buscar outros materiais que possam complementar seu trabalho.

Após analisar as pesquisas direcionadas ao estudo da variação em livros didáticos e na literatura brasileira, questionamos como ela se apresenta no ensino para um estudante estrangeiro? O trabalho de Santana (2016) pesquisou a variação entre os pronomes **tu** e **você** e **nós** e **a gente** em três livros didáticos (Muito Prazer, Brasil Intercultural e Ponto de Encontro) para aprendizes de Português Língua Estrangeira (doravante PLE). Primeiramente o autor utilizou duas fontes de dados: a primeira se refere à pesquisa de variáveis pronominais através de gráficos localizados em trabalhos sociolinguísticos e a segunda fonte analisa os pronomes

³⁵ Lembramos que a definição de norma padrão e norma culta é revestida de conceitos diferentes. A norma padrão são regras prescritivas impostas para uso na modalidade escrita, já a norma culta é utilizada pelos falantes com maior prestígio social e com mais escolarização.

peçoais dentro das unidades de livros didáticos no ensino de PLE. Em sua análise, o autor observou os dados sobre o uso da forma **a gente** por região, portanto, selecionou alguns resultados já realizados por outros pesquisadores. Através deste mapeamento foi possível constatar que, em cinco estados brasileiros (Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Paraná), a forma **a gente** tem apresentado forte presença na fala dos informantes. O autor ressalta

Nesse resultado, pode-se inferir que, de fato, o pronome já se incluiu no quadro pronominal de pessoa do caso reto na língua portuguesa brasileira, e mais que isso, está sendo utilizado largamente no PB. Assim, a probabilidade de estrangeiros se depararem com ambas as formas inovadoras pode ser considerada alta. (SANTANA, 2016, p.77-78)

Na sequência, Santana (2016) analisa os livros didáticos de PLE. Nas três obras pesquisadas verificou-se a presença, a explicação sobre variantes e aplicação de exercícios sobre o tema.

Quadro 4: Considerações acerca da análise dos Livros Didáticos de PLE

	Presença			Explicação			Exercícios		
	MP	BI	PE	MP	BI	PE	MP	BI	PE
Tu	✓	✓	✓	✓	×	✓	×	×	✓
Você	✓	✓	✓	×	×	✓	✓	✓	✓
Nós	✓	✓	✓	×	×	✓	✓	✓	✓
A gente	✓	✓	×	✓	✓	×	✓	✓	×

Fonte: Santana (2016, p.97).

O autor observou que, na obra Muito Prazer (MP), existe uma abordagem com relação às variantes pronominais e que as mesmas são explicadas sobre seu uso. Contudo, o livro comete um equívoco quando classifica a variante **a gente** como pronome de tratamento. A segunda obra, Brasil Intercultural (BI) apresenta os quatro pronomes com explicação sobre a variante **a gente**, além de incluir exercícios sobre o pronome inovador **a gente**. Por último, a obra Ponto de Encontro (PE) apresenta de forma visível as variedades linguísticas, além de ter a presença e a aplicação de exercícios sobre os pronomes, contudo, excluindo a forma inovadora **a gente** de todos mecanismos analisados pelo o autor.

Este trabalho demonstrou a importância do quanto as variantes estão presentes na fala dos brasileiros e o quanto precisa ser perceptível para um estudante estrangeiro. Dessa forma, os livros didáticos de PLE são uma ponte de ligação entre o estudante e o contexto das variedades linguísticas das diferentes regiões brasileiras.

2.2.3 Estudos sobre a variação linguística **nós** e **a gente** em crianças

Diversos estudos apontam que as variantes pronominais estão presentes em diversas regiões do Brasil. Entretanto, poucas pesquisas contemplam investigações com grupos de crianças e adolescentes. Essa limitação no número de pesquisas é decorrente do pensamento de que a língua só é estabilizada na fase adulta. Uma das hipóteses clássicas sugere que o processo de aquisição da linguagem se concluiria aos quinze anos, logo, a estruturação de tempo aparente postula que “o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente quinze anos de idade”. (NARO, 1992, p. 82). Porém, não existe uma conclusão se de fato o falante muda sua fala no decorrer dos anos. Por essa razão, são estabelecidas duas suposições teóricas latentes no processo de mudança linguística. Na primeira, preconiza-se um término para o processo de aquisição da linguagem, ou seja, ainda no início da adolescência e, portanto, a partir deste momento ocorre a estabilidade da língua. A segunda sugere que, em qualquer momento, pode ocorrer mudança linguística na fala do indivíduo e que isso é decorrente da pressão social vivida ao longo dos anos. Por essas divergências entre a primeira e a segunda teoria, Naro (1992) conclui que o falante sempre muda a língua ao longo dos anos, enquanto a hipótese clássica busca explicar a estabilidade do vernáculo após a adolescência.

Contudo, nos últimos anos, pesquisas estão sendo direcionadas ao público mais jovem, em razão da comprovação da manifestação de variantes linguísticas nos primeiros anos de vida. Nesta seção, pretendemos apresentar alguns dos trabalhos já realizados em ambiente nacional que descrevem a variação linguística em crianças de forma mais ampla, ou seja, a intenção é descrever como as pesquisas observam o fenômeno de variação linguística e, na sequência, uma apresentação das poucas pesquisas direcionadas ao estudo da variação dos pronomes de 1ª pessoa do plural a partir de dados de crianças.

A variação linguística das formas pronominais **nós** e **a gente** em crianças é descrita no trabalho de Vitorio (2015a). Sua pesquisa foi realizada na cidade de Maceió/AL com alunos do Ensino Fundamental e Médio, e objetivou descrever e analisar a realização dos

pronomes **nós** e **a gente** na posição de sujeito na modalidade escrita. A autora analisou algumas obras que investigaram a variação pronominal de primeira pessoa do plural e constatou que o pronome **nós** registra-se com índices elevados na modalidade escrita. Através dessas pesquisas, a autora observa o mesmo fenômeno nos jovens de Maceió, em tal caso, acredita que a influência da escola pela norma padrão resultará nos mesmos índices elevados pelo uso da forma conservadora, porém não sendo uma totalidade, pois o pronome **a gente** pode ser manifestado em alguns momentos, já que é a variante dominante na oralidade. E, de fato, os resultados comprovaram suas hipóteses: 208 realizações do pronome **nós** e 34 do pronome **a gente**, num total de 242 realizações. Ou seja, há ainda a predominância do pronome **nós** na escrita; porém, a ocorrência do pronome **a gente** representa os primeiros registros de interferência da variante inovadora na escrita, e as proporções podem ser ainda maiores ao longo das próximas décadas.

Um segundo trabalho de Vitório (2015b) analisa a variação das formas **nós** e **a gente** na posição de sujeito na fala de crianças de Maceió/AL. A autora utilizou o banco de dados do projeto LUAL (A Língua Usada em Alagoas), analisando uma amostra sincrônica coletada na década de 1980. A pesquisa objetivou verificar a frequência de uso das formas **nós** e **a gente** e identificar quais grupos de fatores condicionam essa variação. A amostra é composta por 64 falas de crianças com idade entre 7 e 12 anos e se encontra estratificada com a variável sexo, sendo 32 meninos e 32 meninas.

Na análise, os resultados foram distribuídos da seguinte forma: 384 realizações, sendo 67 ocorrências da forma **nós** e 317 realizações da forma **a gente**. Portanto, os resultados comprovam que o pronome **a gente** também é a forma predominante na fala das crianças. Analisando as 6 variáveis independentes, apenas 4 foram consideradas significativas pelo programa computacional GOLDVARB X: marca morfêmica, paralelismo formal, preenchimento do sujeito e sexo.

A primeira variável linguística selecionada foi a concordância verbal. Os resultados obtidos apresentaram a seguinte ocorrência: morfema **-mos** favorece ao uso da forma pronominal **nós** (96%) e o morfema zero favorece ao uso da forma pronominal **a gente** (95%). A autora confirma, através dos seus resultados, os mesmos registros encontrados por outros trabalhos sociolinguísticos que atestam a combinação entre o uso da forma **nós** com o verbo na 1ª pessoa do plural e a forma **a gente** com o verbo na 3ª pessoa do singular. A segunda análise observa a variável paralelismo formal, cujos resultados demonstraram que tanto o pronome **nós** como o pronome **a gente** são fatores condicionantes para a realização

subsequente, ou seja, causando uma série de repetições da mesma forma pronominal. A terceira variável linguística selecionada foi o preenchimento do sujeito. Portanto, o uso da forma **a gente** foi favorável à expressão plena (.71), frente à oposição, registrasse apenas um de peso relativo de .17 para a expressão nula. No total, foram 384 ocorrências das formas pronominais **nós** e **a gente**, na qual, 243 representam o sujeito preenchido e 141 o sujeito nulo. Ao final, a autora analisou a variável sexo, verificando que as meninas favorecem ao uso da forma **a gente**, com 87% de ocorrência.

A conclusão de Vitória (2015b) é de que seus resultados vão ao encontro de outros estudos realizados em âmbito nacional e que, indubitavelmente, a forma pronominal inovadora é a variante preferida dos falantes do PB. Desta forma, ela afirma “que a fala das crianças opera de acordo com o que está descrito para a fala de adultos”. (VITÓRIO, 2015b, p. 139).

A próxima pesquisa consiste na análise da concordância verbal na fala de crianças de Porto Alegre realizada por Soares (2006). O *corpus* de sua pesquisa é composto por quatro meninos e cinco meninas, com idade entre 2;5 e 8 anos, residentes em uma comunidade de Porto Alegre. Os dados foram constituídos a partir de três fontes: a primeira do Projeto Desenvolvimento da Criança em Fase de Letramento (DELICRI), do qual foram coletadas as informações para a composição do grupo de faixa etária entre 4 a 8 anos; a segunda fonte foi derivada da coleta de dados de fala de um menino menor (Art) realizada pela autora; e a terceira fonte consistiu na utilização de dados de fala de uma menina menor (Eri), que faz parte de outro momento da coleta de dados do projeto DELICRI.

A variável dependente é composta por seis pessoas do discurso: P1; P2; P3; P4; P5; P6³⁶. As variáveis independentes foram escolhidas por apresentar ocorrências de presença ou ausência de marca de concordância verbal. Portanto, as variáveis foram compostas da seguinte maneira:

³⁶ Soares (2006) emprega a nomenclatura utilizada por Câmara Jr. (2002 [1970]) para indicar as pessoas do discurso: P1 (eu) e P4 (nós/a gente) indicam aquele(s) que fala(m) ou escreve(m); P2 (tu/você) e P5 (vós/vocês), que correspondem àquele(s) que ouve(m) ou lê(em); P3 (ele/ela) e P6 (eles/elas), que dizem respeito àquele(s) que está(ão) fora do eixo falante-ouvinte.

Quadro 5: Realização da forma verbal

P1	marca (categórica).....c - (eu sei)
	ausência de marca.....a - (eu aprendeu)
	supergeneralização g - (eu sabo)
P2	marca não padrãov - (tu recebesse, fizesse)
	marca padrãop - (tu recebeste, fazes)
	ausência de marca n - (tu fez, recebe)
P3	marcah - (ele sabe, faz)
	marca de P6..... i - (a bundona delas eram)
P4	-mo (não padrão)..... u - (nós andamo)
	-mos (padrão).....s - (nós andamos)
	ausência de marca..... z - (nós anda/ a gente anda)
P5	marca..... k - (vocês recebem)
	ausência de marca..... y - (vocês recebe)
P6	marca.....m - (eles foram, fizeram)
	ausência de marca.....x - (eles foi, fez, canta)

Fonte: adaptado de Soares (2006, p.85-86).

Foram analisadas algumas variáveis linguísticas internas como: tempo verbal, paralelismo formal, discurso reportado, contexto seguinte, saliência fônica, tonicidade, tipo de verbo, tipo de sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo, animacidade do sujeito e focalização. Já as variáveis sociais foram constituídas por sexo, faixa etária e tipo de coleta.

Tabela 10: Os resultados gerais da rodada preliminar

		Ocorrências	Total	%
P4	marca padrão	14	38/1047	4
	marca não padrão	15		
	ausência	9		

Fonte: Adaptado de Soares (2006, p.101).

O maior percentual foi registrado pelas ocorrências à terceira pessoa do singular. Contudo, analisando os dados pela presença ou ausência de marca, foram encontrados na análise em P4 um total de 44 ocorrências para a marca padrão, 99 para marca não padrão e 218 para ausência num total de 2.588 ocorrências. A autora observou atentamente a desinência número-pessoal em P4, primeiramente examinando as faixas etárias, que registraram um total de 363 ocorrências divididas entre 36 ocorrências do pronome **nós**, 9 ocorrências do sintagma nominal pleno, 104 de elipse do pronome, 202 ocorrências de **a gente** e 13 para elipse de **a gente**. Observando a presença e ausência da DNP-P4, foram registradas 140 ocorrências para a presença de desinência e 6 de ausência, para um total de 146 ocorrências. Na análise de tipo de verbo, foram observados dois fatores: verbo transitivo e ergativo. O primeiro registrou um percentual de 96% e, portanto, os verbos transitivos favorecem a manutenção da marca, enquanto que o ergativo apresentou um percentual de 57%, peso relativo de apenas 0.03. Para a análise da variável tipo de sujeito, foram registrados três fatores: SN pleno, o pronome reto **nós** e elipse de pronome. Nesta análise, foram encontrados altos índices de desfavorecimento para aplicação da marca para o SN pleno e alto favorecimento para a manutenção de DNP-P4.

Soares (2006) observou que no fator faixa etária apresentavam-se diferenças expressivas quando realizadas um comparativo entre as idades, ou seja, as crianças mais velhas de 7 e 8 anos favoreciam ao emprego das formas padrão. Já as crianças com idade intermediária ficavam na posição mais neutra dos resultados. A autora também empreendeu uma análise comparativa entre crianças e adultos e percebeu que o comportamento linguístico das crianças é semelhante ao dos adultos. “Isso indica que na fala das crianças em estudo da variação relacionada ao sistema de concordância verbal é tanto de ordem sintática quanto social”. (SOARES, 2006, p. 157-158).

2.3 Resumo do capítulo

Analisando cada estudo sobre o fenômeno linguístico do pronome de primeira pessoa do plural, resumimos no Quadro 6, as pesquisas que consultamos sobre a variação na expressão da referência da primeira pessoa do plural no PB, apresentando o título e o ano de publicação e os resultados, de modo geral e sempre que possível, dos estudos.

Quadro 6 - Resumo das pesquisas sobre a variação na expressão da referência da primeira pessoa do plural no PB

AUTOR(ES)/ ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO	NÓS	A GENTE	PROJETO	ANO/ LOCAL DA COLETA
Nelize Pires de Omena 1986	A referência à primeira pessoa do discurso no plural	1029/3299 (31%)	2270/3299 (69%)	PEUL	RIO DE JANEIRO 1980-1982
Maria del Rosário Albán e Judith Freitas 1991	Nós ou a gente?	126/264 (48%)	138/264 (52%)	NURC	SALVADOR 1973
Judith Freitas 1991	Nós e a gente em elocuições formais	104/134 (77,6%)	30/134 (22,4%)	NURC	SALVADOR 1973
Célia Regina dos Santos Lopes 1998	Nós e a gente no português falado culto do Brasil	562/972 (58%)	410/972 (42%)	NURC	Salvador, Rio de Janeiro, Porto Alegre Ano não informado
Ana Maria Stahl Zilles 2007	O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?	*sintetiza resultados de outras pesquisas			
Marden Alyson Matos de Araújo; Aluiza Alves de Araújo e Maria Lidiane de Sousa Pereira 2020	A competição entre nós e a gente na função de sujeito no falar popular de fortaleza	34%	66%	NORPOFOR	Fortaleza 2003-2006

Maylle Lima Freitas e Hebe Macedo De Carvalho 2020	QUEM SOMOS “NÓS” E QUEM É “A GENTE”? : Uma abordagem de avaliação linguística e social da variável de primeira pessoa plural	não se aplica		Coletada pela pesquisadora	Fortaleza Ano não informado
Izabel Christine Seara 2000	A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana	28%	72%	VARFUL	Florianópolis-SC 1992
Andréa Maristela Bauer Tamanine 2002	A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina	45%	55%	VARFUL	Blumenau, Lages e Chapecó 1992
Ivanilde da Silva 2004	DE QUEM NÓS/A GENTE ESTÁ(MOS) FALANDO AFINAL?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial	49%	51%	Coletada pela Jornalista Coletada pela pesquisadora	Blumenau-SC 2001-2002 Programa do Jô 2002-2004
Ana Kelly Borba da Silva Brustolin 2009	Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis	1243/1667 (75%) (escrita e na fala)	424/1667 (25%) (escrita e na fala)	Coletada pela pesquisadora	Florianópolis-SC 2008
Lucelene Teresinha Franceschini 2011	Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC	770/1553 (50%) pronomes implícito e explícito	783/1553 (50%)	Coletada pela pesquisadora	Concórdia -SC 2007-2010

Gloria Elizabeth Riveros Fuentes Strapasson Izete Lehmkuhl Coelho 2013	Presença dos pronomes pessoais tu / você e nós / a gente na narrativa de experiência pessoal nos indivíduos da cidade de caçador – Santa Catarina	não informado		Coletada pela pesquisadoras	Caçador-SC 2013
Silvana Regina Nascimento Agostinho 2013	A variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita de alunos do ensino fundamental	2199 total 1204 nós + nulo (55%) 787 SN+eu e seu nulo (36%) 208 a gente e seu nulo (9%)		Coletada pela pesquisadora	Itajaí-SC 2011
Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória 2015 A	Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar	208/242 (86%)	34/242 (14%)	Coletada pela pesquisadora	Maceió-AL 2007
Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória 2015 B	A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL	67/384 (17%)	317/384 (83%)	LUAL	Maceió-AL 1980
Simone Mendonça Soares 2006	A concordância verbal na fala de crianças de Porto Alegre	36 ocorrências nós (9,9%) 9 ocorrências SN pleno (2,4%) 104 ocorrências elipse do pronome (28,6%) 202 ocorrências de a gente (55,6%) 13 ocorrências elipse de a gente (3,5%)		DELICRI Coletada pela pesquisadora	Porto Alegre-RS 1992-1996 Porto Alegre-RS 1998-2005

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Notamos, a partir dos resultados apresentados no Quadro 6, um percentual elevado em registros na fala coloquial para a forma inovadora, contudo, na fala formal ou na escrita (escolar), a forma conservadora é a mais frequente. Indubitavelmente, a variação entre os pronomes **nós** e **a gente** é um fenômeno analisado ao longo das quatro últimas décadas, porém, na maioria dos casos, o estudo observa o comportamento das variáveis em grupos de

jovens e adultos, poucos casos analisam a fala de crianças. É perceptível, pelas análises apresentadas, que a variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural ocorre nas diversas regiões do nosso país e, sem dúvida, merece a atenção dos pesquisadores não só devido à variação entre as formas pronominais, mas em razão da indicação de uma possível mudança linguística.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Labov foi o precursor dos estudos sociolinguísticos modernos. Desde a década de 1960, investiga a variação e a mudança linguística em diversas comunidades dos EUA. Inicialmente suas pesquisas foram direcionadas para as variáveis fonológicas, a exemplo da pesquisa na ilha de Martha's Vineyard, em que analisou a mudança sonora da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ e a variação fonológica da consoante (r) em lojas de departamento de Nova York. Esses dois trabalhos são importantes porque fundamentam os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista.

As propostas teóricas e metodológicas apresentadas nos livros “Padrões sociolinguísticos” e “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) veiculam os principais postulados da “Teoria da Variação e Mudança”, que sintetizamos na próxima seção.

3.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

A concepção de interação entre língua e sociedade já era proposta por alguns estudiosos como Antoine Meillet e que, portanto, Labov se refere como um dos integrantes do grupo A³⁷, que “estuda a mudança em andamento e vê mudança em andamento refletida nos mapas dialetais; e enfatiza a importância da diversidade linguística, das línguas em contato e do modelo de ondas para a evolução linguística”. (LABOV, 2008 [1972], p.305), mas somente com as pesquisas de cunho teórico e metodológico de Labov, na década de 1960, que se reconheceu a importância dos pressupostos teórico-metodológicos sociolinguísticos.

Duas grandes obras impulsionaram a emancipação dos estudos sociolinguísticos. A primeira foi, inicialmente, apresentada no Simpósio “Directions for Historical Linguistics” em 1966, por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog e, posteriormente, os trabalhos apresentados foram publicados em forma de livro, organizado por Lehmann e Malkiel (1968). A versão utilizada nesta dissertação *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Linguística* foi traduzida para o português em 2006 (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), e a segunda obra, intitulada “Padrões Sociolinguísticos”, de Labov (2008 [1972]), reúne resultados de pesquisas realizadas ainda na década de 1960, na qual o autor estuda a variedade falada do inglês norte-americano.

³⁷ Labov cita como integrantes do grupo A: Whitney, Schuchardt, Meillet, Vendryes, Jespersen e Sturtevant.

Outro importante trabalho mais recente foi realizado por Eckert (2012), que distribuiu a investigação sociolinguística em três ondas. A primeira onda pode ser exemplificada pelos estudos pioneiros de Labov, citados anteriormente. Nessa onda, a variação é observada pela correlação entre as variáveis linguísticas e sociais (sexo, classe econômica, etnia e idade), além de ter o foco voltado para a variação de dentro da comunidade. A segunda onda de estudos sobre variação observou a identidade local ou classe, nesse caso, um estudo etnográfico das comunidades. Milroy foi o primeiro a realizar uma pesquisa direcionada à variação fonológica nos princípios da segunda onda. A terceira onda já observa a variação na prática estilística dos grupos e, portanto, é um estudo mais recente desenvolvido pela Penelope Eckert. Nessa proposta, a intenção é acompanhar a variação na comunidade de prática, ou seja, como é a interação desse grupo de pessoas envolvidas por ações conjuntas. Sem dúvida, as três ondas têm um papel importante para o mapeamento e estudo da variação linguística.

3.1.1 Heterogeneidade da língua

Para a Teoria da Variação e Mudança Linguística, a língua é um sistema composto por estruturas, e também por variabilidade. Por considerar a variação como parte do sistema linguístico, os sociolinguistas a definem como elemento composto de heterogeneidade estruturada, ou seja, não ocorre um caos linguístico como se imagina, existem regras dentro do processo de variação. Podemos considerar, como exemplo, a variável do pronome de 1ª pessoa do plural, na qual apresenta duas variantes no PB: **nós** e **a gente**. São duas formas linguísticas diferentes, mas com o mesmo valor de informação referencial, ambas as formas coexistem, alternando-se a depender dos fatores internos ou externos, denominados condicionadores. Através dos condicionadores internos e externos permite-se validar o conceito de variação como algo sistematizado. Começando pelo campo da dimensão interna com os estudos das regras variáveis é possível demonstrar que a variabilidade linguística é um fenômeno ordenado. Portanto, a língua é coordenada por um sistema heterogêneo com regras categóricas e variáveis. O estudo da variação condicionada pela dimensão interna da língua ocorre nos chamados níveis linguísticos, ou seja, relacionados aos campos linguísticos da variação fonológica, morfológica, sintática e discursiva.

A partir dos estudos pioneiros de Labov, na década de 1960, iniciaram os estudos no campo da variação fonológica com a investigação da variação da primeira vogal dos

ditongos /ay/ e /aw/ e da consoante /r/ pós-vocálico. Entre os trabalhos realizados, o primeiro se baseia no processo de mudança sonora dos ditongos /ay/ e /aw/ que ocorre na ilha de Martha's Vineyard em Massachusetts. Para Labov (2008 [1972], p.21), “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”. O segundo trabalho do autor, apresentado no livro “Padrões Sociolinguísticos”, é referente ao estudo da estratificação do (r) nas lojas de departamento de Nova York. Ambas obras³⁸ foram um marco para os estudos variacionistas e principalmente no nível fonético-fonológico. Portanto, foi através destas pesquisas que originaram-se alguns dos pressupostos para a teoria da variação e mudança linguística.

Nesta pesquisa utilizaremos uma interface entre dois níveis linguísticos³⁹ de análise: o campo da morfologia e da sintaxe. Ou seja, um caso de variação morfossintática.

A variação morfológica consiste na variação na flexão ou na forma de uma palavra, por exemplo, na alteração de um morfema. Neste caso podemos citar o estudo de Brustolin (2009) sobre a concordância verbal do pronome com a primeira pessoa do plural. O uso dos pronomes **nós** e **a gente** podem ser condicionados pela desinência verbal zero e -mos ou -mos e zero, portanto é possível observar a variável marca morfêmica para análise da concordância entre pronome (**nós** ou **a gente**) e as formas verbais do verbo (-mos ou zero).

A variação sintática se dá a partir da organização de elementos para a formação de sentenças, como o estudo da variável < S > e de suas duas variantes [S] e [Ø]⁴⁰ feita por Tarallo (2003). De acordo com o autor, “a primeira posição do sintagma nominal parece favorecer a retenção do < S >” (2003, p.37), pois parece que há “redundância de marcação do plural no sintagma nominal em português [...] trata-se [...] da observância do uso (ou não) de < S > com relação à posição da palavra no sintagma nominal: primeira vs. segunda, segunda vs. terceira etc”. (TARALLO, 2003, p. 37).

A variação morfossintática estuda o modo como os grupos sociais utilizam as formas gramaticais e analisa as funções desempenhadas por elas. Através dela, observamos a flexão dos verbos associados aos pronomes de 1ª pessoa do plural (nós/a gente). Neste caso, as regras do português padrão referem-se ao uso do pronome **a gente** com o verbo flexionado

³⁸ O detalhamento dos estudos de Labov estão disponíveis na obra “Padrões Sociolinguísticos” no capítulo 1 e 2 (2008 [1972], p.19-138)

³⁹ Para conhecer outras pesquisas que investigaram a variação nos níveis fonético-fonológico e discursivo, consulte, respectivamente, Vieira (2010) e Rost Snichelotto (2002, p. 84).

⁴⁰ A variável <S> de marcação do plural corresponde a duas variantes: [s] a presença do segmento e [Ø] a ausência. (TARALLO, 2003).

na 3ª pessoa do singular e o pronome **nós** com o verbo flexionado na 1ª pessoa do plural. Contudo, na fala dos falantes do PB, encontramos variação linguística, ou seja, os pronomes **nós** e **a gente** tanto podem ser flexionados com o verbo na primeira pessoa do plural como na terceira pessoa do singular. Na análise da função sintática, podem ser estudadas as ocorrências das variantes nas funções: adjunto adverbial, sujeito, complemento, adjunto adnominal, entre outras. De acordo com Mollica e Braga (2020, p.83), “[...] a própria função que as variantes desempenham na oração pode influenciar a realização de uma variável.”

Nesse caso, podemos citar o trabalho de pesquisa de Omena (1998, p. 191) “a entrada de **a gente** é maior na função de adjunto adverbial, depois na de sujeito e complemento, que se equivalem. Está começando, porém, a atingir o uso possessivo na função adnominal, onde ainda predomina o uso de **nosso**”. Portanto, a análise da função sintática demonstra ser muito pertinente ao grupo de variáveis linguísticas de nossa pesquisa.

Voltando ao campo das dimensões (internas e externas), abordaremos na sequência os campos da língua externa, com os estudos da variação: diatópica, diastrática, diafásica, diamésica, entre outras. A variação diatópica se refere às diferenças linguísticas apresentadas por diferentes regiões, comunidades, ou seja, podemos encontrar no Brasil diferenças entre regiões sul, norte, nordeste, centro-oeste e sudeste e, também, em países falantes da mesma língua, como é o caso do Brasil e Portugal. No Brasil, o estudo por região pode ser encontrado no artigo de Zilles (2007), que observou atentamente algumas pesquisas já realizadas em algumas regiões, neste caso, na região sul, Florianópolis foi a cidade observada, além de Rio de Janeiro que representa a região sudeste e João Pessoa a região nordeste. Florianópolis apresentou o percentual de 72%, Rio de Janeiro 70% e João Pessoa 79%. Em ambas as regiões, o percentual registrado é superior a 70% para uso da forma **a gente**. Além disso, as diferenças linguísticas podem estar dentro de um mesmo estado, como é o caso das regiões oeste e litoral catarinense. Tamanine (2002) analisou três cidades de Santa Catarina (Blumenau, Chapecó e Lages), o peso relativo para uso da forma **a gente** foi de 6.0 para Blumenau, 4.8 para Chapecó e 5.8 para Lages. A cidade localizada mais ao interior do estado apresentou o índice mais elevado para uso da forma conservadora, enquanto que as demais cidades, próximas ao litoral catarinense apresentaram um índice mais elevado para uso da forma inovadora.

Com base na variação diastrática, analisamos as variáveis que são condicionadas pelos fatores sociais, como é o caso da faixa etária, escolaridade, nível socioeconômico e sexo. Através da faixa etária, podemos observar se a variação linguística está presente em

todas as idades e qual a geração que mais preserva a forma conservadora. Omena (1998) foi quem realizou um importante trabalho sobre a variável idade ao uso da forma **nós**. O grupo 50-71 anos foi quem apresentou o maior peso relativo .78 no uso da forma conservadora, já o grupo mais jovem (7-14 anos) foi quem apresentou o peso mais baixo .26, portanto, os mais velhos são aqueles que preservam ainda a forma **nós**, enquanto a geração mais nova está inserindo a forma inovadora (a gente) na comunidade.

A variação condicionada pelo fator escolaridade observa o comportamento das pessoas através do período de escolarização, ou seja, como a escola é responsável por instituir o ensino mais formal, seguindo os padrões estabelecidos pelas normas gramaticais para o ensino da língua portuguesa, mudanças no comportamento linguístico do falante podem ocorrer, principalmente quando se ignora as variáveis linguísticas presentes na fala do aluno.

No nível socioeconômico, a variação é observada através do grupo social. Intuitivamente, o grupo com menos privilégios tenderá a registrar de forma mais elevada, o uso das variantes não prestigiada, embora, no Brasil, os estudos na sociolinguística variacionista não apresentem análise que concluam essas alegações, pois existem falantes que possuem uma boa renda, porém pouco contato linguístico com a língua culta.

Registra-se o estudo de Amaral (2003) que levou em consideração o nível socioeconômico dos informantes, porém o autor adotou metodologias diferentes das utilizadas por Labov. Amaral (2003) analisou da seguinte forma a situação econômica de seus informantes: patrimônio, renda, zona de residência, escolaridade, profissão e ocupação do informante. Ele tem por objetivo elucidar as diferentes aplicações de concordância verbal, para tanto, acredita que o fenômeno esteja ligado às características sociais do falante, ou seja, a taxa de concordância verbal é motivada pelas condições sociais dos informantes, elas podem estar associadas à renda, ao patrimônio familiar e ao bairro onde reside. Além disso, acredita que a maior taxa de concordância esteja ligada à profissão e à ocupação do informante, principalmente àquelas profissões que carregam muito prestígio social. Por último, mas não menos importante, estima a influência dos anos de escolarização dos informantes que também pode elevar a taxa de concordância (AMARAL, 2003).

A variação linguística também pode ser condicionada pelo fator sexo do informante. Alguns dos estudos já realizados comprovaram que as mulheres são mais conservadoras no uso de novas variantes, como é o caso do estudo realizado por Omena (1998), na qual mulheres entre 26-49 anos utilizam muito mais a forma **nós** contra apenas .53 masculino. Porém, nas últimas décadas, o papel da mulher na sociedade mudou, deixando de

lado apenas o papel de dona de casa e passando a competir no mercado de trabalho. Dessa forma, a análise dos dados pode apresentar resultados surpreendentes para cada comunidade, pois devemos observar o comportamento social da mulher na sociedade. Segundo Labov (2008, p. 348), “a diferença sexual com que estamos lidando depende claramente de padrões de interação social na vida diária”. Visivelmente o trabalho de Vitorio (2015b) representa bem essa mudança, as mulheres revelaram utilizar mais a forma inovadora (.57), enquanto isso, os homens apresentaram um índice mais elevado para uso da forma conservadora **nós** (.60)

Com relação à variação diafásica, também chamada de variação estilística, estuda a forma como os falantes utilizam as diferentes formas linguísticas de se estar interagindo com as pessoas. Quando o ambiente requer do informante uma apresentação de trabalho ou um debate entre um grupo de estudantes, o falante emprega mais a variante culta da língua; porém, quando o ambiente é de descontração entre amigos ou família, o falante utiliza uma comunicação mais informal, e para os sociolinguistas é o momento ideal para observar a ocorrência das variantes inovadoras. Neste caso, podemos citar a análise realizada por Strapasson e Coelho (2013), que tinham por objetivo observar o diálogo entre os momentos informais e formais. O resultado apontou a forma **nós** como a mais significativa entre os informantes de menor escolaridade, já o pronome **a gente** foi mais marcante entre o grupo com maior nível de escolaridade. Para as autoras, o fato da forma inovadora ser preferencial entre o grupo mais escolarizado “é um indicador de estabelecimentos de limites de ordem linguística ao pretender demonstrar uma situação de mais conforto e descontração dentro do contexto em que se encontra.” (STRAPASSON; COELHO, 2013, p.67).

Por último, discorreremos sobre a variação diamésica ou variação entre a fala e a escrita. Esse tipo de estudo tem sido muito realizado com crianças, principalmente em contexto escolar. A pesquisa de Oliveira (2017) observou o fenômeno variável de primeira pessoa do plural na fala e na escrita dos jovens do 9º do Ensino Fundamental da escola pública de Eunápolis/BA. Os resultados da pesquisa demonstraram que, na fala dos jovens, a forma inovadora (a gente) é registrada com 90,6% de ocorrência contra 9,4% para uso da forma conservadora **nós**. Na modalidade escrita, os dados registram a ocorrência inversa: a forma tradicional (**nós**) é utilizada em 94% na comparação com a forma inovadora (a gente) que registra apenas 6%. De fato, o pronome **nós** ainda representa o valor mais expressivo na escrita, principalmente por ser a variante mais prestigiada no ensino das gramáticas tradicionais e por ser a única a estar relacionada ao quadro de pronomes de 1ª pessoa do plural.

3.1.2 Mudança Linguística: tempo real e tempo aparente

Em Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) são apresentados sete princípios que constituem os fundamentos da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Weinreich, Labov, Herzog (2006, p. 125) argumentam a importância destes preceitos proferindo a seguinte frase: “Estamos muito preocupados com os métodos para relacionar a teoria da mudança à evidência empírica em modos que levarão à concordância intersubjetiva”. Portanto, vistas como essenciais para o pensamento do problema, apresentamos os setes princípios:

1. A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.
5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os dialetos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (WLH, 2006, p.125-126).

Esses princípios marcam uma nova geração de pesquisadores voltados aos estudos da variação e mudança linguística. Contudo, para entender o processo de variação e mudança linguística é preciso realizar alguns estudos sobre o andamento dessas mudanças, além de tudo, os traços podem fortalecer e ajudar a interpretar os resultados das investigações históricas. Labov leva em consideração o *princípio da uniformidade*. “Postulamos que as forças que operam para produzir a mudança linguística hoje são do mesmo tipo de ordem de grandeza das que operaram no passado, há cinco ou dez mil anos” (LABOV, 2008, p.317).

Com base no princípio da uniformidade, observamos que as mesmas influências do passado continuam operando até hoje, mesmo existindo fatores como a ampliação do letramento, o desenvolvimento do vocabulário e até mesmo a convergência linguística, são consideradas como particularidades, perto dos efeitos constantes no cotidiano da interação social como da gramática e da fonologia.

Neste caso, podemos observar o comportamento das variáveis através da análise de várias faixas etárias, chamado de tempo aparente. Como exemplo, podemos considerar uma análise com três grupos etários: crianças, jovens, meia-idade e mais velhos. Neste caso, realizada a análise das variáveis internas, serão confrontadas com o fator idade. Portanto, Tarallo (2003, p.65) declara que, se “o uso de variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso”. Omena (1998) registrou a ocorrência desse processo decrescente, portanto, o uso da forma **nós** foi mais elevada entre os informantes mais velhos de 50 a 71 anos com .78 de probabilidade, entre o grupo 26 a 49 anos a ocorrência foi de .64, e subsequentemente entre a faixa etária mais jovem 15 a 25 anos a probabilidade foi registrada em apenas .33 e o grupo com a menor ocorrência foi entre as crianças (7-14 anos) com apenas .26 de ocorrência.

Para Paiva e Duarte (2003), o estágio de uma língua é reflexo do comportamento linguístico de cada geração e que, portanto, os grupos de faixa etária mais jovem vão introduzindo de maneira gradualmente as novas formas linguísticas, logo, as formas utilizadas pelos grupos etários mais velhos vão desaparecendo. Com base nos pressupostos teóricos da teoria da mudança linguística, propomos uma análise dos dados em tempo aparente, já que nossos informantes estão representados em até dois grupos de faixa etária. O primeiro grupo é composto por crianças com faixa etária entre 8 a 12 anos, o segundo grupo é composto pela faixa etária de 25 a 49 anos. Lembrando que analisaremos o último grupo (25 a 49 anos) através de dois banco de dados VMPOSC e VARSUL.

No campo sociolinguístico, é possível “a combinação de observações no tempo aparente e no tempo real [que] é o método básico para o estudo da mudança em progresso⁴¹”.(LABOV, 1994, p.63). Portanto, o estudo em tempo real (de curta ou longa duração)

⁴¹ “This combination of observations in apparent time and real time is the basic method for the study of change in progress”. (LABOV, 1994, p.63).

[...] permite recobrir aspectos que não podem ser detectados pelo estudo em tempo aparente, distinguindo mudanças que se reproduzem de forma gradual em toda comunidade linguística daquelas que podem caracterizar a trajetória de comportamento linguístico do indivíduo ao longo da sua vida. (PAIVA; DUARTE, 2003, p. 17)

Portanto, é possível realizar uma progressão sobre o processo de mudança linguística ao longo de diferentes períodos, utilizando dados de fala oral ou a não existência desse material, se utiliza dados de escrita. Nesse processo, observa-se o comportamento da variante inovadora, constatando se com o passar do tempo esse fenômeno linguístico se fortaleceu entre os falantes da comunidade.

O estudo em tempo real de longa duração visa à análise da variação da língua (por exemplo, do português) em períodos bem distintos, como o português contemporâneo e o português medieval. Contudo, existem algumas implicações nessas análises, pois, como não ocorreu nenhum registro de fala pela falta de tecnologia nesse período, o pesquisador recorre apenas a registros da língua escrita. A dificuldade está em considerar essa amostra como a representação fiel da comunidade. Paiva e Duarte (2020, p.182) consideram importantes os estudos acerca da mudança em tempo real, pois “constitui um recurso imprescindível não apenas para identificar o momento de aparecimento ou morte de uma determinada variante linguística como também para verificar a regularidade na ação dos princípios que regem a variação e subjazem à implementação da mudança”.

O caminho percorrido pelas variáveis também pode ser observado por um tempo mais reduzido, chamado de tempo real de curta duração. No estudo de painel se observa o mesmo indivíduo entre dois pontos de tempo bem distintos e o estudo de tendência pela comparação de amostras distintas, mas de uma mesma comunidade. Citamos como exemplo, o trabalho reproduzido por Omena (2003) como um estudo de tendência. A primeira amostra foi coletada na década de 1980 e a segunda em 2000, os resultados apresentaram uma estabilidade quanto a variável idade, neste caso, os informantes entre o grupo mais de 50 anos permanece com um percentual baixo (0.20 amostra 80 e .22 amostra 00) pelo uso da forma **a gente**. Porém entre os jovens (7 a 14 anos) a forma inovadora continua em alta (.79 amostra 80 e .84 amostra 00). Omena (2003) destaca que as duas primeiras faixas etárias da década de 1980a correspondem ao grupo com idade entre 26 a 49 anos da década de 2000, portanto, considerando que esse grupo na década de 80 representava favorável pelo uso da forma inovadora, agora é o grupo que registra um percentual mais elevado pela forma **nós**, neste caso, “ao mudar de idade, eles adaptam o seu desempenho ao grupo etário a que passam a

pertencer.” (OMENA, 2003, p.67). Assim, a forma inovadora tende a ser mais utilizada entre os grupos mais jovens.

3.1.3 Problemas empíricos

Para compreender o processo de mudança linguística, Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) apontam cinco problemas empíricos que o pesquisador deve levar em consideração ao realizar uma pesquisa sociolinguística. Portanto, os problemas se desdobram em questões relativas à restrição, ao encaixamento, à transição, à avaliação e à implementação. Neste trabalho, vamos procurar responder principalmente os problemas de encaixamento e transição, conforme destacamos na descrição dos conceitos a seguir.

A **restrição** objetiva “determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança” Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968], p.121) dentro de uma determinada estrutura. Para analisar a variação/mudança linguística é preciso observar as ocorrências linguísticas específicas do processo. Coelho *et al.* (2015, p.76) elenca uma questão a ser respondida durante uma pesquisa sociolinguística, “qual é o conjunto de mudanças possíveis e de condições para mudança que podem ocorrer em uma determinada estrutura?”. Podemos citar como estudo, a variação da concordância verbal na primeira pessoa do plural realizado por Vitorio (2015b). Em sua análise sobre a concordância dos verbos (**-mos** e **zero**) com as formas pronominais (nós e a gente), revelou que o morfema **-mos** favorece 96% pelo uso da forma **nós**. Já o morfema **zero** favorece 95% pelo uso da forma **a gente**. Nesse caso, a pesquisa demonstra que o morfema **-mos** indica restrição pela realização da forma **a gente**, e que, portanto, no PB a variante inovadora (a gente) tende a ser utilizada com o verbo na terceira pessoa do singular.

O **encaixamento** está relacionado à conectividade entre a manifestação linguística que perpassa o processo de variação/mudança e que, portanto, é encaixada com os fatores estruturais linguísticos e sociais. De acordo com Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), p.122), “o problema de oferecer fundamentos empíricos sólidos para a teoria da mudança traz à tona diversas questões sobre a natureza e a extensão deste encaixamento” e, por isso, foram divididas em encaixamento na estrutura linguística e encaixamento na estrutura social. Coelho *et al.* (2015, p.76) orientam, com base em Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), que, em uma pesquisa sociolinguística, devemos questionar “como as mudanças estão encaixadas na estrutura linguística e social?”.

No sistema linguístico, a variável é um elemento estrutural, ou seja, não tem flutuações e, portanto, os próprios falantes da comunidade possuem competência linguística para controlar a variação. Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), p.123) reforçam que “a mudança linguística, ela mesma, raramente é um movimento de um sistema inteiro para outro”.

O encaixamento da estrutura social é interligado no processo de variação e mudança linguística, como podemos observar entre as variedades geográficas e as estruturas sociais, como o fator idade, escolaridade, sexo, entre outros. Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), p.123) lembram que “a tarefa do linguista não é tanto demonstrar a motivação social de uma mudança quanto determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico abstrato”.

Nesse caso, podemos mencionar como exemplo, a ligação entre a estrutura linguística e a social com o estudo sobre paralelismo formal entre adultos e crianças realizado por Omena. “[...] os números indicam que a probabilidade de se usar **a gente**, ao invés de **nós**, é maior quando o antecedente formal for **a gente** e a referência for igual à anterior (adulto: .81 e crianças: .78). Ela diminui quando se muda a referência (adultos: .65 e crianças: .65).” (OMENA, 1998, p.195). Portanto, de acordo com os resultados de Omena (1998), a variação pronominal **nós** e **a gente** é encaixada numa estrutura linguística em que o pronome **a gente** é favorável a repetição numa sequência discursiva entre adultos e crianças.

A **transição** busca entender como ocorre a transição de um sistema linguístico para outro, ou seja, como ocorre a mudança linguística entre distintos grupos de falantes com faixas etárias diferentes e entre distintas regiões, como é o caso do nosso objeto de pesquisa, que envolve estudos sincrônicos entre o uso dos pronomes **nós** e **a gente**. Apresentamos uma questão mencionada por Coelho *et al.* (2015, p.76) que deve ter a máxima atenção com relação ao processo de “como as mudanças passam de um estágio a outro?”. Portanto, podemos citar um estudo sobre mudança em tempo aparente realizado por Omena (1998), na qual analisou a variável faixa etária (7-14 anos; 15-25 anos; 26-49 anos e 50-71 anos) sobre as variantes pronominais **nós** e **a gente**. Seus resultados apresentaram alto índice para uso da forma **nós** entre os informantes mais velhos (.78) porém, na sequência, esses resultados diminuíram subsequentemente com as faixas etárias mais jovens (26-49 anos: .64; 15-25 anos: .33; 7-14 anos: .26). Portanto, os estudos de Omena afirmam que os informantes mais jovens tendem a utilizar mais a forma inovadora e conseqüentemente, podemos notar que a transição das formas **nós** e **a gente** estão ocorrendo para um processo de mudança em

percurso. De acordo com os pressupostos teóricos de Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), p.122) “a mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta”. Com relação à **avaliação** entende-se que se deve ter uma atenção aos correlatos subjetivos que são avaliações expostas pelos falantes e deduzidas sobre as variáveis que estão ligadas ao sistema linguístico, principalmente sobre a consciência social (prestigiada ou desprestigiada), pois sua condução pode gerar a propagação ou a interrupção da mudança linguística. Para Coelho *et al.* (2015, p.76), devemos responder durante uma pesquisa sociolinguística ao seguinte “problema de avaliação: como as mudanças podem ser avaliadas em termos de seus efeitos sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa e sobre o amplo espectro de fatores não representacionais envolvidos no falar?”. Neste caso, podemos citar como exemplo o uso das variantes **nós** e **a gente**, na função de sujeito, com as seis possibilidades em pleno uso de concordância verbais apresentadas no Quadro 7. Conforme veremos na seção 5.2.1.3, a flexão do verbo com as referidas formas pronominais na função de sujeito muitas vezes gera avaliação negativa, isto é, desaprovações, principalmente quando o pronome **nós** se combina com uma forma verbal na terceira pessoa do singular (**nós vai**) e o mesmo acontece com o pronome **a gente** quando se combina com uma forma verbal flexionada na primeira pessoa do plural (**a gente vamos**).

Quadro 7: Os pronomes de primeira pessoa do plural e a concordância verbal

Prestigiada	Desprestigiada/Estigmatizada
a gente trouxe	a gente trouxemos a gente trouxemo
nós trouxemos	nós trouxe nós trouxemo

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

No trabalho de Brustolin (2009), revelou-se que, na fala dos jovens, ocorre preferencialmente o uso da forma **a gente** (65%), enquanto que, na modalidade escrita, os percentuais dessa variante caem para 16%, porém esses índices são expressivamente altos quando levados em consideração a preferência pelo uso mais formal na escrita. A autora ressalta que, ao analisar o uso dos pronomes nessa modalidade, percebeu que o estigma recai sobre a concordância verbal. Nesse caso, os percentuais foram de 97% para uso da forma **nós**

-mos e de 86% para uso de **a gente** Ø; por outro lado, o estigma ocorre pelo uso das formas **a gente -mos** (3%) e **nós** Ø (14%).

Contudo, ambas as formas pronominais transitam muito bem entre os falantes do PB, ou seja, são utilizadas em diversos contextos estilísticos da fala, como espontânea ou monitorada. Como exemplo, citamos o trabalho de Strapasson e Coelho (2013), que observaram que o uso das formas pronominais **nós** e **a gente** apresenta resultados um pouco diferentes para os níveis de escolaridade que já foram encontrados em outras pesquisas, ou seja, de que quanto mais anos de escolarização maior o uso pelo forma **nós**. O grupo pertencente ao Ensino Superior registrou 43,35% de uso da forma inovadora, enquanto que o grupo pertencente ao Ensino Fundamental apresentou 31,96% de uso da forma inovadora. Portanto, as autoras consideram “[...] que o fato de o grupo mais escolarizado ter preferência pela forma inovadora é um indicador de estabelecimento de limites de ordem linguística ao pretender demonstrar uma situação de mais conforto e descontração dentro do contexto em que se encontra.”

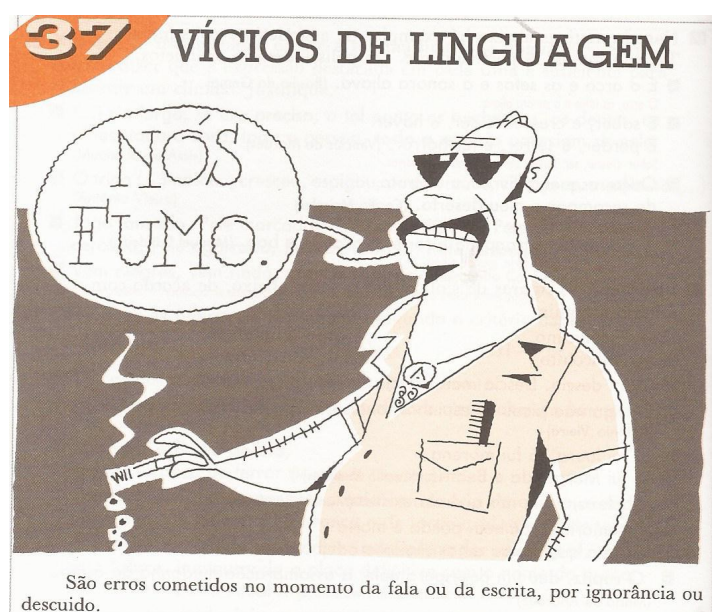
Sob o escopo da variação estilística, cabe os usos da modalidade oral e escrita, e, nesse segundo fenômeno, as análises têm demonstrado o uso expressivo da forma inovadora em produções textuais. Labov cita “A maior parte do trabalho feito até agora sobre avaliação lida com as reações manifestas dos membros às mudanças que chegaram à atenção consciente. Como veremos, essas reações são universalmente negativas. A questão teórica é se essas avaliações negativas podem influenciar diretamente o curso da mudança linguística sistemática: as fusões podem ser revertidas sob a influência da grafia?”⁴² (1982, p.29, tradução nossa).

Alguns dos apontamentos realizados pelas pesquisas de Brustolin (2009) e Strapasson e Coelho (2013) têm uma grande correlação com as orientações apresentadas pelas gramáticas normativas, pois elas são utilizadas para o embasamento no ensino da Língua Portuguesa e, portanto, é natural existir uma forte intervenção na fala, principalmente quando o falante está inserido na escola. As gramáticas normativas, como Cegalla (2000), Maia (2000) e Cunha e Cintra (2007), estabelecem padrões de uso a serem seguidos pelos falantes, contudo não levam em consideração os fenômenos variáveis, como é o caso do pronome **a**

⁴² Most of the work done so far on evaluation deals with the overt reactions of members to changes that have risen to conscious attention. As we will see, these reactions are universally negative. The theoretical question is whether such negative evaluations can influence directly the course of systematic linguistic change: can mergers be reversed under the influence of spelling?

gente. Como exemplo, citamos o livro de Maia (2000) no qual realiza, na parte final do livro, uma menção ao pronome **a gente**, cujo capítulo é intitulado como “Vícios de linguagem”. Após o título do capítulo, há uma ilustração e a frase “**nós fumo**” escrita no interior de um “balão de diálogo”. Abaixo da ilustração, observamos a seguinte afirmação: “São erros cometidos no momento da fala ou da escrita, por ignorância ou descuido”. (MAIA, 2000, p.312).

Figura 1: Vícios de linguagem



Fonte: Maia (2000, p. 312).

Podemos observar que o livro, além de incluir pejorativamente a forma pronominal **nós** com a desinência verbal da terceira pessoa do singular⁴³, classifica equivocadamente esse fenômeno variável como vício de linguagem, ou seja, estigmatiza-o. Convém lembrar que, em nenhum momento do livro, foi feita menção ao uso do pronome **a gente** pelos falantes brasileiros. A ilustração, além de discriminatória, contém ainda a imagem de um homem com cigarro na mão e, como já mencionamos, o balão de diálogo com a frase “**nós fumo**”, que, em razão do contexto, pode gerar duplo sentido: “**nós fumo**”, que pode significar o ato de fumar, como em “**nós fumamos**” já que o homem de fato segura um cigarro aparentemente aceso, ou “**nós fumo**”, que, em decorrência do alçamento da vogal média /o/, pode expressar a ação de ir, como em “**nós fomos**”. Porém, não há comentário, nem sequer

⁴³ Segundo Bagno (2012, p. 651), “[...] uma construção como ‘a gente vamos começar o serviço hoje’ provoca reação negativa imediata nos falantes das variedades urbanas prestigiadas.”

qualquer discussão a respeito, além da frase de que a construção é um erro “[...] da fala ou da escrita, por ignorância ou descuido” (MAIA, 2000, p.312). Conseqüentemente, o que podemos esperar com tais descrições é uma mudança no comportamento dos falantes, que podem ocasionalmente avaliar de forma negativa qualquer forma variável que não se adequa a lista proposta pelas normas descritivas.

Por fim, no problema da **implementação**, Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) argumentam a necessidade de realizar alguns questionamentos sobre os fatores que implementaram a mudança linguística, principalmente os fatores que envolvem os problemas empíricos ligados aos condicionadores linguísticos e sociais. Coelho *et al.* (2015, p.77) apresentam um questionamento para ser observado na pesquisa, “a que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? por que uma mudança ocorre em uma língua em uma época e não em outra língua e em outra época?”. A dificuldade no enigma da implementação é evidente no número de fatores que influenciam a mudança. Portanto, devemos interrogar de que maneira a forma nova foi implementada, se ocorreu através dos anos ou se foi determinada por alguma região.

3.1.4 Julgamentos sociais conscientes e inconscientes

A variação e a mudança linguística podem estar intrinsecamente ligadas a julgamentos sociais e eventualmente elas ocorrem de modo consciente ou não. Essa avaliação acerca da escolha linguística do falante pode ocorrer sob a forma de prestígio ou de estigma, ou seja, a avaliação social pelo uso de uma forma linguística em relação a outra é determinada por forças externas à língua, como a origem do grupo de falantes, o *status* social e os diferentes papéis sociais desempenhados nas diferentes situações comunicativas. Segundo Bagno (2008, p.76-77),

[...] quanto mais alto estiver a pessoa na escala socioeconômica (e também quanto mais elevado for o seu grau de escolarização), maior será o prestígio atribuído à sua maneira de falar. Do mesmo modo, e inversamente, o menor prestígio social de determinados falantes vai ser correlato da visão pejorativa e depreciativa com que seu modo de falar será avaliado.

Essas variantes de prestígio são concomitantemente ao termo de variante padrão e, portanto, são relativas ao uso da variedade culta da língua. Já a forma estigmatizada é síncrona com o termo da variante não padrão, cuja forma se distancia da variedade prestigiada.

Coelho et. al (2015, p.19) pontua que “a variante padrão tende a ser prestigiada e conservadora, ao passo que a variante não padrão tende a ser estigmatizada e inovadora.” Com a ressalva que algumas ocorrências diferem desses casos, a autora menciona o caso da ocorrência pronominal de P4, cuja variante padrão é a forma pronominal **nós** considerada mais prestigiada. Contudo, a forma inovadora **a gente** não apresenta estigma perante aos contextos formais.

A partir do nível de consciência do falante em relação aos usos da língua, Labov (2008) organizou três categorias referentes ao julgamento social consciente e inconsciente para o uso das variantes linguísticas, denominadas como: estereótipos, indicadores e marcadores.

Os **estereótipos** “são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (LABOV, 2008, p.360) e, portanto, são traços linguísticos conscientes. Neste caso, o uso de algumas formas pode ser estigmatizada, sendo utilizada para personagens em eventos humorísticos, como exemplo temos “consoantes /d/ e /t/ pronunciadas como [d] e [t] (e não como [dʒ] e [tʃ] diante de [i], como em ‘bom **dia**, **titia!**’- formas típicas das variedades florianopolitana e recifense, por exemplo”. (COELHO *et al.*, 2015, p.66)

Os **indicadores** “são traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa”. (LABOV, 2008, p.360). Como exemplo, podemos citar a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/, como nas palavras ‘peixe’/’peixe’ e ‘couve’/’cove’. (COELHO *et al.*, 2015, p.67).

Os **marcadores** “exibem estratificação estilística tanto quanto estratificação social”. (LABOV, 2008, p. 360). Neste caso, existe uma resistência em utilizar certas variantes como exemplo o uso dos pronomes “tu” e “você”. Lopes (2017) observou que os falantes de Chapecó utilizam muito mais o pronome **você** em relação a variante **tu**, portanto, ocorre uma avaliação positiva dos falantes chapecoenses em relação ao pronome **você**, sendo empregada em diversos contextos (formais e informais). Em decorrência desse prestígio, a variante **tu** é apenas utilizada em contextos informais. Portanto, o uso da variante vai depender da variação estilística (a proximidade entre os falantes) e social (a proximidade entre a faixa etária ou da região onde vive o falante). Neste cenário, o julgamento social é consciente. (COELHO *et al.*, 2015).

Cabe destacar que devido ao prestígio de uma variante em relação a outra, conforme a região, a variante pode também mudar seu significado social de estereótipo para

marcador, por exemplo “as construções ‘tu foi’ e ‘vou ir’. No Rio Grande do Sul, essas formas comportam-se como marcadores e não como estereótipos, pois não são estigmatizados, constituindo-se em elementos caracterizadores de identidade local.” (COELHO *et al.*, 2015, p.67). Portanto, os julgamentos sociais podem determinar o surgimento de um processo de variação e de mudança linguística.

3.2 Teorias da Aquisição da Linguagem

A aquisição da linguagem é um desenvolvimento linguístico que inicia precocemente no ser humano, ou seja, o contato com a língua se inicia nos primórdios da geração do bebê no ventre da mãe. Toni (2019, p.213) destaca que

[...] a aquisição da linguagem é um processo inconsciente, natural, espontâneo e impetuoso: surdez, cegueira ou mesmo surdo-cegueira não são capazes de impedir a aquisição da linguagem; déficits cognitivos severos ou déficits sociais e comunicativos severos não são capazes de barrá-la.

A autora ressalta que o desenvolvimento linguístico das crianças é semelhante para todas. “Embora existam variações e um conjunto de percursos possíveis à aquisição, essas variações e percursos são limitados: crianças com cognição e desenvolvimento normais apresentarão percursos de desenvolvimento linguístico bastante parecidos.” (TONI, 2019, p.213). Portanto, crianças de diferentes regiões ou países vão apresentar o mesmo desenvolvimento na linguagem, cujas dificuldades e erros é que tornarão esse processo similar. “Isso mostra que o percurso de desenvolvimento infantil não é caótico ou aleatório: ele é gerado por um mecanismo comum a todos os indivíduos da espécie humana.” (TONI, 2019, p.213).

Ao longo dos anos, algumas hipóteses tentaram clarificar o processo de aquisição da linguagem, contudo, elas interpretam interfaces diferentes, cujas análises interpretam estudos do comportamento linguístico, biológico, comportamental, entre outros. Dessa forma, as correntes teóricas debatidas ao longo dessa seção abordam diferentes perspectivas para com o mesmo objeto. O mesmo olhar pode ser comparado à parábola dos cegos e o elefante (figura 2), na qual cada cego que apalpava o elefante tinha um ponto de vista diferente do seu objeto de “pesquisa”.

Figura 2: Parábola dos cegos e do elefante



Fonte: Vieira (2012, não paginado)

Para Görski e Rost Snichelotto (2008, p. 39), “O mesmo objeto pode ser analisado sob diferentes ângulos, a partir de diferentes pressupostos que podem ser complementares ou conflitantes”. Toni considera que cada corrente teórica tem uma perspectiva diferente sobre um mesmo objeto. “Estudos inseridos em diferentes correntes teóricas muitas vezes não são comparáveis, pois em geral correntes teóricas diferentes tratam de objetos de investigação distintos, com metodologias distintas que visam a responder perguntas também distintas”. (TONI, 2019, p.216)

Inúmeros eventos instigaram os estudos sobre o processo de desenvolvimento da fala, partindo do “fato de as crianças, por volta dos três anos, serem capazes de fazer uso produtivo de suas línguas suscita a questão de como estas línguas são aprendidas, adquiridas. É a essa questão que as teorias de aquisição tentam responder”. (SANTOS, 2010, p.216). Portanto, ao longo de décadas, surgiram três correntes teóricas: empirismo, racionalismo e o construtivismo. Cada qual apresenta algumas vertentes, como no empirismo surge a hipótese behaviorista, no racionalismo surgem os estudos sobre o inatismo e no construtivismo temos as vertentes do cognitivismo e interacionismo.

Dessa maneira, em razão dos objetivos desta dissertação, não nos deteremos na descrição das principais vertentes de estudos⁴⁴ sobre o processo de aquisição da linguagem, mas resumamos brevemente aquela perspectiva que mais se aproxima com nosso objeto de estudo, que é a vertente social da linguagem no processo de aquisição, conforme tratamos a seguir.

⁴⁴ Para mais informações a respeito das vertentes que tratam de aquisição da linguagem, consulte, por exemplo, Scarpa (2012, p.253).

3.2.1 Interacionismo

O interacionismo surge a partir dos pressupostos teóricos de Vygotsky, que estuda o desenvolvimento da linguagem, a partir do encadeamento entre a fala e o pensamento. Os estudos vygotskyanos têm como interesse observar a função social da língua e nesse contexto entra um importante colaborador, ou seja, o interlocutor torna-se o centro das mediações no processo da aquisição da fala. Neste processo de aquisição da linguagem são considerados essenciais os “[...] fatores sociais, comunicativos e culturais. Assim, interação social e troca comunicativa entre criança e seus interlocutores são vistas como pré-requisito básico no desenvolvimento linguístico”. (SCARPA, 2012, p.252). Portanto, é através da indução de uma comunicação pré-verbal que se forma a construção da linguagem para a criança, ou seja, as características da fala dos adultos ou das crianças mais velhas são consideradas essenciais no desenvolvimento da linguagem na criança. “A fala a que a criança está exposta (*input*) é vista como importante fator de aprendizagem da linguagem”. (SCARPA, 2012, p.253).

Vygotsky levanta a hipótese de que a fala e o pensamento serem de origens genéticas diferentes, pois a primeira fase teria a ocorrência de ambas as formas, uma chamada de “pré-verbal do pensamento, ligada à inteligência prática, e uma fase pré-intelectual da fala, relacionada ao balbucio e ao choro”. (CEZARIO; MARTELOTTA, 2011, p. 213). Na sequência, ocorreria uma junção entre as formas (fala e pensamento) e então, aos dois anos de idade, “a fala passa, então, a servir ao intelecto, e os pensamentos podem ser verbalizados”. (SANTOS, 2010, p. 224). Para Vygotsky, essa fase é a mais importante, pois desperta a curiosidade e a ampliação do vocabulário. Também ressalta que o período é vivenciado pelo egocentrismo, no qual a criança apresenta momentos de diálogos sozinha, principalmente em momentos de descontração como em brincadeiras.

Para Vygotsky, a fala egocêntrica é um instrumento de que a criança faz uso para buscar e planejar a solução de um problema, e tende a ser interiorizada [...] funciona como um auxiliar externo para que a criança solucione tarefas, serve para ajudar a criança a superar dificuldades. (SANTOS, 2010, p. 224).

Portanto, na proposta vigotskiana, a fala vai sendo internalizada à medida que a criança cresce, pois é, na interlocução entre adulto e jovem, que se desenvolve o pensamento e a linguagem.

Apesar da proposta ser muito bem observada e aplicada em crianças, ainda permanecem lacunas entreabertas acerca de alguns questionamentos, como bem cita Santos (2010, p. 224): “Para as propostas construtivistas, fica ainda a questão de responder como a

criança passa de categorias cognitivas para categorias puramente linguísticas, no processo de aquisição da linguagem”. Portanto, cabe a cada um observar e apresentar pontos distintos, porém todos estão voltados para o mesmo objeto, por isso, não se rejeita todo e qualquer estudo que tenha buscado responder as incompreensões no processo aquisitivo da fala.

3.3 A interface entre a variação linguística e a aquisição da variação

O processo de variação linguística é muito semelhante ao processo de aquisição, porém são sistemas bem distintos. Segundo Roncarati e Mollica (1997, p.11), a variação e a aquisição são interfaces importantes “para provar a existência de sistematicidade na aprendizagem de regras categóricas e variáveis em estágios progressivos de aquisição da linguagem”.

“A variação linguística dentro de uma comunidade pode ser observada em falantes de diferentes idades e, inclusive, a variável idade é frequente nos estudos”. (LORANDI, 2013, p. 138). A autora cita que, ao estudar a variação entre jovens e adultos, uma possível diferença pode aparecer nesse intervalo de idades. Portanto, esses resultados representam de fato uma comunidade, pois todos os integrantes são autores da variação ou da mudança linguística.

Labov (2008), sobre a aquisição da língua, reflete que, no consenso geral, o termo se conceitua como um processo que se dá, primeiramente, na interação entre mãe e filho. Na medida em que a criança passa a interagir com outras crianças, ou seja, seus pares fora da família nuclear, elas passam a seguir os padrões de seus pares.

Labov (2008) emprega um termo considerado por ele de extrema importância para entender o processo de mudança do vernáculo. Ele define como processo de reestruturação, para tal, realiza algumas interrogações sobre a possibilidade das regras iniciais aprendidas com os pais serem desaprendidas, ou então, deixadas de lado, e permanecerem como regras potenciais para a gramática. Para o autor, nem sempre a reestruturação ocorre de dentro da própria língua nativa e, portanto, “[...] ninguém desaprende regras vernáculas, mas simplesmente acrescenta regras novas. Talvez os dialetos aprendidos com os pares sejam somente aquelas regras que não estavam especificadas nas gramáticas aprendidas com os pais”. (LABOV, 2008, p. 351). Em sua análise (LABOV, 2008, p.352), “é possível que uma criança mais nova, ao cair sob a influência de seu grupo de pares, ainda não tenha formado a maioria das regras que diferem de um dialeto para outro e que ela simplesmente acrescente

regras que não criam conflito com as suas próprias”. O autor salienta que também é possível uma criança de 6 anos trocar um conjunto de regras por outro, o que leva Labov (2008) a concluir que se trata de uma área delicada e crítica para futuras pesquisas.

Ele também apresenta resultados opostos aos seus, como é o caso da pesquisa de Kostas Kazazis(1969) que destacou a influência da família sobre os grupos de pares. Neste caso, os informantes eram adolescentes de classe média nascidos em Atenas, porém seus pais e avós eram de Istambul. Com todo o contato dos jovens com outras pessoas e com toda a pressão para mudar sua fala, eles não o fizeram. Isso demonstra que as famílias possuem um valor muito alto pela sua identidade e o prestígio entre os laços familiares provaram serem mais resistentes a qualquer pressão social.

Em 1964, Labov construiu um modelo para representar os seis estágios de desenvolvimento da aquisição da linguagem do inglês. Sendo eles: a gramática básica; o vernáculo; percepção social; variação estilística; o Standard consistente; e, totalidade da amplitude. Sua hipótese consiste na análise dos dados de cinquenta e oito crianças entre oito e dezenove anos, residentes na cidade de Nova Iorque.

O primeiro nível chamado de gramática básica é representado pelo domínio das regras gramaticais e do léxico. Esse estágio é formado pelo contato linguístico da criança com os pais. O segundo nível, o vernáculo, simboliza o estágio mais importante do desenvolvimento linguístico da criança. “Nos anos de pré-adolescência, aproximadamente das idades de cinco a doze, a criança aprende o uso do dialeto local numa forma consistente com a de seu grupo de amigos e companheiros mais próximos”. (LABOV, 1974, p. 66)⁴⁵. Nesse período, a criança inicia o processo de leitura pelo contato com a escola.

O terceiro nível, percepção social, inicia na adolescência e é onde categoricamente a criança é inserida ao mundo dos adultos. “Com a idade de quatorze ou quinze anos as crianças começam a responder ao teste de reação subjetiva com padrões que se assemelham ao padrão adulto”. (LABOV, 1974, p.67). O quarto nível, variação estilística, é marcado pela mudança na fala, utilizando “um *standard* de prestígio, em situações formais, ou mesmo, em certo grau, na fala casual”. (LABOV, 1974, p.67). Esse nível sugere mais mudanças linguísticas por ser um período do qual o falante mantém mais contato com outros jovens, principalmente por estar frequentando o primeiro ano do ginásio e, portanto, seu contato perpassa ao grupo da vizinhança.

⁴⁵ Tradução de: FONSECA, M. S.V.; NEVES, M. F (orgs.), 1974.

No quinto nível, o *standard* consistente, é observada a capacidade de promover os estilos *standard* estavelmente, pois em geral, o emprego das formas de fala nesse nível não devem ser ditas só de forma ocasional. Labov (1974, p. 67), constatou que “a habilidade de mudar para um estilo consistente de fala e mantê-lo com uma razoável consistência é adquirida basicamente pelos grupos de classe média”. Além de observar que a baixa classe média é aquela que mais se empenha em manter essa consistência. O sexto e último nível, totalidade da amplitude, representa a total consistência ao uso de diversos estilos linguísticos em diferentes ocasiões. Segundo Labov (1974, p.67), “poucos novaiorquinos atingem este nível de habilidade na fala, e aqueles que o fazem são na sua maioria pessoas com nível de educação universitária com interesse especial na fala.” Portanto, poucos informantes atingiram com grande veemência a capacidade de mudar seu estilo linguístico entre o uso das formas de maior prestígio para o uso das formas do seu vernáculo original.

Do ponto de vista de Lorandi (2013, p. 138), “a aquisição da variação diz respeito ao estudo de como e quando determinada regra variável é adquirida pela criança, quando passa a fazer parte do seu sistema linguístico”. A autora afirma que este estudo é de extrema importância, pois leva em consideração a criança como membro da comunidade de fala.

A maior parte dos estudos variacionistas se dedicou ao longo dos anos, a investigar somente a fala do adulto. As razões são justificadas pela fala do adulto possuir um sistema de língua já desenvolvida. Lorandi (2013, p.138) afirma que “uma vez descrito o fenômeno ou a gramática adulta, é possível voltar-se para a fala da criança de modo a buscar evidências da aquisição desse fenômeno ou dessa gramática, já que existe um padrão em que se basear”. Esse padrão é observado em nossa pesquisa, pois, desde a década de 1980, diversos estudos foram direcionados muito mais para a fala adulta do que para a fala das crianças. Chambers (2003 *apud* LORANDI, 2013, p. 142).) afirma que, “[...] quando as crianças adquirem a sua língua materna, elas evidentemente adquirem as variantes locais e as normas de seu uso também.”

A pesquisa sobre aquisição da linguagem pode ser realizada com informantes de diversas idades. Entre os mais jovens (a partir do primeiro ano de vida) pode-se observar a aquisição fonológica e entre as crianças mais velhas (a partir de dois anos) pode-se investigar um estudo sobre a aquisição sintática e/ou morfológica.

Lorandi (2013) realizou um levantamento de estudos sobre a aquisição do inglês americano com crianças. Segundo a autora, Roberts e Labov (1995) verificaram que os resultados referentes à mudança de som recebiam contribuição do público mais jovem, ou

seja, as crianças utilizavam normas linguísticas de sua comunidade, dessa forma, elas são ativamente participativas no processo de mudança linguística da comunidade. A pesquisa de Roberts (1997 *apud* LORANDI, 2013) observou que crianças de 3 anos, que estão no processo de aquisição das formas gramaticais, também aprendem a variação ao mesmo tempo em que aprendem as formas gramaticais. A pesquisa de Smith, Durham e Fortune (2007 *apud* LORANDI, 2013) mostrou que as crianças utilizam a variante local (house como *hoose* - ditongo /Λu/ ou monotongo /u:/), quando seus cuidadores o fazem de maneira elevada na fala. Além disso, a variante local é muito mais utilizada em contextos informais, entre crianças e cuidadores, como brincadeiras e rotina. Com base nesse levantamento, Lorandi (2013) conclui que os estudos no campo da aquisição e variação linguística são recentes, porém é uma área que se revela bem produtiva a pesquisas, mostrando que, desde pequenas, as crianças já são capazes de adquirir variações complexas.

Os apontamentos de Gomes (2016) tratam da aquisição sob perspectiva sociolinguística, determinada pela função do conhecimento linguístico. Suas discussões muito têm contribuído para o avanço de estudos nesta área nova. Segundo a autora, considerando que a variação é inerente ao sistema, as estruturas variáveis também podem ser adquiridas como as estruturas categóricas e por meio dos mesmos mecanismos de aquisição.

Gomes (2016) explica que a concepção de aquisição da variação sociolinguística ainda é um tema para ser explorado e que recentemente tem recebido a devida atenção por parte dos pesquisadores. Primeiramente, os estudos sociolinguísticos têm como interesse o estudo da mudança linguística nas comunidades e, portanto, os estudos focam preferencialmente na análise do desempenho linguístico de falantes adultos. O segundo ponto é que os estudos da aquisição da linguagem sempre foram conduzidos por quadros teóricos que excluía o processo da variação do escopo da gramática.

Para a autora, existem algumas questões teóricas que estão presentes dentro do processo de aquisição da variação sociolinguística:

[...] uma questão a ser entendida diz respeito a como as crianças constroem seu conhecimento linguístico a partir do ambiente linguístico altamente variável e socialmente estruturado. O processo de aquisição vai resultar na aquisição não só de um conhecimento abstrato, mas também de uma identidade sociolinguística, social e regional. (GOMES, 2016, p. 65)

Dessa forma, é importante observar a forma como as crianças adquirem um conjunto de regras através do condicionamento de uma variável linguística. Gomes (2016) cita dois exemplos: o primeiro de Labov (1989 *apud* GOMES, 2016) que observou crianças

da Filadélfia com 7 anos e mostrou que as crianças têm adquirido condicionamentos de variáveis fonológicas. Portanto, seus resultados apontaram para a aquisição da alternância t/d em final de palavras e também nas formas -ing~in. O segundo estudo foi realizado por Guy e Boyd (1990 *apud* GOMES, 2016), que observaram a realização de -t/-d em formas verbais de passado irregular. Os resultados mostraram que somente os adolescentes entre 13 e 15 anos apresentavam um comportamento semelhante ao dos adultos. Os autores defendem que, entre as crianças mais jovens entre 5 e 8 anos, a ausência da consoante final em verbos irregulares, ainda não foi instituída nesta fase. Já entre o comportamento entre os jovens de 9 a 12 anos, os resultados encontrados não refletem o que é observado na comunidade de fala.

Alguns estudos defendem que a identidade sociolinguística só se estabelece na puberdade, “no entanto, é importante observar em que medida os valores sociais (ou condicionamentos sociais) são apresentados para as crianças e como se manifestam na infância”. (GOMES, 2016, p.65).

Gomes (2016) apresenta uma pesquisa de Foulkes *et al.* (2005 *apud* GOMES, 2016) cuja análise observou que o direcionamento da fala à criança apresenta elementos importantes de *input* na influência de valores sociais. Na conclusão dos dados, foi perceptível a diferença no comportamento entre os interlocutores, ou seja, o comportamento do falante adulto com outro adulto não era o mesmo quando realizado com uma criança. A última conclusão da pesquisa é referente ao fator idade das crianças, na qual foi registrado o aumento de variantes típicas do vernáculo. Gomes (2016, p.66) finaliza, apontando que “os autores ainda concluem [...] que a fala direcionada à criança também tem o papel de apresentar a meninos e meninas, desde a idade de 2;0, diferentes oportunidades para adquirirem valores sociais atribuídos às formas linguísticas de variáveis sociolinguísticas”.

Gomes (2016) ressalta que os fenômenos sobre a aquisição da variação podem ser abordados de duas maneiras, usando dados de percepção ou de produção. Os dados de produção espontânea são coletados a partir de amostras de fala espontânea. As entrevistas, em geral, são realizadas pela interação com brinquedos, livros e com figuras, de maneira que o ambiente se torne mais lúdico e acolhedor para a produção verbal da criança. Em geral, a idade mínima das crianças para a composição dessa amostra é de 2;0, podendo ser definida como amostras transversais ou longitudinais: a primeira se define pela composição de idades diferentes e a segunda pelo acompanhamento de crianças por um período mais longo.

Outras amostras podem ser utilizadas para analisar a estratificação segundo o sexo das crianças e outras características sociais. Gomes (2016) ressalta que um estudo que visa à

observação da aquisição da variação sobre o controle do *input* primário precisa se ater à seleção de crianças que não tenham irmãos, já que a transmissão de padrões sociolinguísticos ocorre pela fala dos pais.

Na sequência, Gomes (2016) cita o trabalho de Vieira (2006 *apud* GOMES, 2016), que analisou a realização da concordância verbal na 3ª pessoa do plural em 19 crianças da amostra Arquivar/Peul/UFRJ. O banco de dados utilizado por Vieira é composto por entrevistas com crianças com idade entre 1;11 e 5;0 anos. No total, foram obtidos 252 dados e os condicionadores sociais e linguísticos mais relevantes foram: a presença de marca precedente na fala de adulto, distância e posição do sujeito em relação ao verbo, saliência fônica e idade. Os resultados apresentaram o peso de .95 para formas verbais marcadas quando precedidas por uma forma marcada na fala do adulto e quando não ocorria a forma precedente, a tendência cai para o peso de .25 não ocorrendo a marcação. Contudo, a realização da marca precedente não ocorreu da mesma forma entre os grupos de faixas etárias.

Analisando os resultados da saliência fônica, a autora observou que, nos adultos (cf. SCHERRE; NARO, 1997), a tendência para a realização da forma marcada dos verbos apresenta o grau alto para a saliência. Observando os dados de crianças, Gomes (2016) menciona que o mesmo efeito de saliência fônica que ocorre entre os adultos também é apresentado nos resultados das crianças mais velhas. A tendência para a realização das formas não marcadas nos dois tipos de verbos ocorre com o grupo de crianças de 1;11 a 2;01. Já os resultados com os verbos com menor saliência foram realizados com a forma não marcada entre os grupos de crianças entre 2;10 e 3;0. Gomes (2016, p. 69) conclui que

[...] a sistematização da realização variável de formas verbais marcadas e não marcadas de 3ª do plural é adquirida gradativamente e, em torno dos 5 anos de idade, as crianças manifestam um comportamento que se aproxima ao dos adultos de sua comunidade de fala.

Dessa forma, a autora cita a importância do trabalho de Vieira que demonstrou que fatores internos condicionam a realização de variáveis entre verbo-sujeito no português brasileiro, e que, portanto, podem ser adquiridos ainda na fase jovem, nos primeiros cinco anos de idade.

Nosso interesse recai no estudo de Duarte (1997) que observou a aquisição do sujeito pronominal em L2⁴⁶.

⁴⁶ São todas as línguas aprendidas após a língua materna ou a primeira língua.

O objetivo do trabalho de Duarte (1997) foi analisar como ocorre o processo de aquisição do sujeito pronominal no português por informantes do Alto Xingu, por influência do contato com o homem branco. O *corpus* é constituído por entrevistas com índios do Alto Xingu coletados pela professora Dra. Charlotte Emmerich entre os anos de 1975 e 1980. Dois informantes estão em estágio incipiente de aquisição e três em estágio intermediário. A segunda amostra é composta por nove falantes considerados fluentes. Foram considerados apenas os dados para estudo do sujeito de referência definida.

A autora considerou como variável dependente o sujeito pronominal nulo vs sujeito pronominal pleno. Em seus resultados, um dos informantes em estágio incipiente apenas utilizava sentenças sem verbo ou utilizava parte das perguntas utilizadas pelo entrevistador, já o segundo informante, utilizava formas pronominais de 1ª pessoa e 2ª pessoa. A distribuição entre sujeitos nulos e plenos está mais relacionada à flexão. Verbos flexionados e não flexionados ocorrem com os sujeitos plenos de 1ª pessoa, já na ocorrência do sujeito pronominal nulo se apresenta com o verbo em 3ª pessoa. “Esses dados sugerem que, à medida que adquire a flexão, o falante tende a preencher o sujeito, o que não seria esperado numa língua de sujeito nulo”. (DUARTE, 1997, p.51).

Os próximos dados foram extraídos dos informantes em estágio intermediário de aquisição, eles apresentam um grande avanço em relação aos dois informantes apresentados anteriormente.

Na análise dos dados, a autora conclui que o uso das formas nominais em estágio inicial de aquisição do português L1, também pode ser utilizada na aquisição da L2. O uso do sujeito nulo é favorável ao verbo na forma nominal sendo expresso na 1ª e 3ª pessoa do singular. Quando a autora analisa os dados dos três informantes individualmente, nota que os índices se diferenciam entre 60%, 44% e 32%. Portanto, ele define que eles estão em diferentes estágios de fluência e que “à medida que aumenta a fluência, cai o percentual de sujeitos nulos, e o desempenho do falante mais se aproxima da fala do branco”. (DUARTE, 1997, p.55). No segundo momento, a autora analisa a amostra principal com nove informantes considerados fluentes. Na análise da realização do sujeito pronominal, foram registradas 1034 sentenças, 36% das ocorrências são para o sujeito nulo e 64% para sujeitos preenchidos.

Nas considerações finais, a autora conclui que o aprendiz tem capacidade de adquirir um sistema variável através do *input* do qual ele teve acesso, além de corroborar que o falante da amostra processada registra uma representação pronominal muito próxima com o que se apresenta na fala dos falantes nativos do português.

O que percebemos é que a discussão em torno da aquisição da linguagem já vem sendo discutida e definida ao longo dos anos e, portanto, pretendemos apresentá-la de maneira transparente e coerente nesta interface entre variação e aquisição. Com isso, buscamos apoio para alocar o processo de aquisição aos resultados de nossa pesquisa. Iniciamos nossa trajetória, pela apresentação do tema através de Scarpa (2012), na qual descreve que ao longo dos anos, principalmente na década de XIX, alguns estudiosos se interessaram em criar diários com as amostras de fala dos filhos, os chamados diaristas. A autora define como um tipo de trabalho longitudinal, “trata-se do estudo que acompanha o desenvolvimento da linguagem de uma criança ao longo do tempo”. (SCARPA, 2012, p.242). No século XIX, as anotações em diários eram baseadas nos acontecimentos cotidianos, contudo ao longo dos anos esses registros manuais foram substituídos por registros em áudio e vídeo. A outra metodologia mencionada por Scarpa (2012) descreve o uso da pesquisa do tipo transversal. Neste caso, a proposta é observar um número elevado de crianças em diferentes faixas etárias. “Embora, não exclusivamente, a pesquisa de tipo transversal geralmente também é do tipo experimental (por oposição a naturalístico), em que os fatores e as variáveis intervenientes no fato analisado são isolados e controlados e depois testados”. (SCARPA, 2012, p.242-243).

Scarpa (2012) ressalta que os estudos da Aquisição da Linguagem recorrem aos interesses de outras áreas, criando seus próprios campos de estudo, ou seja, é uma área que envolve outras subáreas, porém cada uma com suas especificidades, como por exemplo os estudos da aquisição da língua materna, da aquisição da segunda língua e sobre a aquisição da escrita, entre outros tópicos.

3.3.1 Definindo língua materna e primeira língua

O conceito de língua materna está muito relacionado à primeira língua que se fala, aquela que aprendemos onde e quando nascemos. “É a língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nesta medida ela é, em geral, a língua que se representa como primeira para seus falantes”. (GUIMARÃES, 2005, p. 22). Altenhofen (2002, p.142) destaca que esse conceito, “apesar do uso abrangente da denominação língua materna (ale, Muttersprache, ing. mother tongue), tem-se feito uma série de críticas a ela, principalmente devido a sua imprecisão e às variações de sentido observadas no seu uso”. Para ele, a definição mais próxima poderia ser como a língua aprendida no lar.

De acordo com Guimarães (2005, p.22), “a língua materna de um grupo de falantes não é necessariamente igual à língua nacional, ou oficial desse mesmo grupo. Sequer a língua nacional é necessariamente igual à língua oficial”. Portanto, a noção de língua materna não pode ser associada à nacionalidade dos falantes. Por exemplo, no Brasil, as línguas oficiais são o português e a libras, contudo, existem comunidades que preservam a língua de seus antepassados, como é o caso das línguas indígenas. Dessa forma, o português não pode ser caracterizado como a língua materna de todos os brasileiros, mesmo sendo a língua nacional e oficial.

A expressão primeira língua é definida como o idioma que se aprende ainda criança, todavia o termo tem sua especificidade por presumir o aprendizado posterior de outras línguas, como ressalta a pesquisadora Revuz (1997 *apud* PEREIRA, 2001, p.59):

[...] a língua estrangeira é, por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância. Pode-se apreender uma língua estrangeira somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua.

Altenhofen (2002, p.150) descreve que alguns autores também definem a primeira língua na direção de outros contextos,

[...] em virtude de nem sempre ser a mãe a real transmissora da ‘língua dita materna’, chegam a sugerir a designação a primeira língua (Erstsprache) como mais apropriada, em associação com segunda língua (Zweitsprache), adquirida no contato direto no meio social, e língua estrangeira (Fremdsprache), aprendida adicionalmente por meio do ensino formal.

Portanto, o autor alerta que nem sempre o falante manterá viva a primeira língua aprendida, principalmente os falantes bilíngues. Para ele, uma criança que é fluente em uma língua⁴⁷ alemã ou italiana, ao se mudar de cidade ou região, pode esquecer parcialmente ou totalmente a primeira língua.

Em nosso estudo, consideramos as expressões primeira língua e língua materna como sinônimas e se referem ao português adquirido pelas crianças informantes do VMPOSC.

3.3 Resumo do capítulo

⁴⁷Em algumas comunidades podemos encontrar a preservação da língua trazida pelos imigrantes europeus, que neste caso, é passado de geração em geração.

Neste capítulo, apresentamos os principais conceitos da Teoria da Variação e Mudança, explanando sobre as variações linguísticas devido ao fator da heterogeneidade da língua, além de conceituar tempo real e tempo aparente presentes numa mudança linguística. Citamos cinco problemas empíricos, contudo consideramos dois como elementares em nossa pesquisa, sendo eles: problemas de encaixamento e transição. Na sequência abordamos os julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a fala social e comunicativa do informante. Em outra seção, apresentamos uma dentre as teorias da aquisição da linguagem que mais se aproxima com nossa pesquisa.

Ressaltamos a importância de observar esses estudos como parte de um processo de investigação para pontos específicos no processo de aquisição da linguagem. Muitas das hipóteses parecem elucidar alguns dos elementos do processo de aquisição, contudo o objeto ainda carece de longos estudos e análises.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, tratamos dos procedimentos metodológicos e descrevemos as etapas de cunho quali-quantitativo da pesquisa. Primeiramente, caracterizamos o nosso *corpus* de onde foram extraídos os dados bem como situamos geográfica e sócio historicamente a localidade investigada. Em seguida, detalhamos a variável dependente e as variáveis independentes controladas no *corpus*. A análise qualitativa se deu na interpretação dos resultados, com o intuito de explorar a variação das formas de referência à primeira pessoa do plural no processo de aquisição da língua portuguesa, além de observar uma possível mudança em curso. A análise quantitativa, por sua vez, foi efetuada por meio do Programa R, a fim de se conhecer os percentuais de uso das formas **nós** e **a gente** e conseqüentemente verificar uma possível variação em nosso objeto de estudo.

4.1 *Corpus*

O projeto VMPOSC (ROST SNICHELOTTO, 2012)⁴⁸ é desenvolvido por pesquisadores do grupo *Estudos Sociolinguísticos e Interfaces*, certificado pela UFFS e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS (Processo 17011413.2.0000.5564) e ainda está em fase de coleta de material falado e escrito do português do oeste catarinense. Em sua fase inicial, tenciona-se a coleta de 32 entrevistas sociolinguísticas com falantes chapecoenses, monolíngues do português, residentes na zona urbana. O método utilizado para coleta das entrevistas contempla estímulos à produção de narrativas das experiências pessoais e de narrativas recontadas, além de relatos de descrição, de opinião e de procedimento.

Quadro 8- Distribuição da amostra total de Chapecó/SC do projeto VMPOSC.

	Escolaridade							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
Idade/Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F

⁴⁸Sob registro nº PES-2018-0879, até este momento, já foram desenvolvidos um (1) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação e oito (8) dissertações de mestrado em Estudos Linguísticos, que descreveram fenômenos linguísticos em variação e/ou mudança na região Oeste de Santa Catarina.

8 a 12 anos	2	2	2	2	-	-	-	-
15-24 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
25-49 anos	-	-	-	-	-	-	2	2
Mais de 50 anos	-	-	-	-	-	-	2	2
Total parcial	4	4	4	4	2	2	6	6
Total	8		8		4		12	
32 entrevistas								

Fonte: Rost Snichelotto (2012)

A seleção dos informantes do VMPOSC foi inspirada no formato de coleta das entrevistas do VARSUL, que inicialmente considerava apenas informantes da categoria A (25 a 49 anos) e B (mais de 50 anos). Porém, também foi incluída a faixa etária mais jovem devido ao interesse em realizar pesquisas comparativas dos resultados e entre as variedades linguísticas da Região Sul, e das demais regiões brasileiras, incluindo também as línguas românicas. Além de contemplar a faixa etária mais jovem, foi inserida, no VMPOSC, a célula de escolaridade superior, que também não foi contemplada na coleta de entrevistas do banco-base do VARSUL. Cabe o destaque de que as células de 25-49 anos e mais de 50 anos de ambos os sexos e o nível de escolaridade (fundamental I e II e médio) não foram contempladas nesta primeira fase de coleta do VMPOSC porque já havia no banco-base do VARSUL coleta de entrevistas com informantes de Chapecó com essas características. Após a finalização da coleta inicial das 32 entrevistas do VMPOSC, a equipe pretende a expansão também para essas categorias sociais a fim de se testar a hipótese de mudança em curso do tipo tendência.

Os critérios quanto ao perfil para seleção do informante foram os seguintes:

- (i) falante de português; (ii) morador da cidade há pelo menos 2/3 da sua vida; (iii) não ter morado fora da região por mais de um ano no período da aquisição da língua; (iv) não causar estranheza a outros falantes da região; (v) os pais devem ter nascido na cidade. (ROST SNICHELOTTO, 2012, p. 6)

As entrevistas foram coletadas em abril de 2014, gravadas em gravador digital e têm duração média de 50 minutos de áudio. Todas as entrevistas com informantes da faixa etária mais jovem, de 8 a 12 anos, que são o foco de interesse deste estudo, foram coletadas na

escola onde as crianças estudavam e por dois entrevistadores. Foram utilizados dois instrumentos para a coleta dos dados: a ficha social do informante, que tem por objetivo coletar informações e características do informante; e o roteiro de entrevista sociolinguística, que propositalmente envolvia temas⁴⁹ que deixam emergir a fala mais casual, e desta forma, esperava-se uma produção linguística mais espontânea.

Atualmente 60% (19/32) das entrevistas da fase inicial do VMPOSC já foram realizadas⁵⁰, conforme se verifica no quadro abaixo:

Quadro 9: Distribuição da amostra coletada de Chapecó/SC do projeto VMPOSC

	Escolaridade							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
Idade/Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F
De 8 a 12 anos	2	2	2	2	-	-	-	-
De 15 a 24 anos	-	-	2	-	1	1	1	2
De 25 a 49 anos	-	-	-	-	-	-	2	2
Total parcial	4		6		2		7	
Total	19							

Fonte: Lopes (2017, p.102)

Podemos observar que entre os informantes da faixa etária 25 a 49 anos há 4 coletas até o presente momento, enquanto, na faixa etária mais jovem (8 a 12 anos), temos a coleta de entrevistas previstas finalizada. Após a gravação, foi feita uma primeira transcrição ortográfica⁵¹ de cada uma das entrevistas em arquivo em formato de texto (.doc).

⁴⁹Os temas mais abordados no decorrer das entrevistas foram: família, lazer, amigos, cidade, bairro, festividades, entre outros.

⁵⁰As entrevistas foram coletadas por integrantes do Grupo de Pesquisa Estudos Sociolinguísticos e Interfaces (Eliane Scherer, Eduardo Berger, Kelly Trapp, André Fabiano Bertozzo, Gabriel Augusto Scheffer, Greici Moratelli Sampaio, Grazieli Pigatto e Carlos Eduardo Cardoso).

⁵¹A transcrição foi feita por mestrandos do PPGEL (Celina Eliane Frizzo, Fernanda Fátima Wepik, Jezebel Batista Lopes e Suianny Francini Luiz Michelin) e graduandos do curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura (Ana Paula de Oliveira, Bruna Serpa, Daniel Henrique Sagave, Eduarda Stefanski Tibola, Estela Aparecida Damião, Fernanda Gomes de Souza, Gracieli de Moraes Lima, Jonathan R. Roman, Marina Mueller, Roselaine de Lima Cordeiro, Sanura Ludwig e Vanessa Izabel Riffel).

Posteriormente, para fins de conferência das transcrições, realizamos a conversão de 8 entrevistas da amostra para o programa *Eudico Language Annotator* (ELAN). Trata-se de um programa desenvolvido para anotações de arquivos de vídeo e áudio. Entre as suas vantagens, podemos mencionar as seguintes: i) sincronizar o arquivo de mídia e a transcrição, dessa forma, traz a facilidade de realizar a análise linguística dos dados (exemplo, codificação das variantes); ii) a criação de inúmeras trilhas, que levam a separação das diferentes falas dos participantes, bem como a especificação de anotações linguísticas e contextuais, além de obter uma representação de ações simultâneas (exemplo, sobreposição de vozes); iii) é uma ferramenta mais sofisticada que auxilia nas buscas de um *corpus* (exemplo: encontrar todas as ocorrências de variantes de uma variável); iv) é bastante flexível para a exportação das transcrições nos diversos formatos como .txt e textgrid, além de ser compatível com diversos programas como Word, Excel, R, etc.) é uma ferramenta gratuita⁵² e vem sendo muito requisitada nas pesquisas sociolinguísticas. (OUSHIRO, 2014, p. 117-118).

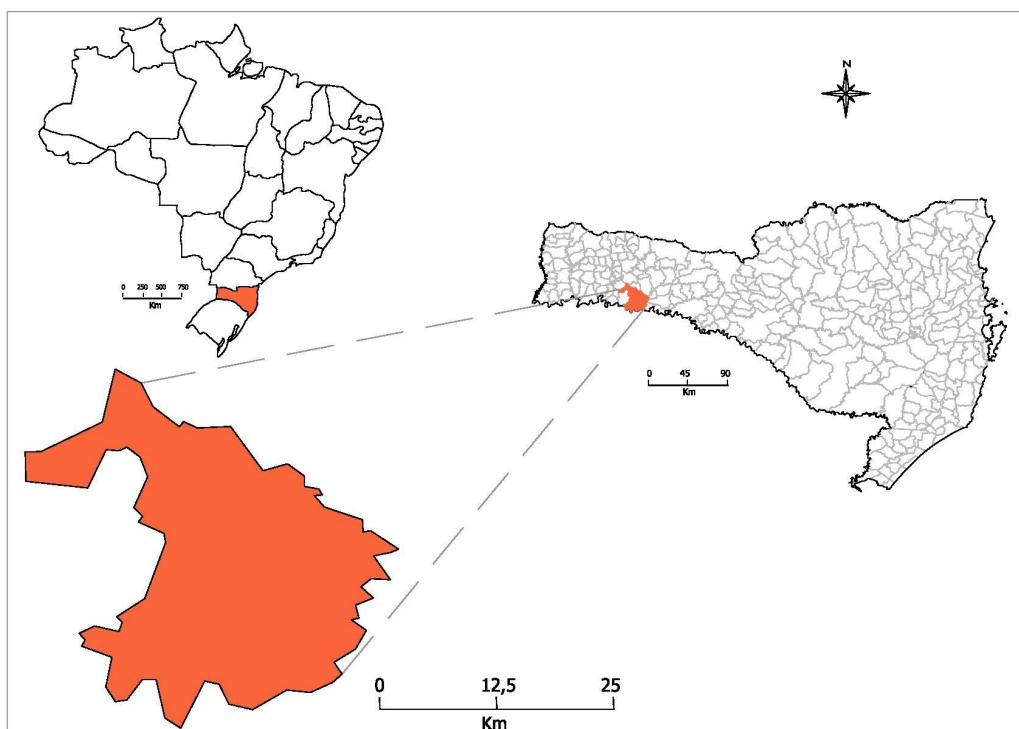
“O objetivo principal de um sistema de transcrição é transpor a língua falada para o texto escrito de uma forma fiel à língua oral, mas inteligível, de modo a armazenar o material coletado em meio escrito de maneira padronizada para facilitar a sua análise”. (OUSHIRO, 2014, p. 130). Portanto, consideramos esta ferramenta de grande valia para análise da nossa pesquisa, otimizando ainda mais o tempo na análise dos usos linguísticos de Chapecó.

4.2 Chapecó

Considerada como a capital do oeste catarinense, Chapecó foi criada em 25 de agosto de 1917. Localizada a 550 km da capital Florianópolis, possui aproximadamente 224.013 habitantes (IBGE, 2020) e é a 5ª cidade mais importante do estado.

⁵²Neste site <https://archive.mpi.nl/tla/elan> pode ser feito *download* gratuito do ELAN.

Figura 3: Localização do município de Chapecó no estado de Santa Catarina



Fonte: Moraes (2014)

Chapecó exerce grande influência no oeste catarinense e nas demais regiões dos estados vizinhos, como o noroeste do Rio Grande do Sul e o sudoeste do Paraná. É sede da Reitoria da Universidade Federal da Fronteira Sul. Os primeiros grupos a povoarem a cidade vieram do estado do Rio Grande do Sul, sendo descendentes de italianos e alemães. Sua principal atividade econômica é a agricultura, pecuária, madeira e a agroindústria. Entre o esporte, destaca-se o futebol de campo com o time da Chapecoense, popularmente conhecido como “Chape” ou “Verdão do oeste”.

Chapecó apresenta uma boa infraestrutura, como o aeroporto Municipal Serafin Enoss Bertaso que recebe mensalmente 750 voos e o Shopping Pátio Chapecó. No turismo, destaca-se a variedade de hotéis, bares, restaurantes, além de contar com um amplo ambiente para eventos, como é o caso do Parque de Exposições Tancredo de Almeida Neves. A cidade também dispõe de um importante espaço para as apresentações artísticas com o Centro de Cultura e Eventos Plínio Arlindo de Nés. Dos pontos turísticos da cidade, podemos citar a Catedral Santo Antônio, a Arena Condá e os monumentos: o desbravador, a rota do vale do Rio Uruguai, entre outros.

Os primeiros povos nativos a habitarem a região oeste, conforme Görski *et al.* foram os indígenas Xokleng e Kaingang. Posteriormente, a região também passou a ser

habitada por caboclos (população mestiça luso-brasileiros). Somente nas primeiras décadas do século XX, é que ocorre a migração dos descendentes alemães e italianos para a região oeste do estado. “A extração da madeira da região por migrantes oriundos do estado gaúcho também impulsionou o processo de colonização do Oeste Catarinense [...] a cultura do milho, associada à criação de suínos, abriu perspectivas definitivas para a região se firmar como área fornecedora de alimentos.”(GÖRSKI, 2021, p.120).

Sobre o aspecto linguístico, Chapecó, ao longo dos anos, tem recebido um fluxo migratório de diversas regiões, o que formou uma rede de contatos linguísticos diversificada, decorrente do contato entre as populações indígenas, de descendentes alemães e italianos vindo do Rio Grande do Sul. Além disso, há a migração dos poloneses vindos do estado paranaense, e na última década, a região vem recebendo um forte fluxo de imigração de haitianos, senegaleses e venezuelanos. Chapecó tem contato com as regiões mais ao extremo do estado catarinense, na fronteira com a Argentina, recebendo influência da língua espanhola. O contato linguístico também é impulsionado pela vinda de alunos/estudantes de diversos estados do Brasil interessados pela universidades públicas como a UFFS, UDESC e IFSC, além das universidade particulares. Portanto, a cidade de Chapecó possui uma vasta diversidade linguística de grupos étnicos e nacionalidades distintas, contudo pouco investigadas até o momento.

4.3 Amostra

Nossa amostra foi constituída por entrevistas sociolinguísticas de 12 informantes da comunidade de fala de Chapecó do banco de dados VMPOSC, estratificados em idade, sexo e escolaridade, conforme o quadro a seguir:

Quadro 10: Distribuição da amostra do VMPOSC

	Escolaridade					
	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Superior	
Idade/Sexo	M	F	M	F	M	F
De 8 a 12 anos	2	2	2	2	-	-
De 25 a 49 anos	-	-	-	-	2	2

Total parcial	4	4	4
Total	12		

Fonte: Rost Snichelotto (2012)

A primeira faixa de idade contém 8 entrevistas com informantes de 8 a 12 anos e a segunda 4 entrevistas com informantes de idade entre 25 a 49 anos. Para efeito comparativo, incluímos esta segunda faixa para observar se o *input* da fala dos informantes mais velhos favorece o incremento de uma ou outra forma variante na fala dos mais jovens e para verificar uma possível mudança em tempo aparente. Cabe a lembrar que as entrevistas dos informantes entre 25-49 anos do VARSUL de Chapecó já foram analisadas por Tamanine (2002). Portanto, utilizaremos os resultados da análise também desse estudo para comparar com os dados mais recentes derivados de entrevistas com adultos do VMPOSC, com o fim de perceber a estabilidade e/ou mudança em tempo real (do tipo painel) no uso das formas variantes na comunidade.

4.4 A variável dependente e variáveis independentes

A variável dependente deste estudo é a referência da primeira pessoa do plural, que dispõe, no PB, de duas formas concorrentes: a variante **nós**, considerada de maior prestígio e mais utilizada na modalidade escrita durante a interação entre os interlocutores em situações de maior monitoramento estilístico como no contexto escolar; e a variante **a gente**, vista como a forma inovadora, a mais utilizada na modalidade oral durante a interação entre os interlocutores em situações de menor monitoramento estilístico. Consideramos a aplicação da regra a variante inovadora e a não aplicação a variante conservadora. As variáveis independentes (variáveis previsoras) foram divididas em linguísticas (função sintática, preenchimento do sujeito pronominal, marca morfêmica, paralelismo formal, saliência fônica, tempo verbal) e extralinguísticas (escolaridade, sexo, idade).

Vejamos, resumidamente, no Quadro 11, a distribuição das variáveis independentes controladas e seus respectivos fatores:

Quadro 11 - Distribuição das variáveis independentes controladas para a escolha dos pronomes **nós** e **a gente**

Variáveis independentes	Fatores
-------------------------	---------

Função sintática	<ul style="list-style-type: none"> -Sujeito -Objeto direto -Objeto indireto -Complemento nominal -Adjunto adnominal -Adjunto adverbial
Preenchimento do sujeito pronominal	<ul style="list-style-type: none"> -Sujeito preenchido -Sujeito nulo
Marca morfológica	<ul style="list-style-type: none"> -morfema <i>-mos</i> -morfema <i>-mo</i> -morfema zero
Paralelismo formal	<ul style="list-style-type: none"> - forma isolada -1ª referência a gente/nós/zero + mos -a gente referente igual -a gente referente diferente -nós referente igual -nós referente diferente -zero referente igual + zero -zero referente igual + mos -zero referente diferente + zero
Saliência fônica	<p>Níveis da saliência</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grau 1: conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência verbal -mos. - Grau 2: Não há coincidência entre a sílaba tônica das duas formas: a vogal temática é acentuada na forma plural, enquanto no singular o acento recai no radical do verbo (formas do presente e alguns casos de pretérito) - Grau 3: Engloba os casos dos monossílabos tônicos ou oxítonas no singular, que ao receberem a desinência -mos passam a paroxítonas. Em ambas as formas não se altera a posição da sílaba tônica (tempo presente). - Grau 4: formas em que o ditongo se desfaz com a mudança da desinência para -mos. -Grau 5: formas que apresentam alomorfa da vogal temática na 3ª pessoa do singular e que recuperam sua vogal temática com o acréscimo da desinência -mos -Grau 6: diferenças fonológicas acentuadas entre o singular e o plural.
Escolaridade	<ul style="list-style-type: none"> -Fundamental I (1º ciclo) -Fundamental II (2º ciclo)

	-Ensino Superior
Sexo	-Feminino -Masculino
Idade	-8 a 12 anos -25 a 49 anos

Fonte: elaborado pela autora (2021)

4.5 Tratamento e análise dos dados

Para tratamento quantitativo dos dados derivados das entrevistas do VMPOSC foi utilizado o Programa R (R CORE TEAM, 2020)⁵³, desenvolvido na Bell Laboratories por Rick Becker, John Chambers e Allan Wilks. Esse *software* dispõe de inúmeras técnicas gráficas e estatísticas de manipulação de dados, cálculos e exibição gráfica. Representa, em nossa pesquisa, a inovação sobre o método de análise dos dados, e que, portanto, é mais uma ferramenta de apoio para os estudos sociolinguísticos variacionistas. Dentro do sistema, encontramos benefícios importantes como: eficácia na manipulação dos dados e armazenamento; grupo de operadores para cálculos em matriz; ótima galeria de ferramentas intermediárias para análise dos dados; ferramentas gráficas para análise dos dados e exibição para o computador e em papel. A linguagem da programação (chamada S) é simples e bem desenvolvida. Para realizar nossa análise, contamos com o apoio de uma interface chamada RStudio, que dispõe de algumas ferramentas adicionais “como a visualização dos scripts abertos recentemente, o histórico de linhas de comando executadas e a lista de pacotes instalados”. (OUSHIRO, 2014, p. 136)

O objetivo foi utilizar o programa para avaliar as variáveis significativas, os cálculos de frequência aplicados por uma regra e realizar os cruzamentos das variáveis. Dessa forma, tivemos a oportunidade de ver qual a variante foi mais significativa na fala das crianças.

“Sendo uma linguagem de programação, o R permite que o usuário customize uma série de tarefas que deseja executar e, conseqüentemente, tenha maior controle sobre os resultados obtidos”. (OUSHIRO, 2014, p. 134). Dessa forma, temos em mãos a oportunidade de criar linhas de comando que criam funções de interesse nosso.

⁵³ Nestes sites <https://cran.r-project.org/> e <https://www.rstudio.com/products/rstudio/download/>, podem ser baixados gratuitamente os programas R e RStudio.

4.6 Restrições

Ao iniciar a seleção dos dados das entrevistas sociolinguísticas para análise, foi necessário estabelecer algumas restrições para, posteriormente, procedermos a um tratamento estatístico dos dados. Decidimos por excluir algumas ocorrências em que as variantes encontravam-se em trechos de pausa, que ocasionaram a ruptura na sequência da fala do informante, ou ocorriam em meio a frases soltas, que impediam o entendimento e a caracterização de variáveis linguísticas e extralinguísticas.

A seguir exemplificamos essas ocorrências das variantes na amostra que foram excluídas da nossa análise variacionista. As ocorrências das formas pronominais **nós** e **a gente** se apresentam no centro do quadro e, nas extremidades, estão a complementação dos trechos da fala do informante do VMPOSC.

Quadro 12: Dados excluídos da análise variacionista

Trecho da entrevista	Pronome	Trecho da entrevista
Teve os fogos	a gente	daí...não aconteceu muita coisa diferente.(CH4FI12EFII)
Eu já me mudei várias vezes primeiro, que eu não me lembro, eu nunca morei né, que era quando a minha irmã morava, foi em um apartamento depois	nós	...eu... nós se mudamo. (CH3FI10EFI)
Só na terça-feira que daí	a gente	(CH1MI11EFII)
assim né, que	a gente	todo dia um espera o outro, daí fica assim né, ahn...daí a gente fica mais ali pra baixo, onde a gente não se molha, daí a gente volta pra sala só depois que bate o sinal (CH1MI11EFII)
	a gente	... depois de lá a gente foi a gente viu assim né, aquela raposa lá. (CH1MI11EFII)

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Os dados das variantes pronominais considerados na análise variacionista são os que ocorrem como nas ocorrências a seguir:

(9) [...] hum....de esconde-esconde, de algum jogo de tabuleiro às vezes **a gente** vai no notebook. (CH2FI10EFI)

(10) [...] daí nesse ano aqui né que veio pra dois mil e quatorze **a gente** passou no meu pai, que daí ela mora num lugar bem mais alto assim da cidade, daí da pra ver toda a cidade, daí da pra ver bem as coisas. (CH1MI11EFII)

(11) [...] ela leva **nós** ali fora. (CH3FI10EFI)

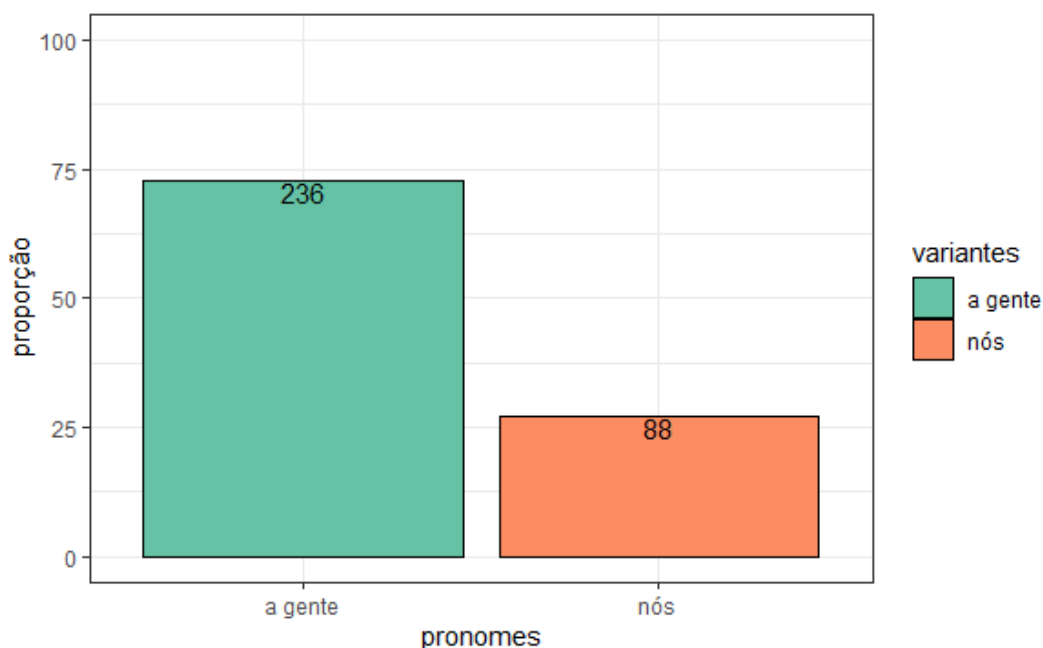
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, realizamos a descrição e análise dos dados da variação linguística na referência de primeira pessoa do plural na fala de crianças residentes na cidade de Chapecó. Primeiramente, apresentamos a frequência geral dos dados e, em seguida, observamos a atuação de variáveis linguísticas e extralinguísticas na alternância dos pronomes **nós** e **a gente** para referência à primeira pessoa do plural na fala de crianças. Em especial, verificamos se a alternância dos pronomes **nós** e **a gente** na referência à primeira pessoa do plural se comporta como variação estável ou como mudança em tempo real ou aparente. Por fim, discutimos a emergência da alternância das formas pronominais **nós** e **a gente** na etapa de aquisição da primeira língua.

5.1 Frequência geral

Nossa primeira questão tratou da identificação do pronome empregado pelas crianças para referência à primeira pessoa do plural em Chapecó. Identificamos o total de 324 dados de formas de referência à primeira pessoa do plural na fala de crianças de Chapecó. Segundo o levantamento bibliográfico realizado na seção 2.2, nossa hipótese era que a forma **a gente** seria a mais recorrente nos dados de fala das crianças do VMPOSC. Os resultados são apresentados no Gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2: Proporção e frequência de **nós** e **a gente** na fala de crianças do VMPOSC (N=324)



Fonte: elaborado pela autora (2021)

Os resultados do Gráfico 2 atestam a hipótese de que as duas formas pronominais concorrem na referência à primeira pessoa do plural na fala de crianças do VMPOSC. Do total de 324 dados identificados, 236 (73%) ocorrências são da forma inovadora **a gente** e 88 (27%) ocorrências da forma **nós**, ou seja, a variante inovadora, conforme era esperado, é empregada de forma proeminente entre as crianças. Esse resultado vai ao encontro dos dados identificados na pesquisa de Omena (1998), que registrou a ocorrência de apenas .26 PR para uso da forma conservadora entre crianças de 7 a 14 anos. Brustolin (2009) também identificou proeminência (65%) de uso da forma inovadora, na função de sujeito, em dados de crianças de Florianópolis/SC. Além disso, encontramos resultados semelhantes em Vitério (2015b), que constatou a ocorrência de 83% de dados da forma inovadora também nesta posição.

Na sequência, apresentaremos os resultados gerais das variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas e o cruzamento entre algumas delas.

5.2 Atuação de variáveis linguísticas e extralinguísticas na alternância dos pronomes **nós** e **a gente** para referência à primeira pessoa do plural na fala de crianças

As variáveis independentes checadas para testagem da variação na referência à primeira pessoa do singular na fala de criança de Chapecó foram extraídas de um amplo levantamento bibliográfico (OMENA, 1998; FREITAS, 1991; ALBÁN; FREITAS 1991; SEARA, 2000; TAMANINE, 2002; SILVA, 2004; SOARES, 2006; ZILLES, 2007; BRUSTOLIN, 2009; FRANCESCHINI, 2011; STRAPASSON; COELHO 2013; AGOSTINHO, 2013; VITÓRIO, 2015a; 2015b). As variáveis linguísticas controladas são de natureza sintática (função sintática, preenchimento do sujeito), morfossintática (marca morfêmica) e discursiva (paralelismo formal).

Optamos por apresentar, inicialmente, os resultados relativos ao controle da função sintática em que as variantes emergem e, posteriormente, restringimos o controle das demais variáveis linguísticas (preenchimento do sujeito, marca morfêmica, paralelismo formal, saliência fônica e tempo verbal) exclusivamente às ocorrências em que **nós** e **a gente** atuam na função sintática de sujeito, em razão de esta ser a função sintática mais frequente em que as formas pronominais ocorrem na amostra.

Das oito variáveis independentes controladas, o programa estatístico selecionou como significativas apenas duas: a variável linguística marca morfêmica e a variável social sexo dos informantes. Mas, na sequência, optamos por apresentar todos os resultados para cada variável controlada.

5.2.1 Variáveis linguísticas

5.2.1.1 Função sintática

5.2.1.1.1 Caracterização e hipóteses

A referência à primeira pessoa do plural pode ocorrer em diferentes funções sintáticas⁵⁴ como: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, adjunto adnominal e adjunto adverbial. A seguir, exemplificamos as variantes investigadas

⁵⁴ Embora Caldeira (2019) tenha observado a ocorrência de oito funções sintáticas (sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal, predicativo, complemento nominal e vocativo) em sua amostra, em nossa pesquisa identificamos apenas seis dessas funções na amostra de entrevistas de crianças do VMPOSC. Portanto, as variantes pronominais na função sintática de vocativo e de predicativo do sujeito não foram localizadas nos dados das crianças.

empregadas em diferentes funções sintáticas nas entrevistas da nossa amostra do projeto VMPOSC:

Sujeito:

(12) [...] **nós** brincava de vez em quando no passeio, quando não tinha nenhum movimento na rua, no quintal da minha... da minha ex casa. (CH3F10EFI)

(13) Aqui na mãe daí tem eu, as minhas duas irmãs e a mãe. Ou talvez **a gente** convida mais alguma amiga, mas [...]. (CH6F12EFII)

Objeto direto:

(14) Ela é grande, ela tem um monte de alunos, ela é legal, as professoras são bem legais, elas levam **nós** no parquinho aqui fora, no gramado né, porque no parquinho não dá, elas levam **nós** na informática, tem horário livre, nós lemos, ela leva **nós** ali fora. (CH3FI10EFI)

(15) [...] e um carro quase atropelou **a gente** e a mãe gritou com o cara que (es)tava [...] (CH8M10EFI)

Objeto indireto:

(16) Eu me divertia com boneca, com Barbie, com Polly que era normalmente o que minha ... que davam pra nós [...] ⁵⁵ (CH3F10EEFI)

Complemento nominal:

(17) São, tem uns que são bem gordurosos né, que são salgadinhos, sorvete, chicle também é assim o pastel. Ahn, tem uns alimentos que são bem saudáveis pra nós a salada, tomate, a beterraba. (CH3F10EFI) ⁵⁶

Adjunto adnominal:

(18) Que assim, ele costuma fazer bastante brincadeira com a gente, brincar assim. (CH5M12EFII) ⁵⁷

Adjunto adverbial:

⁵⁵ Não foi localizada nenhuma ocorrência de **a gente** na função sintática de objeto indireto na nossa amostra do VMPOSC, o que já sinaliza que, nesta função, não há variação nas formas pronominais.

⁵⁶ Não foi localizada nenhuma ocorrência de **a gente** na função sintática de complemento nominal na nossa amostra do VMPOSC, o que já sinaliza, evidentemente, que, nesta função, não há variação nas formas pronominais.

⁵⁷ Foi localizada apenas uma ocorrência de **a gente** na função sintática de adjunto adnominal na nossa amostra do VMPOSC, o que já sinaliza, evidentemente, que nesta função, além de dados escassos, não há variação nas formas pronominais.

(19) [...] quando ele morava ainda com a gente. (CH5M12EFII)⁵⁸

Omena (1998) controlou quatro funções sintáticas das variantes: adjunto adverbial, complemento, sujeito e adjunto adnominal. Na função de sujeito, foram extraídos 3299 dados e destes 2270 representam o uso da variável **a gente**, ademais, o índice mais elevado foi registrado pelas crianças com 82% de frequência em comparação com os adultos (70%).

Em sua amostra, Foeger (2014) identificou cinco funções sintáticas (sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, complemento nominal, adjunto adverbial) e constatou que a maioria das ocorrências de uso das formas **nós** e **a gente** ocorreu na função de sujeito, de forma equilibrada entre ambas as formas variantes.

Caldeira (2019) observou a ocorrência de oito funções sintáticas (sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal, predicativo, complemento nominal e vocativo) em sua amostra. Os resultados gerais indicam predomínio de ocorrências da forma **nós** explícito nas funções sujeito e adjunto adverbial, ao passo que a forma pronominal **a gente** ocorre, em sua maioria, na função sujeito, seguida de objeto direto e apenas uma ocorrência de adjunto adnominal.

Com base nos resultados da pesquisa de Omena (1998), Foeger (2014) Caldeira (2019), acreditamos que a função sintática desempenhada pelas variantes possa influenciar a realização das variáveis na amostra de fala. Portanto, conjecturamos que a função de sujeito ocorra mais frequentemente na amostra de entrevistas que investigamos e, dentre as variantes, temos como hipótese que a forma **a gente** fosse a variante preferencial nesta função.

5.2.1.1.2 Resultados e discussão

A Tabela 11 apresenta os resultados da função sintática das formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural encontradas na amostra de fala de crianças do VMPOSC.

⁵⁸Não foi localizada nenhuma ocorrência de **nós** na função sintática de adjunto adverbial na nossa amostra do VMPOSC, o que já sinaliza, evidentemente, que nesta função não há variação nas formas pronominais.

Tabela 11: Proporção e frequência total das variantes pronominais, segundo a função sintática

FUNÇÃO SINTÁTICA	CRIANÇAS	
	Apl./Total	%
sujeito	298/324	92
objeto direto	10/324	3
complemento nominal	5/324	1,5
objeto indireto	5/324	1,5
adjunto adverbial	5/324	1,5
adjunto adnominal	1/324	0,5
Total	324/324	100

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Os resultados gerais ratificam os encontrados por Omena (1998), Foeger (2014) e Caldeira (2019), bem como confirmam nossa hipótese geral de que as formas pronominais ocupam de modo majoritário a função de sujeito na amostra de dados de criança. No total de 324 dados localizados, 298 ocorrências (92%) são de ambas variantes na função sujeito e apenas 26 ocorrências (8%) são relativas às outras cinco funções sintáticas identificadas em nossa amostra. Na sequência, a Tabela 12 apresenta os resultados obtidos para verificação de cada variante pronominal e a respectiva função sintática desempenhada na fala das crianças da amostra.

Tabela 12: Frequência de **nós** e **a gente**, segundo a variável função sintática

FUNÇÃO SINTÁTICA	NÓS		A GENTE	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Sujeito	70/298	23,5	228/ 298	76,5
Objeto direto	8/10	80	2/10	20
Complemento nominal	5/5	100	-	-
Objeto indireto	5/5	100	-	-
Adjunto adverbial	-	-	5/5	100

Adjunto adnominal	-	-	1/1	100
Total	88/324	27	236/324	73

Fonte: elaborada pela autora (2021)

De acordo com os resultados da Tabela 12, de modo geral, olhando para o comportamento das variantes, percebemos que das 324 ocorrências, 88 (27%) correspondem ao pronome **nós** e 236 (73%) dizem respeito ao pronome **a gente** nos dados das crianças do VMPOSC. Esse resultado confirma nossa hipótese geral para o emprego de ambas variantes majoritariamente na função de sujeito, o que também já havia sido identificado por Omena (1998) e Caldeira (2019). A explicação de Omena (1998, p.193) para esse resultado se deve ao fato de que,

como pronomes, as formas **a gente** e **nós** aparecem em maior número na posição de sujeito do que na de objeto, o que é mais uma característica dos pronomes pessoais, em geral, pois envolvendo as pessoas do discurso, os pronomes veiculam informações velhas que aparecem mais comumente na posição de sujeito. A posição de objeto mais comum para a comunicação de informações novas propicia, em contrapartida, a ocorrência dos sintagmas nominais plenos.

Caldeira (2019) comenta que, nas demais funções, como objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal, complemento nominal e predicativo, os dados seguiam diluindo-se em menor proporção comparados com as ocorrências na função sintática sujeito.

De forma específica, a variante conservadora foi empregada de modo categórico na função de complemento nominal (100%) e objeto indireto (100%), seguidas da função de objeto direto (80%), com a ressalva de que juntas reúnem apenas 18 dados da amostra. A maior parte dos dados de **nós** da amostra foi empregada na função de sujeito (23,5%), em contrapartida essa variante não ocorreu nas funções adjunto adverbial e adjunto adnominal.

Já a variante inovadora foi empregada de modo categórico na função de adjunto adverbial (100%) e adjunto adnominal (100%), com a ressalva de que juntas reúnem apenas 6 dados da amostra. A Tabela 12 também revela que a variante inovadora não ocorreu nas funções complemento nominal nem objeto indireto. Conforme nossa expectativa, a variante **a gente** da amostra foi empregada de forma preferencial na função de sujeito (76,5%), seguida da função de objeto direto (20%). Esses resultados corroboram os registrados por Omena (1998), que, em sua análise, encontrou mais ocorrências da forma **a gente**, com percentual acima de 90% na função de sujeito, porém a autora não controlou as ocorrências de objeto direto. Também ratificam os resultados constatados por Caldeira (2019), que registrou maior

ocorrência do pronome **a gente** na função de sujeito. Segundo Caldeira (2019, p.62), “[...] o termo ‘**a gente**’ propagou-se das classes menos escolarizadas para as mais escolarizadas e que seu uso como sujeito é a forma preferida pelos falantes.”

Similarmente, Omena (1998) verificou uso categórico (20/20 = 100%) de ocorrências do uso do pronome inovador na função de adjunto adverbial, ou seja, não houve nenhum dado do pronome conservador, como se verifica na Tabela 12, nesta função em nossa amostra.

Em síntese, a maior parte dos dados das formas pronominais ocupam a função sintática de sujeito na nossa amostra. Comparando ambas variantes, observamos que a forma pronominal **a gente** foi empregada de forma preferencial nessa função em relação à forma pronominal **nós** na amostra de dados de fala do VMPOSC.

Como alertamos no início desta seção, tendo em vista que o uso das formas **nós** e **a gente** ocorrem em maior número na função de sujeito, daqui em diante, contaremos exclusivamente com 298 ocorrências das variantes para análise do comportamento das demais variáveis linguísticas controladas (preenchimento do sujeito, marca morfêmica, paralelismo formal, saliência fônica e tempo verbal).

5.2.1.2 Preenchimento do sujeito pronominal

5.2.1.2.1 Caracterização e hipóteses

Observa-se que, no PB, o preenchimento do sujeito pronominal vem apresentando mudanças expressivas na língua, ou seja, está ocorrendo uma transição do sujeito nulo para o sujeito preenchido (DUARTE, 2020). Segundo Monteiro (1988, p.136),

Constata-se sem dificuldade que, ao contrário do inglês ou do francês, o português e o espanhol se caracterizam como línguas que admitem duas possibilidades quanto à ocorrência de sujeito pronominal: ou o pronome se faz presente no enunciado ou ele é simplesmente apagado.

Vejamos, em (20) e (21), as ocorrências de sujeito preenchido e, em (22) e (23), as ocorrências do sujeito nulo extraídas de entrevistas do VMPOSC:

(20) Aqui na mãe daí tem eu, as minhas duas irmãs e a mãe. Ou talvez **a gente** convida mais alguma amiga, mas [...] (CH6F12EFII)

(21) Humm, do ano passado, foi bom, estava toda a minha família lá também, só estávamos **nós**, e não tinha ninguém de diferente lá. (CH2FI10EFI)

(22) [...] daí nós vamos lá **Ø comemos** feijoada, essas coisas. (CH3F10EFI)

(23) [...] daí nesse ano aqui né que veio pra dois mil e quatorze a gente passou no meu pai, que daí ela mora num lugar bem mais alto assim da cidade, daí da pra **Ø ver** toda a cidade, daí dá pra **Ø ver** bem as coisas. (CH1M11EFII)

O preenchimento do sujeito pronominal pelas variantes **nós** e **a gente** foi controlado em estudos como de Silva (2004), Brustolin (2009), Vitória (2015a), Vitória (2015b) e Araújo, Araújo e Pereira (2020). Segundo o resultado dessas pesquisas, de modo geral, a forma preenchida tende a ser priorizada pelos informantes de todas as faixas etárias em comparação à forma não preenchida que apresentou diminuição na frequência de uso (BRUSTOLIN, 2009; VITÓRIO, 2015b).

De modo específico, Brustolin (2009, p.145) observou que o preenchimento do sujeito se dá com pronome **a gente** (98%) ao passo que o pronome **nós** o desfavorece (15%), ou seja, destacou-se o favorecimento do sujeito preenchido com o pronome **a gente** e o favorecimento do sujeito nulo com o pronome **nós**. Vitória (2015b) também encontrou resultados semelhantes no que diz respeito ao preenchimento do sujeito. Segundo a autora, o sujeito preenchido é muito mais recorrente na realização pronominal da variante inovadora com percentual de 95% do que com o pronome **nós** com percentual de 5%. Porém, entre o sujeito não preenchido o resultado foi de 61% com a variante inovadora e de 39% com o pronome conservador. Contudo, resultados registrados por Silva (2004) revelam um percentual elevado para o preenchimento do sujeito com ambas as formas: a variante conservadora apresentou percentual de 68% e a variante inovadora de 95%.

Tendo esses resultados em vista, acreditamos, de modo geral, na maior ocorrência da forma preenchida do sujeito e, em contrapartida, na menor ocorrência da forma não preenchida na amostra de dados de criança. De modo específico, nossa hipótese é de que a variante inovadora seja condicionada pelo sujeito preenchido e a variante conservadora pelo sujeito não preenchido.

5.2.1.2.2 Resultados e discussão

A Tabela 13 mostra os resultados para o preenchimento do sujeito na fala de crianças do VMPOSC. Vejamos:

Tabela 13: Frequência de **nós** e **a gente**, segundo a variável preenchimento do sujeito

PRONOMES	SUJEITO PREENCHIDO		SUJEITO NULO	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Nós	61/70	87	9/70	13
A gente	201/228	88	27/228	12
Total	262/298	88	36/298	12

Fonte: elaborada pela autora (2021)

De modo geral, do total de 298 dados coletados das variantes na função de sujeito, 262 (88%) dados das formas pronominais são de sujeito preenchido e apenas 36 (12%) ocorrências da amostra são de sujeito nulo. Esse resultado ratifica nossa primeira hipótese de que o sujeito preenchido apresentaria mais ocorrência e o sujeito não preenchido revelaria menos frequência de uso na amostra de dados de crianças do VMPOSC e coaduna com os resultados encontrados por Silva (2004), Brustolin (2009), Vitória (2015a, 2015b) e Araújo, Araújo e Pereira (2020). Vitória (2015b), por exemplo, encontrou 243/384 ocorrências de sujeito preenchido e 141/384 de sujeito nulo na sua amostra.

De modo específico, na amostra de dados de crianças, a ocorrência do sujeito preenchido pelas variantes pronominais foi realizada com um percentual relativamente alto (87% para **nós** e 88% para **a gente**), o que demonstra uma diferença entre as demais pesquisas (SILVA, 2004; BRUSTOLIN, 2009; VITÓRIO, 2015b; ARAÚJO; ARAÚJO; PEREIRA, 2020), pois a nossa diferença de percentual entre as variantes apresentou-se inexpressiva (1%). As diferenças percentuais desses estudos anteriores foram mais significativas, por exemplo, Silva (2004) registrou 27% de diferença entre as ocorrências da forma **a gente** e a forma **nós**. Já Brustolin (2009) encontrou uma diferença percentual de 83% entre **a gente** em relação à **nós**. Resultados semelhantes foram identificados por Vitória (2015 b), com diferença de 80% entre ambas as variantes. Araújo, Araújo e Pereira (2020), por sua vez, verificaram 42% de diferença entre **a gente** e **nós** nas ocorrências de sujeito preenchido. Nosso resultado, portanto, confirma parcialmente nossa segunda hipótese, pois o esperado era

apenas o favorecimento da variante inovadora para o sujeito preenchido, porém, a forma **nós** também se mostrou favorável no condicionamento da variável sujeito preenchido. Segundo Silva (2004, p.90), “[...] a nova gramática que disponibiliza a forma **a gente** ao falante não possui sujeito nulo”.

A hipótese de baixa ocorrência do sujeito não preenchido pelas variantes pronominais na amostra de dados de crianças se confirmou parcialmente, visto que identificamos apenas 36 ocorrências de sujeito nulo, dentre as quais apenas 9 (13%) ocorrências da variante conservadora e 27 (12%) ocorrências da variante inovadora. Diferentemente dos resultados de Silva (2004), que verificou maior diferença percentual entre as variantes – o pronome **nós** registrou 32% e o pronome **a gente** apenas 5% dos dados totais – e a variável sujeito nulo. Mais uma vez, embora a diferença percentual entre as duas variantes tenha sido inexpressiva, esse resultado pode sugerir que ambas formas pronominais estão competindo também pela função de sujeito não preenchido.

Em síntese, a maior parte dos dados das formas pronominais são de sujeito preenchido por ambas as formas conservadora e inovadora na nossa amostra com sutil aumento percentual da forma **a gente**. Em contrapartida, embora tenhamos identificado baixa ocorrência de sujeito não preenchido em contexto de uso das formas pronominais para expressão da primeira pessoa do plural, igualmente percebemos que as duas variantes competem por essa função sintática com leve predomínio da variante conservadora.

5.2.1.3 Marca morfêmica

5.2.1.3.1 Caracterização e hipóteses

O sistema verbal do português marca a referência à primeira pessoa do plural com os morfemas -mos/-mo ou zero (ausência de desinência verbal) no presente e no pretérito do indicativo. Nas ocorrências a seguir, apresentamos as combinações entre o sujeito pronominal e as desinências verbais que localizamos em nossa amostra:

- nós + morfema -mos/-mo:
- (24) Sim, **nós continuamos**. (CH1M11EFII)
- (25) [...] **nós demo(s)** alguma coisa de presente pros vizinhos né, que é super amiga, que é minha amiga, mora na frente, **nós damo(s)** alguma coisa. (CH3F10EFI)
- nós + morfema zero:
- (26) [...] sim, **nós costumava** jogar bola na rua. (CH7M8EFI)

- a gente + morfema zero:
(27) [...] daí...também é... a gente.... de quando a gente, **a gente foi** no, ficou num hotel lá em Curitiba, fomo(s) em um monte de ponto turístico lá em Curitiba, naquele castelo lá, transparente com...um monte de flor dentro. (CH8M10EFI)
- a gente + morfema -mos/-mo:
(28) [...] a gente foi no [...] ficou num hotel lá em Curitiba, **Ø fomo(s)** em um monte de ponto turístico lá em Curitiba, naquele castelo lá [...]. (CH8M10EFI)

A concordância em (24) e (27) entre as duas variantes e as desinências verbais é a prescrita pelas gramáticas normativas, como Cegalla (2000), Maia (2000) e Cunha e Cintra (2007). Nesse caso, a forma **nós** deve acionar a marca de flexão verbal -mos e a forma **a gente** a marca de flexão verbal zero. Essa relação de concordância foi atestada também na fala de informantes que empregam a norma culta, isto é, entre o grupo de falantes urbanos, com elevada escolaridade e que faz amplo uso dos bens da cultura escrita (FARACO; ZILLES, 2017).

A concordância em (25), (26) e (28) entre as duas variantes e as desinências verbais constitui usos não prestigiados no PB. A avaliação negativa desse tipo de concordância verbal com as formas pronominais pode ser comprovada em Maia (2000), quando estabelece que o uso do pronome **a gente** com a desinência de primeira pessoa do plural ou do pronome **nós** com a desinência de terceira pessoa do singular são “[...] erros cometidos no momento da fala ou da escrita, por ignorância ou descuido”. (MAIA, 2000, p.312). Por essa razão, Coelho *et al.* (2010, p.78, grifos nossos) justificam que, “[...] em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como **nós** vai ou **a gente** vamos, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem **nós** vamos e **a gente** vai”. Esse tipo de ocorrência estigmatizada do pronome inovador com a desinência -mos/-mo se deve ao traço discursivo do pronome **a gente** associado ao plural que ocorre em razão do processo de gramaticalização dessa variante (LOPES, 2004). Vitorio (2017, p.126) explica que,

[...] além de manter o traço formal de terceira pessoa, também está associado semanticamente com o morfema do verbo no plural, visto que apresenta um eu, pessoa que fala, somado a outras pessoas, evidenciando, assim, um plural associativo. Logo, **a gente** apresenta traços discursivos de 1PP e traços gramaticais de 3PS.

Brustolin (2009) identificou que 89% das ocorrências da forma **a gente** estão acompanhadas do morfema zero e que 11% das ocorrências da forma **nós** são acompanhadas do morfema -mos. Com a variante conservadora, o percentual foi de 98% para o morfema

-mos e de 2% para o morfema zero. Vitória (2015b, p. 133) também descreve que “o uso de **a gente** é preferencial com o verbo na terceira pessoa do singular - 95% versus 4% de **a gente** com verbo na primeira pessoa do plural”, ou seja, o pronome inovador é favorecido com o morfema zero. Já o uso de **nós** é preferencial com o morfema -mos (96%) contra 5% com o morfema zero.

Portanto, de modo geral, nossa hipótese é de que possamos encontrar mais resultados das variantes acompanhadas das desinências de flexões verbais prototípicas. De modo específico, esperamos nos deparar com o pronome **nós** acompanhado das desinências verbais -mos ou -mo, e o pronome **a gente** sem marca de desinência, ou seja, zero, especialmente porque as crianças da amostra já estão inseridas no ambiente escolar que privilegia o ensino da variante culta da língua portuguesa.

5.2.1.3.2 Resultados e discussão

O programa estatístico selecionou como significativa essa variável linguística. Os resultados da Tabela 14 demonstram que as variantes pronominais de primeira pessoa do plural ocorrem com cinco combinações de desinências verbais na amostra de dados de crianças do VMPOSC. Constatamos que o pronome **a gente** registrou o maior percentual de associação à desinência zero e o pronome **nós** foi acompanhado das três marcas morfológicas controladas. Vejamos:

Tabela 14: Frequência de **nós** e **a gente**, segundo a variável marca morfológica

MARCA MORFÊMICA	Nós		A gente	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
morfema -mo/-mos	46/47	98	1/47	2
morfema zero	24/251	9,5	227/251	90,5
Total	70/298	23	228/298	77

p-value = 2e-16

Fonte: elaborada pela autora (2021)

De modo geral, segundo o total de 298 dados coletados da fala de crianças, observamos que 251 (84%) ocorrências correspondem ao emprego das variantes com o morfema zero na flexão verbal e apenas 47 (16%) ocorrências com os morfemas -mos e -mo

na flexão verbal. Esse resultado coaduna com os resultados encontrados por Brustolin (2009), Vitória (2015a) e Vitória (2015b) e confirma a nossa hipótese geral de que a variante **nós** seria acompanhada da desinência verbal -mos ou -mo e a forma inovadora da desinência verbal zero.

De modo específico, dentre as 228 ocorrências do pronome **a gente** nos dados das crianças do VMPOSC, observamos que 227 (90,5%) dados foram empregados de acordo com a expectativa, ou seja, com a desinência verbal zero, apenas 1 (2%) dado com a desinência verbal -mo e nenhum dado com a desinência verbal -mos. Portanto, o pronome inovador foi mais frequentemente associado à desinência zero e menos com a desinência -mo⁵⁹. Esse resultado vai ao encontro dos resultados de Brustolin (2009) e Vitória (2015b). Aquela, por sua vez, registrou 92% de ocorrência entre o pronome **a gente** e o morfema zero.

Dentre as 70 ocorrências do pronome **nós** nos dados das crianças do VMPOSC, identificamos que 46 (98%) dados foram empregados de acordo com a nossa hipótese, isto é, com as desinências -mos/-mo e 24 (9,5%) dados associados à desinência verbal zero. Esse resultado ratifica os encontrados por Vitória (2015b) e confirma nossa proposição associada à aplicação das regras de concordância verbal com as variantes pronominais segundo a gramática normativa e a norma culta, cuja ocorrência do pronome **nós** é associada ao morfema -mos/mo e o pronome **a gente** à desinência verbal zero.

Vejamos, a seguir, na Tabela 15, a associação da variante **a gente** com as variáveis marca morfêmica e preenchimento de sujeito:

Tabela 15: Cruzamento entre as variáveis marca morfêmica e preenchimento do sujeito

MARCA MORFÊMICA	SUJEITO PREENCHIDO		SUJEITO NULO	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
-MOS/-MO	0/1	-	1/1	100
Ø	201/227	88,5	26/227	11,5
Total	201/228	88	27/228	12

Fonte: elaborada pela autora (2021)

⁵⁹ Optamos por checar de modo mais detalhado a relação entre o uso das variantes e a concordância menos prestigiada (como, por exemplo “nós vai”, que ocorreu em 24/70 (9,5%) dados e “a gente vamo[s]”, que ocorreu em 1/228 (2,2%) dado) com a variável sociolinguística escolaridade na seção 5.2.2.1.

Observamos que a variante pronominal **a gente** é categórica, quando o sujeito é preenchido e a desinência verbal é zero, ou seja, das 201 ocorrências de sujeito preenchido pela variante **a gente** todas estão acompanhadas ao morfema zero da flexão verbal. Logo, não houve nenhuma ocorrência de sujeito preenchido pela variante inovadora com as desinências verbais -mos/mo em nossa amostra. Esse percentual alto (88,5%) de sujeito preenchido pela forma **a gente** e desinência verbal zero converge com o esperado, principalmente porque a variante inovadora é a prevista para esse cenário, conforme a gramática normativa e a norma culta.

Em contrapartida, quando o sujeito é nulo, a variante inovadora está associada a 1 ocorrência da desinência verbal -mos/-mo e a 26 ocorrências de morfema zero. Neste último caso, o informante usou variante **a gente** no contexto discursivo anterior e 11,5% das sequências seguintes são de sujeito nulo (o que definimos como paralelismo formal na seção 5.2.1.4) e estavam associadas à ausência de desinência verbal, isto é, ao morfema zero. Esse resultado diverge do encontrado por Brustolin (2009), que registrou apenas 2 (14%) ocorrências no cruzamento entre as variáveis sujeito nulo e marca morfêmica zero com a forma inovadora. Em resumo, independente se sujeito preenchido ou não, conforme a expectativa, a desinência verbal zero ocorreu associada à variante pronominal inovadora.

Vejamos, a seguir, na Tabela 16, a associação da variante **nós** com as variáveis marca morfêmica e preenchimento de sujeito:

Tabela 16: Cruzamento das variáveis marca morfêmica e preenchimento do sujeito

MARCA MORFÊMICA	SUJEITO PREENCHIDO		SUJEITO NULO	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
-MO/MOS	40/46	87	6/46	13
Ø	21/24	87,5	3/24	12,5
Total	61/70	87	9/70	13

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Observamos que a variante pronominal **nós** apresenta comportamento diferenciado em comparação à variante **a gente**, no que tange ao preenchimento de sujeito e à desinência verbal. Quando o sujeito é preenchido pela variante **nós**, as desinências verbais

mais recorrentes foram -mo/mos, ou seja, das 40 ocorrências de sujeito preenchido pela variante **nós**, 21 estão acompanhadas da desinência zero na flexão verbal. De fato, essa frequência de ocorrência converge com o resultado esperado, principalmente porque o sujeito preenchido pela forma **nós** associado à desinência verbal de primeira pessoal do plural prevista para esse cenário segundo a gramática normativa e a norma culta. Além dessa concordância prestigiada, percebemos ainda que, quando o sujeito é preenchido pela variante conservadora, a desinência verbal identificada foi associada ao morfema zero em 21 ocorrências da amostra. Acreditamos que esse resultado para o uso das formas desprestigiadas (nós preenchido + zero) esteja associado à variável sociolinguística escolaridade, que detalharemos na seção 5.1.2.1.

Em contrapartida, quando o sujeito é nulo, a variante **nós** está associada a 6/9 ocorrências da desinência -mo/mos e a 3/9 ocorrências do morfema zero. Nesse caso, o informante usou a variante **nós** no contexto discursivo anterior e das sequências seguintes de sujeito não preenchido estavam associadas à desinência verbal -mo/-mos.

Em resumo, se o sujeito for preenchido ou não, conforme a expectativa, as desinências verbais -mos/-mo ocorreram mais frequentemente associadas à variante pronominal conservadora, também se o sujeito for preenchido ou não, a ausência de desinência ocorreu em menor frequência junto a essa variante pronominal.

Em síntese, nesta subseção, vimos que a maior quantidade de dados foi marcada pela variante **a gente** e o morfema zero na desinência verbal, bem como pela variante **nós** e as desinências verbais -mos/-mo. Quando confrontados os dados das variáveis pronominais com a marca morfêmica e o preenchimento do sujeito, a forma pronominal inovadora se revelou categórica quando o sujeito foi preenchido e a desinência verbal zero. Em contrapartida, a forma pronominal conservadora apresentou mais frequência com sujeito preenchido e a desinência verbal -mos ou -mo.

5.2.1.4 Paralelismo formal⁶⁰

⁶⁰ Muitas pesquisas nomeiam esta variável de paralelismo discursivo ou referencial (ou semântico). Neste estudo, embora utilizemos a expressão paralelismo formal, estamos considerando, na verdade, o paralelismo referencial (ou semântico). Essa diferença entre os conceitos e os critérios para definição do paralelismo formal foi percebida por nós principalmente na abordagem de Omena (1998) e de Brustolin (2009). Omena (1998) realiza uma análise do paralelismo formal voltada a aspectos semânticos-pragmáticos do contexto discurso (alguns chamam de paralelismo semântico ou referencial), ou seja, se as formas variantes mantêm (ou não) referência de sentido na sequência discursiva, enquanto Brustolin (2009) parece seguir como critério uma classificação exclusivamente sintática (sujeito-sujeito, sujeito-objeto, sujeito-adjunto adnominal).

5.2.1.4.1 Caracterização e hipóteses

O paralelismo formal (ou referencial) é definido pelo uso da forma **nós** ou **a gente** em uma sequência discursiva (ou turno de fala, considerando-se a troca de turnos na entrevista sociolinguística). De acordo com Omena (1998), “ao utilizar a forma **nós** ou **a gente** para nomear um referente, o falante pode estar usando-a pela primeira vez no contexto, é o que se chama aqui de primeira referência”.

Nas ocorrências a seguir, extraídas da nossa amostra, apresentamos as possibilidades de paralelismo das formas variantes na posição de sujeito em uma sequência discursiva com manutenção semântica do referente:

(29) **Nós** íamos nos sábados em uma pizzaria, daí agora **nós** não frequentamos mais porque é bem longe daqui, não sei como era, mas era bem pequeno, daí agora **nós** não frequentamos mais. (CH3F10EFI)

(30) Não, **a gente** não costuma comer bastante, **a gente** come, **a gente** come o suficiente. (CH5M12EFII)

(31) [...] no sábado eu sempre fico em casa geralmente, porque causa que... todas as minhas tias paternas, vão lá pra... pra casa da minha avó, que mora do lado da minha casa e daí a minha mãe, **nós** sempre ficamos em casa assim, pra-pra conversa(r) né, porque **a gente** só se vê no final de semana. (CH2F10EFI)

(32) [...] **a gente** foi bastante na praia, daí no...apartamento que **nós** fiquemo(s) em cima, assim tinha mesa pra jogar sinuca, jogar baralho. (CH5M12EFII)

Nas ocorrências (29) e (30), consideramos, com base em Omena (2003, p. 71), que o paralelismo formal ocorre quando, na posição de sujeito, uma forma pronominal da primeira pessoa do plural aciona outra semelhante, ou seja, “[...] o falante, ao se referir pela primeira vez a um grupo maior ou menor de pessoas, em que se inclui, escolhe a forma **nós**, por exemplo, e tende a repeti-la na próxima referência”. Em (29), na posição de sujeito, o primeiro referente das formas em destaque é a variante **nós**, que se refere ao mesmo grupo de pessoas mencionado por mais duas vezes na mesma posição sintática e na mesma sequência discursiva. Assim também ocorre com a variante **a gente** em (30). O primeiro referente mobiliza o mesmo grupo de pessoas referido por mais duas vezes na mesma posição sintática e na mesma sequência discursiva.

Nas ocorrências (31) e (32), observamos que se mantém o paralelismo na referência, mas a forma pronominal é variável na posição de sujeito e na mesma sequência discursiva. Em (31), o primeiro referente é o pronome **nós**, porém a variante da sequência discursiva é o pronome **a gente**, que continua a mobilizar o mesmo grupo de pessoas da

primeira referência. De modo inverso, em (32), o primeiro referente é **a gente**, mas a variante da sequência discursiva é **nós**, que continua a mobilizar, na posição de sujeito, o mesmo grupo de pessoas da primeira referência.

Outra possibilidade de controle do paralelismo verificada por nós ocorreu nos contextos em que, na primeira referência, o sujeito é preenchido por uma das formas pronominais variantes, mas, na(s) sequência(s) discursiva(s) seguinte(s), o sujeito é nulo (ou não preenchido, como vimos na seção 5.2.1.2), embora a referência semântica seja mantida, como nas ocorrências a seguir:

(33) [...] assim né, que **a gente** todo dia um espera o outro, daí **Ø fica** assim né, ahn...daí a gente fica mais ali pra baixo, onde a gente não se molha, daí a gente volta pra sala só depois que bate o sinal. (CH1M11EFII)

(34) [...] daí **nós** vamo lá **Ø comemos** feijoada, essas coisas. (CH3F10EFI)

Na ocorrência (33), na posição de sujeito, o primeiro referente é a variante **a gente**, que se refere ao mesmo grupo de pessoas que será mencionado na sequência discursiva, visto a manutenção semântica do referente na desinência verbal da terceira pessoa do singular. Na ocorrência (34), na posição de sujeito, o primeiro referente é a variante **nós**, que pode ser recuperada outra vez na mesma posição sintática da sequência do turno pela respectiva desinência verbal de primeira pessoa do plural.

É importante destacar ainda que, na nossa amostra, observamos ocorrências em que inexistia manutenção semântica do referente. Vejamos:

(35) [...] **a gente** almoça junto, daí vem meus parentes lá de fora, daí **a gente** faz um almoço. (CH7M8EFI)

(36) Eu me lembro que sempre de noite eu ficava com a minha irmã, e eu tinha uma vizinha e um vizinho, daí **nós** se reunia lá quando era meio de noitezinha, que não tinha mais nenhum movimento, **nós** ia lá, **nós** jogava vôlei, futebol ou handebol [...] (CH3F10EFI)

No excerto (35), o primeiro referente **a gente**, na função de sujeito, indica que o falante inclui “ele e os pais”. Na sequência, na mesma posição sintática, **a gente** inclui, além dos primeiros referenciados, outros atores, no caso ele (o falante), os pais e os parentes, portanto, fazendo uma referência diferente da primeira. No excerto (36), o primeiro referente **nós**, na posição de sujeito, indica o falante, a irmã e os vizinhos, mas, na sequência, na mesma posição sintática, a forma **nós** indica, dessa vez, a exclusão de participantes da primeira referência e a manutenção da indicação da participação do falante e da irmã na ação expressa

pela forma verbal, portanto, na sequência do discurso, houve mudança de referente, pois menciona pessoas diferentes entre a primeira e a segunda sequência.

Considerando essas especificidades quanto à variável paralelismo formal na nossa amostra, procedemos ao controle dos seguintes fatores:

- forma isolada
- 1ª referência **a gente**/ou **nós**/ou sujeito nulo
- a gente** + **a gente** ou **nós** + **nós** (referência igual)
- a gente** + **a gente** ou **nós** + **nós** (referência diferente)
- sujeito nulo (referência igual) + desinência verbal zero ou -mos
- sujeito nulo (referência diferente) + desinência verbal zero ou -mos

Os trabalhos de Omena (1998), Lopes (1998), Brustolin (2009), Vítório (2015b) e Oliveira (2017) testaram a relevância do paralelismo formal das variantes para expressão da primeira pessoa do plural numa sequência discursiva.

Tendo em vista a aplicação de critérios exclusivamente semânticos, Omena (1998, p. 197) observou a tendência de “uma vez escolhida a forma, essa escolha atua sobre o uso das formas subsequentes, até que um novo fator atue, provocando nova escolha”, o que foi confirmado para a forma **a gente** e para a forma **nós**. Contudo, caso haja mudança na referência da forma subsequente, a tendência é a mudança da variante empregada (OMENA, 2003, p. 72-73). Segundo a autora, a influência do paralelismo sobre o uso das variantes não se constitui como condicionante de aceleração ou retardo da mudança, pois há outros fatores favorecedores.

Lopes (1998) encontrou resultados equilibrados (igual ou próximo de .50) para uso dos pronomes **nós** e **a gente** no início de uma série (1ª referência) e também na forma isolada. Porém, como verificado por Omena (1998), quando selecionada a forma, ela acaba por ser predominante na sequência discursiva. De igual forma, o comportamento da forma **a gente** se assemelha ao da forma **nós**, ou seja, há maior probabilidade de uso da forma **a gente** quando o antecedente for igual. Essa variável também foi significativa nas amostras analisadas por Lopes (1998), que assim sintetizou:

Observa-se uma maior frequência: 1) com o sujeito não explícito com verbo na 1ª pessoa do plural - (93% dos casos, .86), e 2) com a forma **nós** precedida de uma oração introduzida por **nós** (87%, .79). Isto indica a probabilidade de usar **nós**, ao invés de **a gente**[...]. (LOPES, 1998, p. 414).

Vitório (2015b) verificou que, na escolha da primeira forma pronominal, ambas variantes são determinantes para condicionar a realização das formas subsequentes. Quanto à realização da forma pronominal **a gente**, o percentual foi de 99% para a sequência antecedida por **a gente**, porém, quando a sequência for antecedida por **nós**, o percentual cai para 25%. Neste caso, os resultados demonstram que a forma pronominal **a gente** tende a ser mais repetida numa sequência discursiva. No que diz respeito ao fator realização isolada, o percentual obtido foi de 68% e, para o fator primeira referência da série, o percentual foi de 85%, ambos os fatores ocorreram com o pronome inovador.

Os resultados da análise de Oliveira (2017) revelaram que o pronome **a gente** é levemente favorecido com um peso relativo de .56 em ocorrências isoladas. Para o registro “entre outros de uma série”⁶¹, o peso relativo foi de apenas .38. A autora ressalta que a hipótese de se manter uma sequência discursiva a partir da primeira escolha pronominal não se concretizou, contrariando os resultados observados por Omena (1998) e Lopes (1998). Oliveira (2017, p.98)⁶² acredita que esses resultados, “[...] certamente, têm relação com o modo como codificamos os dados e com o fato de termos excluído os [sujeitos] nulos dessa análise”.

Tendo em vista a aplicação de critérios exclusivamente sintáticos, Brustolin (2009) observou três tipos de paralelismo formal: sujeito-sujeito, sujeito-objeto e sujeito possessivo. O resultado mais relevante identificado pela autora foi o paralelismo sujeito-sujeito (**a gente** + **a gente** nas formas subsequentes, com 69% de ocorrências).

A partir do levantamento das investigações acima, nossa hipótese geral era de que, ao escolher uma das formas variantes na posição de sujeito, essa preferência atue com grande influência na sequência do turno das crianças da amostra do VMPOSC. Portanto, esperávamos encontrar um percentual alto para uma série de repetições de uma mesma forma na posição de sujeito, tanto para o uso do pronome **nós**, quanto para o uso do pronome **a gente**. Nossa hipótese específica era de que o pronome inovador apresentasse maior percentual de ocorrências na sequência do discurso, ou seja, com o referente igual e também como o primeiro referente. Em contrapartida, o pronome conservador deveria registrar maior ocorrência com o fator referente diferente. Em nossa análise, optamos por observar as ocorrências de sujeito não preenchido. Neste caso, nossa suposição é de que entre as

⁶¹ Neste caso, a classificação de Oliveira (2017) equivale ao que determinamos como referente diferente.

⁶² A autora explicou que a delimitação do tempo ocasionou no resultado de apenas alguns fatores do paralelismo formal.

desinências verbal -mos e zero ocorra um percentual expressivo nas ocorrências com referente igual.

5.2.1.4.2 Resultados e discussão

A variação dos pronomes **nós** e **a gente** tende a se revelar significativa no controle do paralelismo formal. Vejamos os resultados da Tabela 17.

Tabela 17: Aplicação geral das formas pronominais segundo a variável ausência e presença de paralelismo formal

PARALELISMO FORMAL	Apl./Total	%
Ocorrências com paralelismo	227/298	76
Ocorrências isoladas	71/298	24
Total	298/298	100

Fonte: elaborada pela autora (2021)

De modo geral, no que diz respeito à variável paralelismo formal, do total de 298 dados das variantes coletadas na fala de crianças, 227 (76%) ocorrências de formas pronominais se deram com paralelismo e apenas 71 (24%) ocorrências eram de formas isoladas numa sequência discursiva. Considerando o percentual mais elevado de ocorrências com paralelismo, na sequência, detalharemos o comportamento das variantes na posição de sujeito numa sequência discursiva na Tabela 18 a seguir:

Tabela 18: Cruzamento das variáveis desinência verbal, paralelismo formal e preenchimento do sujeito

PARALELISMO FORMAL	SUJEITO PREENCHIDO				SUJEITO NÃO PREENCHIDO			
	NÓS		A GENTE		desinência verbal -mos		desinência verbal zero	
	Apl./ Total	%	Apl./ Total	%	Apl./ Total	%	Apl./ Total	%
referente igual	29/142	20	80/142	57	6/142	4	27/142	19
referente diferente	2/11	18	8/11	73	0/11	0	1/11	9
primeira referência	13/74	17	59/74	80	1/74	1,5	1/74	1,5
Total	44/227	19	147/227	65	7/227	3	29/227	13

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Os resultados convergem com os observados pelos estudos anteriores e confirmam nossa hipótese geral, pois a maior parte das ocorrências ($142/227 = 62,5\%$) de paralelismo se deu com o emprego das variante com referente igual, independente do tipo de sujeito e da forma pronominal selecionada. Em contrapartida, a menor parte das ocorrências ($11/227 = 5\%$), conforme nossa expectativa, da nossa amostra diz respeito ao uso das variantes para indicar referente diferente na mesma sequência discursiva. Analisando o comportamento das formas pronominais e das respectivas desinências verbais na sua individualidade, os resultados gerais mais uma vez confirmam nossa hipótese tendo em vista que o percentual mais elevado do paralelismo formal se deu, quando o sujeito foi preenchido, com a forma inovadora (65%), seguida da variante conservadora (19%), ao passo que, quando o sujeito não era preenchido, conforme a expectativa, a maior parte das ocorrências são da desinência verbal zero (13%) seguida da desinência verbal -mos (3%).

De modo geral, quando analisamos as variantes, observamos que os três tipos de paralelismo favorecem a forma pronominal **a gente**. Diferente de Omena (1998) e Lopes (1998), cuja ocorrência das variantes pronominais manteve-se mais equilibrada (na casa dos 50%) como primeira referência, em nossa análise, a forma **a gente** registrou um percentual de 80% e a forma **nós** de apenas 17%. Quanto aos três tipos de paralelismo que favorecem as outras variantes (nós, -mos e zero), percebemos que houve maior ocorrência quando o referente era igual, ao passo que, para referência diferente, as ocorrências foram muito baixas.

Em síntese, o paralelismo com o referente igual favorece ambas as formas nas ocorrências de fala das crianças do projeto VMPOSC. Os resultados relativos à forma pronominal inovadora mostraram-se mais significativos com o paralelismo na primeira referência e com referência diferente, já os concernentes à forma pronominal conservadora, apesar de apresentarem menor número de ocorrência, revelaram-se mais distribuídos entre os três tipos de paralelismo.

5.2.1.5 Saliência fônica

5.2.1.5.1 Caracterização e hipóteses

O fator saliência fônica das formas verbais já foi controlado por Omena (1998), Lopes (1998), Brustolin (2009) e Agostinho (2013). De acordo com Naro, Görski e Fernandes (1999, p.202-203, tradução nossa),

A dimensão básica nesta hierarquia é o acento: seus níveis mais baixos consistem em oposições morfológicas de 3ª p. singular/1ª p. plural em que a flexão -mos e a vogal precedente (geralmente a vogal temática) são átonas; em seus níveis superiores, essa vogal é acentuada.⁶³

Para exemplificar, consideramos que as formas verbais mais salientes podem ser as flexionadas no singular e no plural como **é/somos**, e menos salientes estão **fala/falamos**. Logo, a diferença entre as formas mais salientes pode favorecer a produção dos padrões normativos de concordância verbal.

Lopes (1998) distribuiu a diferença entre singular e plural das formas verbais em 5 níveis de saliência fônica. De modo geral, Omena (1998) analisou 7 grupo de fatores, Brustolin (2009) e Agostinho (2013) observaram 6 níveis.

De modo específico, o uso da forma **nós** ocorreu entre os níveis 3, 4 e 5 (respectivamente, *está/estamos, comeu/comemos, é/somos*) com maior saliência da forma verbal e o uso da forma **a gente** entre os níveis 1 e 2 (respectivamente, *falava/falávamos, fala/falamos*) com menor saliência da forma verbal. Scherre, Naro e Yacovenco (2018, p.428) também verificou que “quanto maior a saliência fônica, mais a possibilidade de usar a forma [verbal] com -mos.” Nos resultados de Omena (1998), Brustolin (2009) e Agostinho (2013), assim como verificado em Lopes (1998), o uso das formas verbais menos salientes favoreceu o emprego da forma **a gente**, já as formas mais salientes foram favorecidas pelo uso de **nós**.

⁶³The basic dimension in this hierarchy is stress: its lower levels consist of morphological 3rd singular/1st plural oppositions in which the -mos inflection and the preceding vowel (usually the thematic vowel) are unstressed; on its upper levels this vowel is stressed. (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999, p.202-203)

Segundo Omena (1998), entre o uso das formas verbais gerundivas, o uso da forma **a gente** foi categórico, além de obter boa atuação entre as formas verbais no infinitivo. Brustolin (2009) observou que o pronome **a gente** é menos utilizado que o pronome **nós** entre os graus de maior saliência fônica, contudo a frequência entre os níveis foi maior entre os três primeiros graus, onde ocorre os níveis de menor saliência.

Na sequência, propomos uma escala com diferentes níveis da saliência fônica das formas verbais, adaptada de Brustolin (2009), mas cabe o destaque de que esta autora também se baseou nas propostas originárias de Omena (1998) e Lopes (1998).

Quadro 13: Níveis da saliência fônica das formas verbais

Nível	Exemplos de formas verbais	Descrição
1	falava/falávamos; fosse/fôssemos; ir/irmos; cantar/cantarmos	Conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência verbal -mos.
2	fala/falamos; conversa/conversamos; pôde/pudemos faz/fazemos	Não há coincidência entre a sílaba tônica das duas formas: a vogal temática é acentuada na forma plural, enquanto no singular o acento recai no radical do verbo (formas do presente e alguns casos de pretérito).
3	está/estamos; vê/vemos	Engloba os casos dos monossílabos tônicos ou das oxítonas no singular que, ao receberem a desinência -mos, passam a paroxítonas. Em ambas as formas não se altera a posição da sílaba tônica (tempo presente).
4	vai/vamos; partiu/partimos; comeu/comemos; foi/fomos; pediu/pedimos	Formas em que o ditongo se desfaz com a mudança da desinência para -mos.
5	falou/falamos; passou/passamos; brincou/brincamos; voltou/voltamos	Formas que apresentam alomorfa da vogal temática na 3ª pessoa do singular e que a recuperam com o acréscimo da desinência -mos.
6	é/somos; veio/viemos; teve/tivemos fez/fizemos	Diferenças fonológicas acentuadas entre o singular e o plural.

Fonte: adaptado de Brustolin (2009, p.153)

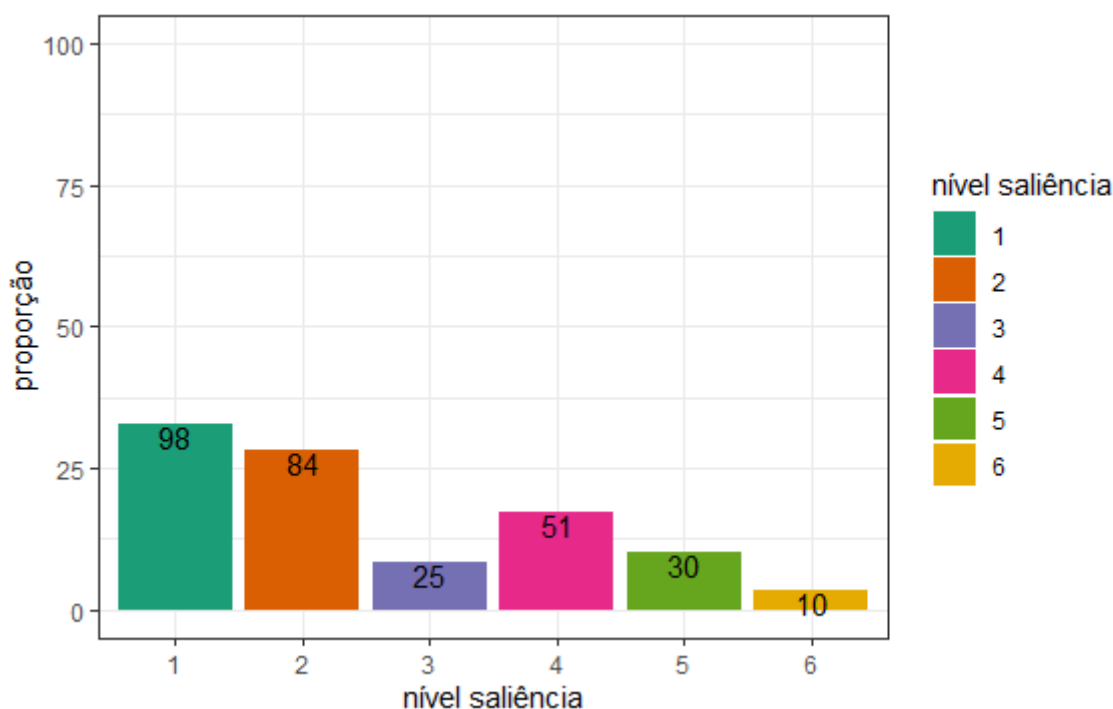
No quadro 13, podemos perceber que quanto maior o nível, maior a saliência fônica da forma verbal, tanto as no singular quanto as no plural. Nossa hipótese geral era de que as formas verbais ocorressem de modo mais frequente nos três primeiros níveis (1, 2 e 3),

isto é, com as formas verbais menos salientes, ao passo que os níveis mais altos (4, 5 e 6) se dariam com as formas verbais mais salientes. Nossa hipótese específica era que a forma pronominal **a gente** tendesse a ocorrer com formas verbais dos níveis mais baixos de saliência (LOPES, 1998) e conseqüentemente a forma **nós** fosse registrada com maior ocorrência entre as formas verbais dos três níveis mais altos de saliência fônica na fala das crianças do VMPOSC.

5.2.1.5.2 Resultados e discussão

As formas verbais que concordam com os pronomes para referência à primeira pessoa do plural na sua função sintática como sujeito podem apresentar diferença fônica a depender da flexão empregada. Na sequência, apresentaremos o Gráfico 3 com a aplicação e distribuição das ocorrências das variantes pronominais segundo a variável saliência fônica.

Gráfico 3: Proporção e frequência das variantes pronominais segundo a variável saliência fônica



Fonte: elaborada pela autora (2021)

De modo geral, dos 298 dados encontrados na fala das crianças, a variável saliência fônica das formas verbais registrou um percentual elevado entre os níveis 1, 2, conforme a expectativa, totalizando 182 ocorrências (61%). O menor registro ocorreu no nível

6, que é o grau de maior diferenciação fônica, com 10 ocorrências (3%). Nossa hipótese geral se confirmou, visto que o maior percentual de ocorrências das variantes se deu entre os dois primeiros níveis de saliência fônica, ao passo que o menor percentual se deu com a concordância das formas verbais de nível mais elevado com as variantes pronominais. Nossa expectativa era que as formas verbais mais salientes fossem menos frequentes, porém, chama-nos a atenção que entre os níveis 3 e 4 houve um aumento considerável em termos percentuais. O nível 4 apresentou 51 ocorrências das formas verbais e o nível 3 (menos saliente) obteve apenas 25 ocorrências. Por essa razão, uma análise mais específica do conjunto de dados correspondente ao nível 4 apresentou dois tipos de formas verbais: as derivadas ir (vai/vamos) e as locuções verbais formadas pelo auxiliar ir + verbo principal (vai caminhando/vamos morar), totalizando, respectivamente, 18 ocorrências derivadas do verbo ir e 2 ocorrências da locução verbal do verbo auxiliar ir com o verbo principal.

Na sequência, realizamos uma verificação de cada uma das formas pronominais individualmente para verificar o comportamento da saliência fônica.

Tabela 19: Distribuição e aplicação de **nós** e **a gente**, segundo a variável saliência fônica

SALIÊNCIA FÔNICA	NÓS		A GENTE	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Nível 1	49/70	70	71/228	31
Nível 2	14/70	20	70/228	31
Nível 3	8/70	11	17/228	7,5
Nível 4	11/70	16	40/228	18
Nível 5	8/70	11	22/228	10
Nível 6	2/70	3	8/228	3,5
Total	70/70	100	228/228	100

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Os resultados individuais demonstram que as formas verbais do grau 1 ocorreram junto ao pronome **nós**, mas à medida que aumentam os graus de saliência fônica das formas verbais diminui também o uso dessa forma pronominal. Também, conforme a expectativa, observamos comportamento semelhante do pronome **a gente**. A maior ocorrência de formas

verbais se dá nos dois primeiros graus junto ao pronome inovador, mas, tal como com a forma conservadora, cai a frequência de uso conforme aumenta o grau de saliência fônica.

Na sequência, observamos o comportamento de ambas variantes no que tange à saliência fônica das formas verbais.

Tabela 20: Frequência de **nós** e **a gente**, segundo a variável saliência fônica

SALIÊNCIA FÔNICA	NÓS		A GENTE	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Nível 1	49/120	41	71/120	59
Nível 2	14/84	17	70/84	83
Nível 3	8/25	32	17/25	68
Nível 4	11/51	21,5	40/51	78,5
Nível 5	8/30	27	22/30	73
Nível 6	2/10	20	8/10	80
Total	70/298	23	228/298	77

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Os resultados revelam que os seis níveis de saliência fônica das formas verbais da amostra ocorreram de modo mais frequente junto ao pronome inovador. Mesmo dentre as formas verbais de grau 1 (menos saliente), o percentual de uso da variante inovadora foi superior em relação à conservadora. Observamos que à medida que aumentam os graus de saliência fônica cresce o uso da forma **a gente** e diminui o uso da forma **nós**, ou seja, as formas verbais mais salientes são menos empregadas junto à variante conservadora e mais usadas com a inovadora.

Em síntese, a maior frequência de ocorrência da saliência fônica das formas verbais ocorreu entre os graus 1, 2 e 4 na fala das crianças do projeto VMPOSC. Contudo, o menor registro se deu no grau 6, conforme a expectativa. Na análise específica, a saliência fônica das formas verbais que ocorreram junto ao pronome inovador foi mais frequente entre os graus 2 e 3, e junto ao pronome conservador foi mais recorrente o grau 1. Por fim, o percentual de saliência das formas verbais junto ao pronome inovador diminui à medida em que os graus de saliência aumentam. Já o pronome conservador manteve os percentuais mais

baixos em comparação com o pronome inovador, mas também a frequência de ocorrência diminui à medida que aumenta a saliência fônica das formas verbais.

5.2.1.6 Tempo verbal

5.2.1.6.1 Caracterização e hipóteses

A variável tempo verbal é um fator linguístico a ser considerado para observar o comportamento das variantes **nós** e **a gente**. De acordo com Omena (1998), a forma **a gente** é mais frequente junto às formas nominais e ao tempo presente; já a forma **nós** é favorecida pelos tempos passado e futuro. Sua análise comparativa entre os dados da amostra de 1980 e da amostra de 2000 revelou que, na escolha entre o uso de uma das formas pronominais, a tendência é que “[...] os tempos verbais mais marcados (passado e futuro) tendem a refrear a mudança; os menos marcados (formas nominais e presente) a impulsionam” (OMENA, 2003, p.70).

Em Lopes (1998), os resultados mais significativos da forma **nós** foram observados com o tempo no pretérito perfeito do indicativo (94%), futuro do subjuntivo (67%), pretérito imperfeito do subjuntivo (67%). Para a forma pronominal **a gente**, os resultados foram mais favoráveis para as formas do gerúndio (83%), infinitivo (69%) e presente do indicativo (49%). Em Seara (2004), o pretérito imperfeito do indicativo apresentou a maior probabilidade de uso para a variante **a gente** (82%), já a menor frequência ocorre com o pretérito perfeito do indicativo (51%). Franceschini (2011) também constatou que a forma **a gente** apresentou maior significância com as formas do infinitivo (.67), presente (.58) e pretérito imperfeito do indicativo (.56). A forma pronominal **nós** foi mais significativa no pretérito perfeito do indicativo (.74).

Nossa hipótese geral era que haveria mais ocorrências entre ambas as formas pronominais no tempo verbal do pretérito e no presente, devido ao roteiro das perguntas da entrevista sociolinguística do VMPOSC estarem mais direcionadas para respostas no tempo passado e no tempo presente. Nossa hipótese específica é que a variante **nós** deva ser mais condicionada pelos tempos verbais no passado do indicativo e futuro, e a forma **a gente** seja marcada pelo tempo verbal presente do indicativo.

5.2.1.6.2 Resultados e discussão

As variantes **nós** e **a gente** apresentam comportamento diferenciado em relação à variável tempo verbal. Na sequência, apresentaremos a Tabela 21, contendo os resultados gerais encontrados para cada tempo verbal na fala das crianças do VMPOSC.

Tabela 21: Distribuição e aplicação de **nós** e **a gente**, segundo a variável tempo verbal

TEMPO VERBAL	Apl./Total	%
Presente do indicativo	119/298	40
Pretérito perfeito do indicativo	75/298	25
Pretérito imperfeito do indicativo	75/298	25
Formas nominais ⁶⁴	25/298	8
Presente do subjuntivo	2/298	1
Futuro do presente	1/298	0,5
Futuro do pretérito do indicativo	1/298	0,5
Total	298/298	100

Fonte: elaborada pela autora (2021)

De modo geral, do total de 298 dados das variantes pronominais na fala das crianças, 40% das ocorrências ocorreram junto a formas verbais no tempo verbal presente do indicativo, 25% associadas ao pretérito perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo e 8% entre as formas nominais (infinitivo e gerúndio). Os demais tempos verbais registraram baixa ocorrência, isto é, menor que 1%.

⁶⁴ Por apresentar baixa ocorrência junto às variantes pronominais, optamos por reunir os resultados das formas nominais do gerúndio e do infinitivo pessoal.

Tabela 22: Frequência de **nós** e **a gente**, segundo a variável tempo verbal

TEMPO VERBAL	Nós		A gente	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Presente do indicativo	13/119	11	106/119	89
Pretérito perfeito do indicativo	28/75	37	47/75	63
Pretérito imperfeito do indicativo	18/75	24	57/75	76
Formas nominais	9/25	36	16/25	64
Presente do subjuntivo	1/2	50	1/2	50
Futuro do presente do indicativo	1/1	100	0/1	0
Futuro do pretérito do indicativo	0/1	0	1/1	100
Total	70/298	23	228/298	77

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Nossos resultados para as variantes **nós** e **a gente** em relação à variável tempo verbal são parcialmente semelhantes aos de Omena (1998), Lopes (1998) e Franceschini (2011). De modo específico, considerando a atuação das variantes e o tempo verbal, observamos que o pronome **a gente** apresenta maior frequência de uso (106/119 - 89%), com formas verbais no tempo presente do indicativo, já o pronome **nós** apresentou maior frequência (28/75 - 37%) com as formas verbais no pretérito perfeito do indicativo. Portanto, confirmamos nossa hipótese geral, baseada em Omena (1998), Lopes (1998) e Franceschini (2011), de condicionamento da variante pronominal **nós** junto às formas verbais do tempo pretérito e da variante **a gente** junto às formas verbais no tempo presente. Em nossa análise, as ocorrências no tempo futuro foram quase inexistentes. Identificamos apenas uma ocorrência da forma **a gente** no tempo no futuro do pretérito do indicativo e uma ocorrência para cada variante no tempo futuro do presente do indicativo. Esses resultados podem indicar que os tempos verbais do futuro na fala das crianças ocorreram raramente em razão do modelo de entrevista sociolinguística aplicado, em que os entrevistados, segundo o método da narrativa de experiência pessoal, discorrem mais frequentemente sobre ações do presente e do passado.

Em síntese, na distribuição geral das variantes, observamos que a variável tempo verbal favorece a realização das formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural na fala das crianças do projeto VMPOSC. Conforme a expectativa, os resultados relativos à

variante pronominal **nós** foram mais significativos junto às formas verbais do tempo pretérito e à variante **a gente** foram mais expressivos junto às formas verbais no tempo presente.

5.2.2 Variáveis extralinguísticas

Nesta pesquisa, controlamos as variáveis escolaridade, sexo, idade e localidade, para observar quais desses condicionadores sociais atuam de modo mais frequente na variação linguística entre as formas pronominais **nós** e **a gente**.

5.2.2.1 Escolaridade

5.2.2.1.1 Caracterização e hipóteses

Na análise da variável escolaridade, observamos as entrevistas das crianças com idade entre 8 a 12 anos e que apresentam escolaridade entre as séries iniciais e finais do Ensino Fundamental.

Omena (1998, p.316) conclui que “o ginásio influencia o comportamento do falante no sentido deste usar mais a forma **nós** (e conseqüentemente menos a forma **a gente**) tanto nos dados de crianças quanto nos dos adultos”. Outro estudo mais recente comprova que o aumento dos anos de escolarização tende a ampliar “o percentual de uso da forma pronominal **nós**, passando de 69% no nível EF para 97% no nível EM, o que nos leva à constatação de que a forma pronominal **a gente** tende a ser mais frequente nos textos dos alunos do EF -31% contra apenas 3% dos textos dos alunos do EM.” (VITÓRIO, 2015a, p.139).

Nossa hipótese, portanto, era de que, conforme aumente os anos de escolarização, maior seria a frequência de uso do pronome **nós**. Logo, os resultados com as crianças mais jovens devam ser diferentes em razão do maior tempo de convívio com a família e com a comunidade e menos com os anos de escolarização. Assim, acreditávamos que o uso da forma pronominal **a gente** fosse mais elevado entre as crianças mais novas em relação à forma **nós**, que deviam ser mais frequentes entre as crianças mais velhas.

5.2.2.1.1 Resultados e discussão

As variantes **nós** e **a gente** apresentam comportamento diferenciado em relação à escolaridade. Na sequência, apresentamos a Tabela 23, contendo os resultados gerais da variável escolaridade na fala das crianças do VMPOSC.

Tabela 23: Frequência de **nós** e **a gente**, segundo a variável escolaridade

ESCOLARIDADE	NÓS		A GENTE	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Ensino Fundamental I	61/160	38	99/160	62
Ensino Fundamental II	9/138	6,5	129/138	93,5
TOTAL	70/298	23	228/298	77

Fonte: elaborada pela autora (2021)

De modo geral, as variantes pronominais foram empregadas de modo diferenciado pelas duas faixas de escolaridade. Do total de 298 dados, houve 61 (38%) ocorrências do pronome **nós** produzidas pelos informantes com Ensino Fundamental I e 9 (6,5%) no Ensino Fundamental II e 99 (62%) ocorrências do pronome **a gente** faladas pelos informantes com Ensino Fundamental I e 129 (93,5%) com Ensino Fundamental II.

Quando analisamos os resultados gerais de uso da variante conservadora, percebemos que nossa hipótese não foi confirmada, pois o esperado era o aumento de frequência do pronome **nós** com o aumento da escolarização dos informantes. Tendo em vista que partimos do pressuposto de que a escola influencia o uso da variante conservadora no contexto escolar. Porém, o que encontramos foi um percentual alto no Ensino Fundamental I e menor no Ensino Fundamental II. Olhando para os resultados considerando cada nível de escolarização individualmente, obtivemos um resultado que corroborou com nossa segunda hipótese, ou seja, entre as crianças mais jovens a forma pronominal **a gente** apresentou percentual acima do esperado do que a forma conservadora. Os resultados para o Ensino Fundamental II também são promissores quando observamos o percentual encontrado para a forma inovadora em relação à variante conservadora.

Em razão da não confirmação da nossa primeira hipótese, buscamos mais explicações para os resultados. Verificamos que este resultado elevado no Ensino Fundamental I pode ter sido influenciado pela alta frequência ($57/61 = 93\%$) de dados de fala

de um informante⁶⁵, que utilizou apenas o pronome conservador e também por outros dois informantes que utilizaram somente o pronome inovador. No primeiro caso, o uso é categórico da forma **a gente** por um informante com Ensino Fundamental II e, no segundo caso, por outro informante com Ensino Fundamental I ($42/160 = 26\%$). Portanto, na sequência, optamos por excluir da análise esses informantes que apresentaram uso categórico e detalhamos os resultados das ocorrências das formas pronominais dos informantes que apresentam de fato variação entre ambas as formas. Vejamos, a seguir, como se distribuem esses resultados.

Tabela 24: Frequência de **nós** e **a gente**, segundo a variável escolaridade

ESCOLARIDADE	NÓS		A GENTE	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Ensino Fundamental I	4/61	6,5	57/61	93,5
Ensino Fundamental II	9/125	7	116/125	93
TOTAL	13/186	7	173/186	93

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Os resultados da tabela demonstram, conforme a expectativa, que a forma conservadora é mais expressiva no Ensino Fundamental II em relação ao Ensino Fundamental I. A forma inovadora também foi mais frequente entre os informantes desse nível de escolarização. Portanto, Labov (2008) chama de reestruturação a possibilidade de ocorrer uma mudança no vernáculo com as regras iniciais aprendidas com os pais serem em algum momento desprendidas, ou deixadas de lado, o que parece que ainda não ocorreu com os nossos informantes, muito em razão da pouca diferença de idade e de tempo de escolarização entre elas. Elas ainda permanecem com o sistema linguístico do seu núcleo familiar e não alteraram seu estilo mesmo estando em contato com a escola.

Outro aspecto que queremos voltar à discussão é com relação à análise dos resultados da variável marca morfêmica apresentados na subseção 5.1.1.3. Encontramos 21

⁶⁵ Nossa análise necessitava de um olhar mais refinado sobre os dados e percebemos que a influência nos resultados era decorrente das ocorrências realizadas exclusivamente por um informante. Ele acarretava na anulação de muitas hipóteses, contudo, observando atentamente a ficha da informante, percebemos que os pais possuíam um nível de escolarização elevado. O pai já havia atuado como professor e a mãe cursava naquele período faculdade. Portanto, a influência do ambiente familiar e o aumento na escolarização contribuem para o uso exclusivo da forma pronominal **nós**, e por conta do aparente *input* da fala dos pais, a criança registrava predominantemente o uso da variante conservadora.

ocorrências da variante **nós**, quando o sujeito é preenchido, associado ao morfema zero. Nossa hipótese para esse resultado no uso das formas desprestigiadas (**a gente/nós** preenchido ou nulo + -mos/-mo/zero) era que estivesse associado à variável sociolinguística escolaridade. Essa relação de concordância é, a nosso ver, que carrega estigma social. Por essa razão, na Tabela 25, procedemos ao cruzamento dessas variáveis para identificar em qual nível de escolarização as crianças mais empregam as variantes prestigiadas e desprestigiadas. A primeira hipótese é de que haverá maior frequência das formas mais prestigiadas, no caso o pronome conservador **nós** será acompanhado do verbo flexionado com a desinência -mos e o pronome inovador **a gente** será acompanhado com o verbo flexionado com a desinência zero, entre as crianças com mais tempo de escolarização (Ensino fundamental II). Ou seja, nossa hipótese era que quanto mais o falante fosse escolarizado menor seria a chance de produzir formas como *a gente fomos* ou *nós foi*. Por outro lado, quanto menos o falante fosse escolarizado maior seria a chance de produzir formas como *a gente fomos* ou *nós foi*”.

Tabela 25: Cruzamento das variáveis marca morfêmica e escolaridade

		Morfema zero		Morfema -mo/-mos	
		Apl./Total	%	Apl./Total	%
A gente	Ensino fundamental I	98/251	39	1/49	2
	Ensino fundamental II	129/251	51	0/49	-
Nós	Ensino fundamental I	18/251	7	22/49	45
	Ensino fundamental II	6/251	3	26/49	53
Total		251/251	100	49/49	100

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Os resultados da Tabela 25 descrevem o comportamento das variáveis no uso dos morfemas (zero, -mo e -mos) e a escolaridade. Observamos que as formas **a gente** + zero e **nós** + -mos apresentaram mais frequência de ocorrência nos dois níveis de escolaridade, confirmando a expectativa. Embora os dois níveis de escolarização produzam as variantes prestigiadas e os respectivos morfemas verbais associados, foram os informantes com Ensino Fundamental II que apresentaram a maior frequência de ocorrência das formas prestigiadas. Também é interessante, nos resultados da Tabela 25, que as formas **a gente** + -mos/-mo e **nós** + zero foram encontradas em 19 dados produzidos pelos informantes do Ensino Fundamental

I, confirmando também nossa expectativa de que quanto menor o tempo de escolarização maior o uso das formas desprestigiadas e quanto maior o contato com o ensino formal maior o emprego das formas prestigiadas.

Em síntese, na distribuição geral das variantes na fala das crianças do projeto VMPOSC, o pronome **nós** apresentou maior número de ocorrência entre os informantes do Ensino Fundamental II e menor entre os informantes do Ensino Fundamental I. O pronome inovador, por sua vez, também teve sobressalto nas ocorrências do Ensino Fundamental II. Verificamos ainda que 3 dos 5 informantes investigados utilizaram de modo exclusivo apenas uma das variantes. Numa nova análise, excluindo-se esses informantes, percebemos que os percentuais se invertem, ou seja, o pronome **nós** passou a ser mais elevado no Ensino Fundamental II e **a gente** a ser mais frequente entre os informantes do Ensino Fundamental I.

5.2.2.2 Sexo

5.2.2.2.1 Caracterização e hipóteses

Ao controlar a variável sexo, controlamos os informantes do sexo feminino e masculino. Labov (2008) descreve os resultados de alguns pesquisadores como Gauchat, que investigou o dialeto de Charmey e descobriu que eram as mulheres que utilizavam mais as formas linguísticas inovadoras. Gauchat também apresentou outros exemplos equivalentes aos seus com dados da língua francesa, exclusivamente com as mulheres de Paris, que já eram reconhecidas como as iniciadoras da mudança linguística. Labov (2008) aponta que o comportamento das mulheres apresentados por Gauchat também é semelhante e até mais notável com as suas pesquisas realizadas com o inglês de Nova York e com o estudo em Detroit e Chicago. Labov (2008) afirma que o comportamento das mulheres deve desempenhar um importante papel na mudança linguística. Ele ressalta que essa influência atinge diretamente a formação linguística das crianças. “As mulheres certamente conversam mais do que os homens com as criancinhas e têm uma influência mais direta durante os anos em que as crianças estão formando regras linguísticas com maior rapidez e eficiência”. (LABOV, 2008, p.347). Portanto, ele acredita que o progresso e a mudança linguística são atribuídos em especial às mulheres por serem mais sensíveis e atentas ao processo.

Contudo, Labov (2008) menciona que nem sempre é possível apontar as mulheres como líderes no curso da mudança linguística. Em sua pesquisa sobre a centralização da

primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard, as ocorrências eram mais marcadas pelos homens, enquanto isso as mulheres apresentavam baixa tendência da centralização. Dessa forma, Labov (2008, p.348) descreve que “a generalização correta, então, não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística”.

Observando a variável sexo em algumas pesquisas mais recentes e mais próximas à nossa realidade de estudo, notamos que a faixa etária mais jovem (7-14 anos) apresenta mínima diferença no emprego das variantes entre ambos os sexos, ou seja, no uso da forma pronominal **nós**, o sexo feminino apresentou percentual de 11% e o sexo masculino percentual de 8%. Já para o uso da forma pronominal **a gente**, o sexo feminino apresentou percentual de 89% e o sexo masculino percentual de 92% em alguns estudos (OMENA, 1998). No trabalho de Brustolin (2009)⁶⁶, o sexo feminino é o que apresenta a maior ocorrência para uso da forma **a gente** (82%) e menor para a forma **nós** (18%), já o sexo masculino obteve percentual relativamente neutro para **a gente** (47%) e para **nós** (53%). Também Vitória (2015b) constatou que as crianças do sexo masculino apresentam mais ocorrência da forma **nós** (.60) e a dos sexo feminino mais frequência da forma **a gente** (.57).

Com base nos estudos de Omena (1998), Brustolin (2009) e Vitória (2015b), de modo geral, acreditamos na hipótese de que as crianças de ambos os sexos apresentam maior frequência de uso da forma pronominal inovadora. De modo específico, de um lado, pressupõe-se que o sexo feminino apresentará a maior ocorrência para uso da forma **a gente** e o sexo masculino deve mostrar percentual mais baixo dessa variante. Por outro lado, estimamos que o sexo masculino apresentará a maior ocorrência de uso da forma **nós** e o sexo feminino deve mostrar percentual mais baixo dessa variante.

5.2.2.2.2 Resultados e discussão

O programa estatístico selecionou como significativa essa variável social. Observamos que as variantes **nós** e **a gente** apresentam comportamento distinto em relação à variável sexo. Trata-se de uma variável social bastante controlada nas pesquisas

⁶⁶Lembramos que a pesquisa de Brustolin foi coletada em 2008 na cidade Florianópolis-SC e que possivelmente os nossos resultados podem ser aproximados aos da pesquisadora, já que analisamos dados de crianças do mesmo estado. Lembramos que a pesquisadora analisou as modalidades oral e escrita, contudo apresentaremos somente os resultados concernentes aos dados orais.

sociolinguísticas. Na sequência, apresentaremos a tabela 26 contendo os resultados gerais encontrados para a variável sexo na fala das crianças do VMPOSC.

Tabela 26: Frequência de **nós** e **a gente**, segundo a variável sexo

SEXO	NÓS		A GENTE	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Feminino	60/146	41	86/146	59
Masculino	10/152	6,5	142/152	93,5
TOTAL	70/298	23	228/298	77

p-value = 3.58e-06

Fonte: elaborada pela autora (2021)

De modo geral, do total de 298 dados, obtivemos maior ocorrência da variante inovadora entre as crianças de ambos os sexos, conforme nossa expectativa. De modo específico, quando analisamos a ocorrência da variante **a gente** pelo sexo masculino e pelo feminino, o resultado para o emprego dessa variante se mostrou mais elevado entre os informantes do sexo masculino contrariando nossa expectativa baseada em Brustolin (2009), que registrou maior ocorrência do pronome inovador na fala dos informantes femininos. Quanto à ocorrência da variante **nós** pelos informantes de ambos os sexos, o resultado registrado indica elevação no uso pelas meninas do que pelos meninos, o que também contrariou nossa hipótese inicial amparada em Vitória (2015b), que identificou maior ocorrência do pronome conservador pelo sexo masculino.

Em síntese, nossa análise identificou que o pronome inovador foi mais significativo entre os informantes do sexo masculino e o pronome conservador demonstrou ser mais representativo entre o sexo feminino. Contudo, nossos resultados se assemelham com os encontrados por Omena (1998), que observou que o pronome conservador obteve percentual de 11% entre as crianças do sexo feminino em relação a 8% das crianças do sexo masculino, ao passo que a variante inovadora foi relativamente um pouco mais alta entre os informantes do sexo masculino com 92% em relação às informantes do sexo feminino com 89%.

Por fim, como fizemos na subseção anterior, acreditamos ser importante realizarmos uma análise mais refinada e retiramos os resultados das 3 crianças que

produziram uma das variantes pronominais de modo categórico ao longo de toda a entrevista. Na sequência, apresentaremos, portanto, os resultados do uso das variantes das 5 crianças.

Tabela 27: Frequência de **nós** e **a gente**, segundo a variável sexo

SEXO	NÓS		A GENTE	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Feminino	3/76	4	73/76	96
Masculino	10/110	9	100/110	91
TOTAL	13/186	7	173/186	93

Fonte: elaborada pela autora (2021)

De modo geral, confirmando nossa expectativa inicial, a forma pronominal **a gente** foi mais frequente entre os informantes do sexo feminino e a forma conservadora foi mais expressiva entre os informantes do sexo masculino. Portanto, entre as crianças que variam o uso das formas pronominais **nós** e **a gente** no seu repertório linguístico, a tendência segue os resultados apresentados por Brustolin (2009) e Vitória (2015b).

Em síntese, na análise geral, os informantes masculinos apresentaram maior ocorrência de uso da forma **a gente** e os informantes do sexo feminino da forma conservadora. Ao observar apenas os informantes que registraram variação durante a entrevista entre as formas pronominais de primeira pessoa do plural, registramos uma inversão nos resultados. Portanto, os informantes do sexo masculino apresentaram mais uso da forma conservadora e as informantes do sexo feminino da forma inovadora.

5.2.2.3 Idade

5.2.2.3.1 Caracterização e hipóteses

Ao controlar a variável idade, observamos o comportamento dos informantes de duas faixas etárias (crianças e adultos) de duas amostras de dados coletadas em períodos diferentes em Chapecó.

Omena (1998) observou que a forma **nós** apresentava índices mais elevados entre os falantes mais velhos. Constatou, portanto, a diminuição do uso da forma conservadora conforme a diminuição das idades, ou seja, entre os informantes da faixa etária de 50-71 anos

o peso relativo era de .78 para o uso da forma **nós**; entre os informantes das idades de 26-49, esse índice baixou para .64; entre os informantes da faixa etária de 15-25 anos foi registrada uma mudança mais substancial com peso relativo de .33 e a faixa etária mais jovem (7-14 anos) com um índice de .26. A partir desses resultados, Omena (1998, p. 312) concluiu que “[...] os falantes nascidos a partir de aproximadamente 1960 usam bem mais a forma **a gente**”.

Albán e Freitas (1991) analisaram os dados das variantes entre a faixa etária 25-35 anos e o percentual foi 79% para a forma inovadora. Já Freitas (1991) observou o comportamento das variantes no discurso mais formal entre a mesma faixa etária de Albán e Freitas (1991) e o resultado foi expressivo para a forma conservadora com 44 ocorrências e 28 para a forma inovadora. Segundo Lopes (1998), o pronome **a gente** entre a faixa etária 25-35 anos apresentou .77 de PR. Seara (2000) analisou a faixa etária 15-25 anos e observou a ocorrência de 0.69 para a variante **a gente**. Tamanine (2002) constatou que a proporção foi de 64% para a forma **a gente** e de 36% para a forma **nós** entre a faixa etária 25 a 45 anos. Temos ainda os estudos de Silva (2004) que encontrou .62 PR da forma inovadora. Na síntese apresentada por Zilles (2007), a variável idade entre o grupo 25-50 anos também foi significativa para a variante **a gente** com peso relativo de 0.66. Franceschini (2011) analisou a faixa etária 26-45 anos e o peso relativo para o pronome **a gente** foi equivalente a .55, portanto, são resultados equilibrados entre as duas variantes. Araújo, Araújo e Pereira (2020) observaram que a variante **a gente** é mais significativa entre a faixa etária 15-25 anos com 79,3 % de ocorrências em relação ao grupo dos informantes mais velhos.

Nosso interesse ao controlar duas faixas etárias distintas e em dois tempos diferentes era verificar se é possível caracterizar a alternância dos pronomes **nós** e **a gente** na referência à primeira pessoa do plural como mudança em curso do tipo real ou aparente.

Primeiramente, para detectar se se trata de mudança em tempo aparente, além de observarmos o comportamento das crianças com idade entre 8 a 12 anos referente ao uso das variantes, incluímos uma amostra complementar de entrevistas com adultos da faixa de 25 a 49 anos do VMPOSC. Portanto, considerando os estudos de Omena (1998), Soares (2006), Brustolin (2009) e Vítório (2015b), nossa primeira hipótese era que, na faixa etária mais jovem (8 a 12 anos), prevaleça o uso da forma inovadora e, na faixa etária adulta (25 a 49 anos), haja maior frequência de ocorrência da forma conservadora.

Em seguida, para detectar se se trata de mudança em tempo real, efetuamos uma comparação entre os resultados do comportamento linguístico dos informantes de 25 a 49 anos do Projeto VARSUL/Chapecó (TAMANINE, 2002) com os do Projeto VMPOSC com

relação ao uso das variantes. A amostra de entrevistas sociolinguísticas com informantes de 25 a 49 anos do VARSUL/Chapecó foi coletada no começo da década de 90 do século XX e a do VMPOSC foi realizada em 2014. Em razão do espaço de tempo de mais de duas décadas (24 anos), ou seja, uma geração, nossa segunda hipótese é que houvesse diferença no uso das variantes na fala dos informantes da faixa etária de 25-49 anos das duas amostras chapecoenses, isto é, acreditamos no aumento do uso da forma inovadora e na diminuição do uso da forma conservadora entre os informantes das duas amostras, além de que acreditamos que, em razão do espaço temporal, haja uma leve diminuição do uso da forma **nós** na amostra coletada mais recentemente.

A literatura na área adverte que não existe uma conclusão consistente se de fato o falante muda sua fala no decorrer dos anos. Por essa razão, são estabelecidas duas suposições teóricas latentes no processo de mudança linguística. Na primeira, preconiza-se um término para o processo de aquisição da linguagem, ou seja, ainda no início da adolescência e, portanto, a partir deste momento ocorre a estabilidade da língua. A segunda sugere que, em qualquer momento, pode ocorrer mudança linguística na fala do indivíduo e que isso é decorrente da pressão social vivida pelo indivíduo ao longo dos anos. Por essas divergências entre a primeira e a segunda teoria, Naro (1992) conclui que o falante sempre muda a língua ao longo dos anos, enquanto a hipótese clássica busca explicar a estabilidade do vernáculo após a adolescência.

5.2.2.3.2 Resultados e discussão

As variantes **nós** e **a gente** apresentam comportamento diferenciado em relação à idade dos informantes do VMPOSC. Primeiramente, a Tabela 28 apresenta os resultados gerais do comportamento das variantes separadas por idade do VMPOSC.

Tabela 28: Frequência de **nós** e **a gente**, segundo a idade dos informantes

IDADE	NÓS		A GENTE	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
8 anos	2/30	7	28/30	93
10 anos	59/130	45	71/130	55
11 anos	6/53	11	47/53	89

12 anos	3/85	3,5	82/85	96,5
TOTAL	70/298	23	228/298	77

Fonte: elaborada pela autora (2021)

De modo geral, verificamos que, em todas as idades, ocorreu a variação entre as formas pronominais de primeira pessoa do plural. De modo específico, ao restringirmos o olhar para este grupo de informantes, observamos que esse resultado aparentemente variável se deve, na verdade, ao fato de que 3 crianças revelaram um comportamento categórico no uso das formas pronominais, isto é, um informante empregou 57 dados exclusivos da forma **nós**, outro produziu 42 dados exclusivos da forma **a gente** e o terceiro informante utilizou 13 ocorrências da variante inovadora durante toda a entrevista. Em síntese, nossos resultados podem ser interpretados como variação na comunidade (incluindo-se aí também os informantes que apresentaram dados categóricos das variantes) e variação no indivíduo (incluindo-se aí apenas os dados de fala das 5 crianças da amostra).

Ao retirarmos as ocorrências das formas pronominais dos 3 informantes que empregaram de modo categórico uma das variantes, restaram as ocorrências de 5 informantes com idade entre 8 a 12 anos, que produziram 13 ocorrências da forma **nós** e 173 dados da forma **a gente**. É o que demonstra a Tabela 29:

Tabela 29: Frequência de **nós** e **a gente** entre as crianças do VMPOSC

IDADE	NÓS		A GENTE	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
8 anos	2/30	7	28/30	93
10 anos	2/31	6	29/31	94
11 anos	6/53	11	47/53	89
12 anos	3/72	4	69/72	96
TOTAL	13/186	7	173/186	93

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Na Tabela 29, temos os resultados das variantes produzidas pelos informantes que alternam o uso entre as formas pronominais **nós** e **a gente**. Percebemos, conforme a expectativa, que o pronome **a gente** ocorre de modo mais frequente na fala das crianças em

comparação ao pronome **nós**, que apresentou baixa frequência de uso, mesmo entre as crianças com mais idade. Cabe o destaque de que registramos em nossos dados uma duplicação na frequência de uso da variante inovadora na fala do informante de 12 anos e que também houve duplicação na frequência de dados do pronome **nós** na fala do informante de 11 anos de idade. Constatamos, após retirar os dados das variantes das 3 crianças que apenas realizavam durante a entrevista uma das formas pronominais, que os percentuais se mantiveram mais estáveis e em uma diluição menos abrupta de uma idade para outra.

Na sequência, apresentaremos os resultados gerais do comportamento das variantes na fala dos informantes da faixa etária de 25 a 49 anos do VMPOSC.

Tabela 30: Frequência de **nós** e **a gente** entre os adultos do VMPOSC

IDADE	NÓS		A GENTE	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
27 anos	1/35	3	34/35	97
31 anos	3/72	4	69/72	96
33 anos	4/263	1,5	259/263	98,5
34 anos	38/92	41	54/92	59
TOTAL	46/462	10	416/462	90

Fonte: elaborada pela autora (2021)

De modo geral, do total de 462 dados analisados, observamos que 416 (90%) ocorrências são da forma **a gente** e 46 (10%) são da forma **nós** na fala dos 4 informantes da faixa etária de 25 a 49 anos do VMPOSC. Esse resultado também revela que a frequência de ocorrência do pronome **a gente** empregado pelos adultos é superior em relação ao total apresentado pelas crianças. Resultado semelhante foi identificado por Tamanine (2002), que observou que, entre os adultos do VARSUL/Chapecó, a faixa etária 25 a 49 anos também empregou com mais recorrência (67%) a variante inovadora em relação à variante conservadora na função de sujeito. Neste caso, é notável que o pronome **a gente** continua sendo a forma predominante e com elevação da frequência de uso ao longo das duas últimas décadas. Temos ciência de que a leitura desses resultados deve ser cuidadosa, pois o número

de informantes do VMPOSC é inferior ao de informantes do VARSUL/Chapecó, contudo, já podemos ter um indicativo do comportamento mais recente das variantes na cidade.

De modo específico, ao analisarmos as variantes pela distribuição por idade de cada entrevistado, é possível perceber que o informante com idade de 34 anos apresentou frequência de uso mais elevada da forma **nós** em relação aos outros três informantes dessa faixa etária. Contudo, observando o número de ocorrências da forma **a gente** (54 dados = 59%) e da forma **nós** (38 dados = 41%), notamos que esse informante utilizou ambas as formas em equilíbrio com certa elevação no uso da forma inovadora. Também observamos que a forma pronominal conservadora registrou poucas ocorrências (8 dados = 17%) entre os demais informantes, sendo empregada de forma mais elevada (38 ocorrências = 83%), como já dissemos, pelo informante de 34 anos.

Para testar a hipótese da mudança em tempo aparente, reunimos os dados da amostra dos adultos e das crianças do VMPOSC com o objetivo de verificar o comportamento das variantes entre as duas gerações.

A soma dos dados entre as duas gerações revela um total de 760 ocorrências na função sujeito, dentre as quais 644 (84,8%) dados da forma **a gente** e 116 (15,2%) da forma **nós**. Esse resultado ainda revela semelhança com a análise de dados das crianças (77% para a forma **a gente** e 23% para a forma **nós**) e com a análise dos adultos (90% para a forma **a gente** e 10% para a forma **nós**) do VMPOSC. O que visualizamos é que as diferenças percentuais quanto ao comportamento linguístico entre as gerações são mínimas. Portanto, por mais que eles estejam em diferentes estágios de desenvolvimento da língua, o resultado demonstra que a variante inovadora já é bem expressiva na fase jovem do falante e ela espelha o resultado expressivo da forma inovadora entre os adultos. Portanto, ao longo dos anos, a forma pronominal **a gente** tem ganhado destaque, ao passo que a forma **nós** se mantém estável com índices mais baixos por diferentes gerações de chapecoenses. Esse resultado é um indício do fato de as crianças espelharem, num primeiro momento, a fala dos pais e, depois, dos pares, em uma primeira etapa de aprendizagem, com base em Labov (1978; 1994).

Para testar a outra hipótese levantada sobre a possibilidade de nos depararmos com uma mudança em tempo real, comparamos os resultados da análise da faixa etária de 25 a 49 anos do VARSUL/Chapecó (TAMANINE, 2002) com os nossos do VMPOSC. A mudança em tempo real compara amostras de fala de uma mesma localidade, no nosso caso de Chapecó, em dois momentos distintos. A pesquisa de Tamanine (2002) analisou entrevistas sociolinguísticas do VARSUL, coletadas ainda no início da década de 1990, já o nosso estudo

investigou as entrevistas sociolinguísticas do Projeto VMPOSC, coletadas em 2014, portanto passaram-se mais de duas décadas entre uma e outra pesquisa, o que nos permite vislumbrar um estudo de tendência nesta localidade.

Na sequência, a Tabela 31 expõe um comparativo dos resultados do comportamento das variantes **nós** e **a gente** pelos informantes adultos de Chapecó em dois momentos distintos.

Tabela 31: Frequência de **nós** e **a gente** entre informantes adultos de Chapecó

Origem dos dados	NÓS		A GENTE	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Projeto VARSUL	27/81	33	54/81	67
Projeto VMPOSC	46/462	10	416/462	90

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Visivelmente, entre o período de uma pesquisa e outra, a variante inovadora teve um crescimento significativo na frequência de ocorrência na fala dos informantes de Chapecó entre os indivíduos da faixa etária de 25 a 49 anos das duas amostras, ao passo que percentualmente é também visível que a variante conservadora se retraiu. Esse resultado comparativo, conforme nossa expectativa, sinaliza uma mudança em curso do tipo tendência no comportamento dos informantes chapecoenses com relação às formas pronominais para referência à primeira pessoa do plural.

Em síntese, a maior frequência de dados foi registrada com a variante inovadora, porém, na comparação entre as variantes, observamos que a forma pronominal **a gente** foi empregada preferencialmente pelo informante de 12 anos e a forma pronominal **nós** foi mais frequente na fala do informante de 10 anos. Na análise da frequência de uso das formas pronominais pelos adultos, notamos que a variante conservadora foi mais frequente na fala do informante de 34 anos e a variante inovadora foi empregada de forma mais recorrente na fala do informante de 33 anos. na comparação entre os resultados de duas amostras coletadas em Chapecó em dois períodos distintos, vimos uma mudança em curso do tipo tendência no comportamento dos informantes chapecoenses com relação às formas pronominais para referência à primeira pessoa do plural.

Finalizando a análise dos resultados da variável idade, passamos, na próxima subseção, à discussão da aquisição da variação.

5.3 A emergência da alternância das formas pronominais **nós** e **a gente** na etapa de aquisição da língua materna

Para responder a uma das perguntas da seção 1.2, se a alternância das formas pronominais **nós** e **a gente** emerge na aquisição da primeira língua, vamos retomar brevemente o que vimos nas subseções 2.2 e 2.2.3.

Ao longo da nossa pesquisa, por meio do levantamento bibliográfico, vimos que a maioria das análises empreendidas com amostras de dados do PB foca na variação linguística dos adultos e, em alguns casos, de crianças e adolescentes. Essa decisão metodológica considera que somente na fase adulta se encontram resultados de fala estabilizados, por isso as investigações quase ignoram a faixa etária com menos de 15 anos de idade, período em que o processo de aquisição da língua se concluiria, isto é, a aquisição da língua termina no início da adolescência e, a partir desse período, ocorre uma estabilidade da língua. Essa hipótese da aquisição acompanha a estabilidade do vernáculo após a adolescência. Portanto, em um estudo de tempo aparente, segundo Naro (1992), a análise da atual fala do adulto representaria a mesma língua adquirida quando ele tinha cerca de 15 anos de idade, mas essa afirmação ainda precisa obter mais investigações⁶⁷.

Por isso, ao longo dos últimos anos, pesquisas direcionam a análise da variação linguística partindo da investigação com crianças desde os primeiros anos de vida. Soares (2006)⁶⁸ realizou uma investigação longitudinal sobre a concordância verbal na fala de crianças com idade entre 2;5 e 8 anos de Porto Alegre. Sabemos que os adultos são responsáveis pelo primeiro contato das crianças com a língua, portanto, a aquisição da língua é realizada através da interação com o adulto.

Soares (2006, p.122) constatou que

[...] a variação sociolinguística na fala das crianças desde cedo não difere em grandes termos daquela encontrada na fala dos adultos. Logo, o alto índice de aplicação da desinência na fala das crianças [...] corresponde ao comportamento linguístico observado em dados de adultos com maior escolaridade e classe social mais alta.

Ainda nessa direção, Soares (2006, p. 157-158) explica que,

⁶⁷ Outra teoria no processo de mudança linguística acredita que em qualquer momento pode ocorrer mudanças na fala do indivíduo, em razão do contato da pessoa com os diferentes contextos sociais vividos ao longo de sua vida. A conclusão de Naro (1992) é de que o falante sempre muda a língua em diferentes períodos.

⁶⁸ Soares (2006) analisou uma amostra de dados de crianças a partir de três fontes. Na seção 2.2.1, descrevemos detalhadamente a amostra investigada pela autora e os principais resultados dessa investigação.

No cômputo geral da análise das DNP's P4 e P6, que tiveram seus resultados comparados aos da fala adulta, o quadro que se mostra é de que as crianças [...] apresentam um comportamento linguístico comparável ao dos adultos. Isso indica que na fala das crianças em estudo a variação relacionada ao sistema de concordância verbal é tanto de ordem sintática quanto social. O fato de os resultados das crianças corroborarem a maioria das hipóteses formuladas sobre dados de adultos mostra que a ação das variáveis analisadas, bem como a simultaneidade de forças entre elas, dizem respeito antes ao sistema linguístico do PB como um todo, que à fala dos adultos e das crianças especificamente.

Segundo Soares (2006, 156), o uso da forma **a gente**, quando empregada em DNP-P4, “é pouco usual (nesta amostra) e não é encontrada na fala das crianças já está sujeita à atuação de regras variáveis e, de modo geral, mostra um comportamento linguístico, em relação a tais regras, próximo do adulto.”

Outros trabalhos (OMENA, 1998; AMARANTE, 2005; SOARES, 2006; VITÓRIO, 2015b) sobre a variação linguística na referência à primeira pessoa do plural na fala de crianças de 7 a 12/14 anos observaram amostras sincrônicas de fala e de escrita. Embora esses estudos não sejam longitudinais, acreditamos que os respectivos resultados podem dar indícios da emergência da variação dos pronomes de referência à primeira pessoa do plural na fase de aquisição da primeira língua.

Omena (1998, p.322) observou que,

Na alternância nós/a gente, atuou particularmente a variável idade: os falantes novos usam bem menos a forma **nós** do que os mais velhos, fazendo-se sentir que o aumento da forma **a gente** se acelerou principalmente a partir da década de 1960. Parece aqui tratar-se de um fenômeno em mudança, principalmente se a distribuição dos fatores linguísticos for levada em consideração.

Vitório (2015b, p. 139) também constatou que “[...] a fala das crianças opera de acordo com o que está descrito para a fala de adultos”.

Todos os estudos revelam indícios do fato de as crianças espelharem, num primeiro momento, a fala dos pais e, depois, dos pares, em uma primeira etapa de aprendizagem, com base em Labov (1978; 1994).

Voltando nossa análise para o comportamento das variantes segundo as particularidades de cada idade das crianças do VMPOSC, observamos o seguinte:

(i) que apenas um informante com 8 anos foi entrevistado e apresentou dados das variantes. Este registrou um total de 30 ocorrências, dentre as quais 28 (93%) foram da forma **a gente** e apenas 2 (7%) da forma **nós**. Neste caso, podemos afirmar que a variação entre as formas pronominais já é sinalizada na fala dessa criança.

(ii) que nossa amostra continha três informantes com 10 anos, que juntos produziram 130 ocorrências, dentre as quais 71 (54,6%) da forma **a gente** e 59 (45,4%) da forma **nós**. Porém, nesse grupo, verificamos a presença de um informante com produção exclusiva da forma **nós** (57 ocorrências), outro informante com emprego também exclusivo da forma **a gente** (42 ocorrências) e o terceiro informante que utilizou, de modo variável, **nós** (2 ocorrências) e **a gente** (29 ocorrências) durante todo o período de aplicação da entrevista sociolinguística. Portanto, pelo menos nas entrevistas coletadas por aproximadamente 40 minutos, foi possível observar duas situações distintas entre os três informantes com 10 anos: (i) variação na comunidade, porque dois informantes empregaram exclusivamente uma das formas pronominais; e (ii) variação no indivíduo, pois um informante variou o emprego de ambas as formas com uso mais elevado de **a gente** e retração de **nós**, ou seja, podemos afirmar que a variação entre as formas pronominais já é sinalizada na fala dessa criança.

(iii) que somente um informante com 11 anos foi entrevistado e apresentou dados das variantes. A forma mais frequente é a inovadora com 47 (89%) ocorrências, contudo a forma **nós** registrou 6 (11%) ocorrências. Nesse caso, confirmamos a hipótese de que, com o passar dos anos de escolarização, a criança aumentou o uso da variante prestigiada, se compararmos com os dados do informante de 8 anos.

(iv) que nossa amostra continha três informantes com 12 anos e apresentaram mais frequência de ocorrência da forma inovadora. Foram 85 ocorrências no total, dentre as quais 82 (96,5%) pertencem à forma **a gente** e apenas 3 (3,5%) à forma **nós**. Portanto, de modo geral, a variante inovadora predominou sobre a variante conservadora. De modo específico, restringindo a análise, percebemos que, das três crianças, uma registrou 13 ocorrências apenas da variante inovadora e as outras duas empregaram, respectivamente, 25 ocorrências da variante **a gente** e 2 ocorrências de **nós**, e 44 dados da forma **a gente** e 1 dado da forma **nós**. As ocorrências da variante conservadora foram menos frequentes.

Feito esse levantamento, podemos afirmar que aos 8 anos de idade as crianças já alternam as formas pronominais para referência à primeira pessoa do plural na fala de Chapecó. No total de oito crianças investigadas, vimos que cinco apresentaram variação nas formas pronominais e três empregaram de modo categórico uma das formas durante todo o período da entrevista. Embora essas três crianças façam uso categórico das formas pronominais, a variante inovadora ainda sim é a forma pronominal mais frequente na fala delas. Com isso, mais uma vez, queremos ratificar a hipótese de que as crianças espelham, num primeiro momento, a fala dos pais, conforme vimos nos resultados da análise de dados

do VARSUL/Chapecó e do VMPOSC, e, depois, dos pares, em uma primeira etapa de aprendizagem, com base em Labov (1978; 1994). Por essa aproximação entre a linguagem do adulto e da criança, concluímos a atuação dos pressupostos teóricos de Vygotsky, conforme a perspectiva do interacionismo. Segundo o autor, existe um encadeamento entre a função social da língua e as mediações realizadas pelo interlocutor (adulto) no processo de aquisição da fala. Sem dúvida, nossa pesquisa demonstrou que nossos informantes jovens carregam traços linguísticos advindos da comunicação e da influência dos adultos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, tratamos da alternância entre os pronomes de primeira pessoa do plural no PB. Para isso, nosso objetivo geral foi investigar a variação linguística das formas pronominais a partir de uma amostra de dados da fala de 8 crianças, de 8 a 12 anos, do Projeto VMPOSC.

Vimos, no primeiro capítulo, os resultados de algumas pesquisas significativas no estudo deste fenômeno. Primeiramente abordamos alguns pontos importantes sobre as mudanças já observadas no uso do pronome inovador e do prestígio atribuído à forma conservadora. Após essa breve apresentação, resenhamos algumas pesquisas sobre a variação pronominal na fala de informantes do PB. Na sequência, também incluímos uma seção sobre os estudos da variação das formas pronominais **nós** e **a gente** em livros literários e didáticos e outra seção com estudos sobre a variação na fala de crianças.

No segundo capítulo, abordamos a fundamentação teórica baseada na Teoria da Variação e Mudança segundo WLH (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). Apresentamos nas seções seguintes pressupostos teóricos e metodológicos importantes apresentados por WLH (2006 [1968]) e resumizamos brevemente a vertente social da linguagem no processo de aquisição. Por último, realizamos um breve levantamento teórico sobre a interface entre variação linguística e aquisição da variação.

Vimos no terceiro capítulo a metodologia utilizada em nossa pesquisa, com o detalhamento da nossa amostra do Projeto VMPOSC. Na sequência, discorremos de forma breve as características da cidade de Chapecó e do contato linguístico entre os povos nativos da região com os grupos étnicos, vindo dos estados e país vizinho. Elencamos a variável dependente e nove variáveis independentes (linguísticas e sociais).

Nosso primeiro objetivo específico foi descrever e analisar a atuação de variáveis linguísticas e extralinguísticas na alternância dos pronomes **nós** e **a gente** para referência à primeira pessoa do plural na fala de crianças. Os resultados mostraram que a forma predominante na fala das crianças do VMPOSC é a variante inovadora **a gente** (73% das ocorrências).

Na sequência, passamos ao controle das variáveis linguísticas e sociais que atuam na alternância dos pronomes **nós** e **a gente** para referência à primeira pessoa do plural na fala de crianças do VMPOSC. Das oito variáveis independentes controladas, o programa estatístico selecionou como significativas apenas duas: a variável linguística marca morfêmica e a variável social sexo dos informantes. Os resultados da análise das variáveis linguísticas

revelaram que, de modo geral, ambas variantes ocorreram mais na função sintática de sujeito com percentual de 92% e, de modo específico, a forma **a gente** é a variante preferencial nessa função. A variável preenchimento do sujeito pronominal registrou 88% de ocorrências de sujeito preenchido e 12% de sujeito nulo. De modo específico, 88% das ocorrências de sujeito preenchido foram da forma **a gente** e 87% das ocorrências de sujeito nulo se referem à forma **nós**. Na análise da variável marca morfêmica, houve 84% de registro do morfema zero e 16% do morfema -mo/-mos nas formas verbais. Observando o comportamento das variantes, a forma inovadora ocorre mais com o morfema zero e o pronome conservador mais com as desinências verbais -mo/-mos. Quando ao controle do paralelismo formal, houve mais ocorrências registradas da repetição da forma pronominal na sequência do discurso (62,5%), ou seja, quando empregada uma das variantes pronominais, no início do contexto, já era desencadeada uma repetição da mesma forma durante a sequência discursiva. Por outro lado, as ocorrências mais baixas foram registradas quando a variante indicava um referente diferente. Obtivemos pelo controle da variável saliência fônica das formas verbais maior ocorrência dos graus 1, 2 e 4, já a menor ocorrência se deu no grau 6. Na análise conjunta das variantes pronominais, a maior frequência ocorreu entre as formas verbais de grau 1. Contudo, com o aumento dos graus de saliência, também diminui o percentual de uso das formas. O último fator linguístico controlado foi o tempo das formas verbais que acompanham as variantes, cujo tempo presente registrou o maior percentual (40%) seguido do pretérito perfeito e imperfeito do indicativo com um percentual de 25% em cada. De modo específico, a forma **a gente** registrou maior percentual entre o tempo presente do indicativo (89%) e a forma **nós** com o tempo no pretérito perfeito do indicativo (37%). Nossa hipótese foi confirmada visto que esperávamos que os tempos do pretérito registrassem a maior ocorrência junto ao pronome conservador, e o tempo presente junto ao pronome inovador.

Os resultados da análise das variáveis sociais revelaram que, de modo geral, a forma **nós** foi a variante mais empregada entre os informantes com o Ensino Fundamental I e a forma **a gente** foi a mais usada pelos informantes do Ensino Fundamental II. Percebemos que os resultados não corroboraram com a nossa hipótese em decorrência do uso categórico das variantes entre três informantes da amostra. Ao retirar os dados de fala desses três informantes da análise, passamos a observar um equilíbrio no uso da forma conservadora, ou seja, entre os informantes do Ensino Fundamental I e do Ensino Fundamental II. O mesmo equilíbrio ocorre com a forma inovadora no Ensino Fundamental I e no Ensino Fundamental II. Na análise da variável sexo, observamos que os informantes do sexo masculino utilizam

mais a forma inovadora (93,5%), não corroborando com a nossa hipótese inicial. Por fim, na análise da variável idade, os resultados indicaram que as crianças apresentaram maior uso da forma inovadora do que da forma conservadora. O maior registro da forma **a gente** ocorreu entre as idades com 12, 11 e 8 anos e da forma **nós** entre os informantes de 10 anos. Discutimos de modo mais detalhado os resultados dessas diferenças por idade das crianças na seção sobre aquisição da primeira língua.

Para cumprir nosso segundo objetivo específico, verificamos se a alternância dos pronomes **nós** e **a gente** na referência à primeira pessoa do plural se comportava como mudança em tempo aparente. Os resultados mostraram que o comportamento linguístico das crianças é semelhante ao comportamento dos adultos, portanto, a forma pronominal **a gente** já vem se destacando na fala dos informantes jovens da localidade de Chapecó.

Analisamos também os dados dos adultos para observar uma possível mudança em tempo real (estudo tendência). Na análise dos dados gerais, obtivemos 90% de uso da forma inovadora e 10% da forma conservadora. Portanto, podemos verificar a tendência de ocorrência de uma mudança em tempo aparente na comunidade chapecoense.

Outra análise realizada a partir da variável idade foi o comparativo entre a mesma faixa etária (25 a 49 anos) dos adultos do VARSUL/Chapecó (TAMANINE, 2002) com o VMPOSC. Verificamos que o pronome inovador apresentou uma elevação nas ocorrências registradas entre as duas pesquisas, ou seja, na década de 1990 o pronome **a gente** registrava um percentual de 67% na fala dos adultos e, após duas décadas e menor número de informantes analisados, esse percentual se elevou para 90%. Portanto, podemos verificar a tendência de ocorrência de uma mudança em tempo real (estudo tendência) na cidade de Chapecó ao longo dos últimos anos.

Nosso terceiro objetivo específico foi discutir a emergência da alternância das formas pronominais **nós** e **a gente** na etapa de aquisição da língua portuguesa. Vimos que, aos 8 anos de idade, as crianças já alternam as formas pronominais para referência à primeira pessoa do plural na fala de Chapecó, mas três crianças fizeram uso categórico das formas pronominais e a variante inovadora ainda sim é a forma pronominal eleita. Com isso, mais uma vez, ratificamos a hipótese de que as crianças espelham, num primeiro momento, a fala dos pais e, depois, dos pares, em uma primeira etapa de aprendizagem, com base em Labov (1978, 1994).

Por fim, apesar de os estudos, em sua maioria, constatarem que a forma inovadora pode estar ganhando espaço no português falado entre os adultos e as crianças, poucas

pesquisas investigaram a variação na escrita. Logo, como encaminhamento de estudos futuros, sugerimos uma continuação desse estudo sobre o processo de aquisição da língua, como nosso estudo foi realizado em crianças a partir dos 8 anos de idade, é interessante e recomendável o acompanhamento longitudinal das crianças a partir dos 2 anos de idade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. R. N. **A variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita de alunos do Ensino Fundamental**. 2013. 318 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ALBÁN, M. R.; FREITAS, J. Nós ou a gente?. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador: UFBA, n. 11, p. 75-89, ago. 1991.

ALTENHOFEN, C. V. **O conceito de língua materna e suas implicações para bilinguismo (em alemão e português)**. In: Martius-Staden- Jahrbuch 49/50, São Paulo, 2002. p.141-161.

AMARAL, L. I. C. **A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais**. 2003. 181 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

AMARANTE, J. **Variação Linguística: criança na mão, escola na contramão**. Salvador: EDUFBA, 2005. 207 p.

ARAÚJO, M. A. M.; ARAÚJO, A. A.; PEREIRA, M. L.S. A competição entre nós e a gente na função de sujeito no falar popular de Fortaleza. In: VIANA, R. B. M.; RODRIGUES, L. S.; PONTES, V. O.; CARVALHO, H. M. (organizadores). **Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 104-123.

BAGNO, M. **Não é errado falar assim! em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRUSTOLIN, A. K. B. S. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis**. 2009. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CALDEIRA, W. J. **Uso pronominal de “a gente” na fala de personagens da obra de Monteiro Lobato: contribuições para o ensino**. 2019. 220 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/206343/PPLE0028-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 19 set. 21.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 42. ed. São Paulo: Editora nacional, 2000.

CEZARIO, M. M.; MARTELOTTA. Aquisição da linguagem. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011, p.207-216.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. **Sociolinguística**. Florianópolis, Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, C. **Gramática do português contemporâneo**: edição de bolso; organização Cilene da Cunha Pereira. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DUARTE, M. E. L. A remarcação em curso no valor do parâmetro do sujeito nulo. **CUADERNOS DE LA ALFAL**, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, N 12 (2), p.71-99, novembro de 2020. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_2_cuaderno_005.pdf. Acesso em: 19 set. 21.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs.). **Português brasileiro**. Uma viagem diacrônica. Campinas: Edunicamp, 1993, p. 107-128.

DUARTE, M. E. L. Aquisição do sujeito pronominal em L2. In: RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (organizadoras). **Variação e aquisição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, p.43-64.

ECKERT, PENELOPE. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. 2012. **Annual Review of Anthropology**. Palo Alto. 41: 87-100.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017, p.11-26

FOEGER, C. C. **A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES**. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/1601>. Acesso em: 6 dez. 2020.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC**. 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras,

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em:
<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/32629>. Acesso em: 27 nov. 2020.

FREITAS, J. Nós e a gente em elocuições formais. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador: UFBA, n. 11, p. 91-102, ago. 1991.

FREITAS, M. L.; CARVALHO, H. M. Quem somos nós e quem é a gente?" In: VIANA, R. B. M.; RODRIGUES, L. S.; PONTES, V. O.; CARVALHO, H. M. (organizadores). **Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p.124-142.

GOMES, C. A. Sociolinguística e Aquisição da Linguagem. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. (Org.). **Sociolinguística, Sociolinguísticas**. São Paulo: Contexto, 2016, v. 1, p. 63-72.

GÖRSKI, E.; FREITAG, R. M. **Ensino de língua materna**. Florianópolis, 2010. Disponível em:
https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/ensinoDePrimeiraLingua/assets/249/TEXT0-BASE_ELM_2010.pdf . Acesso em: 8 dez. 2020.

GÖRSKI, E.; ROST SNICHELOTTO, C. A. **Estudos Gramaticais**. Florianópolis: LLV/ CCE/ UFSC, 2008.

GÖRSKI, E. M.; VANDRESEN, P.; SNICHELOTTO, C. A. R.; SEVERO, C. G.; PIMPÃO, T. S. Aspectos sócio-históricos, geográficos, políticos e culturais de Santa Catarina. In: COELHO, I. L... *et al.* (Org.). **Aspectos sócio-históricos e linguísticos do português escrito em Santa Catarina nos séculos XIX e XX**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021.

HUBNER, E. P.; ARDENGHI, L. G. *Input* materno e aquisição da linguagem: análise das díades comunicativas entre mães e filhos. **Boletim De Psicologia**, São Paulo, 2010, v. 60 , n. 132, p. 29-43, jun. 2010. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432010000100004. Acesso em: 28 dez. 2020

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2020**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:
<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio>. Acesso em: 26 dez. 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mulheres com crianças até três anos de idade em casa têm menor nível de ocupação**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em:
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30173-mulheres-com-criancas-ate-tres-anos-de-idade-em-casa-tem-menor-nivel-de-ocupacao>. Acesso em: 29 jul. 2021.

JUNKES, M. M. **Os pronomes nós e a gente em livros didáticos de língua portuguesa**. 2008. 94 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (eds.) **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, p.17-92, 1982.

LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês Standard. Tradução: FONSECA, M. S.V.; NEVES, M. F (orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca LTDA, p. 49-85, 1974.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. **Wheredoes the Linguistic variable stop?** A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Papers**, p. 43-88, 1978.

LOPES, C. R. S. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v.4, n.1, p.47-80, julho de 2004.

LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **Delta**, São Paulo, v. 14, n. 2, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200006. Acesso em: 27 nov. 2020.

LOPES, J. B. **Variação, percepções e atitudes linguísticas dos chapecoenses frente à referência à segunda pessoa do singular**. 2017. 332 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos-PPGEL, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

LORANDI, A. Aquisição da variação: a interface entre aquisição da linguagem e variação linguística. **Alfa**, São Paulo, 57 (1): p. 133-162, 2013.

LOREGIAN-PENKAL, L. Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista. **Estudos Linguísticos XXXIV**, p. 362-367, 2005.

MAIA, J. D. **Gramática**: teoria e exercícios. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MONTEIRO, J. L. Fenômenos de Variação no uso dos pronomes pessoais. **Rev. de Letras**, Fortaleza, 13 (1/2), p.135-149, jan.-dez de 1988.

MORAES, C. **Espaços e relações de poder em Chapecó/SC na década de 1950**. 2014 Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/9646>. Acesso em: 21 nov. 2021

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília (Org.). **Introdução à sociolingüística variacionista**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. **Language Variation and Change**, 11 (1999), 197–211. Printed in the U.S.A. Cambridge University, 1999.

OLIVEIRA, A. P. M. P. **A variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural nós e a gente numa amostra da literatura infantojuvenil gaúcha**. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale dos Sinos-UNISINOS, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6265>. Acesso em: 27 nov. 2020

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. Pe. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro: Departamento de linguística e filologia, UFRJ, 1998. p.183-215.

OMENA, N. P. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro: Departamento de linguística e filologia, UFRJ. 1998. p.309-324.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?. In: Paiva, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p.63-80.

OMENA, N. P.; DUARTE, M. E. L. Variáveis morfossintáticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2020.

OUSHIRO, L. **Introdução à Estatística para Linguistas, v.1.0.1 (dez/2017)**. Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não comercial. Disponível em: <https://rpubs.com/oushiro/iel>. Acesso em: 17 nov. 2020.

OUSHIRO, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. p.134-177. In FREITAG, R. M. (Organizadora). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-10cap>. Acesso em: 17 nov. 2020.

OUSHIRO, L. Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o ELAN. p.117-132. In FREITAG, R. M. (Organizadora). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-9cap>. Acesso em: 17 nov. 2020.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Introdução: a mudança linguística em curso. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (organização). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 13-29.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 179-190.

PEREIRA, E. F. O. O papel da língua materna na aquisição da língua estrangeira. **Rev. Fac. Educ.**, UFG, 26 (2), p. 53-62, jul./dez. 2001.

RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (organizadoras). **Variação e aquisição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

ROST SNICHELOTTO, C. A. **Olha e Veja**: multifuncionalidade e variação. 2002. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

ROST SNICHELOTTO, C. A. **“Olha” e “vê”**: caminhos que se entrecruzam. 2009. 408f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ROST SNICHELOTTO, C. A. **Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina, 2012**. Plano de Trabalho Chamada Pública FAPESC n. 04/2012 Universal.

SANTANA, L. A. **A variação pronominal tu/você e nós/a gente em livros didáticos de português como língua estrangeira**. 2016. 107 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras – Unesp. Araraquara, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141967>. Acesso em: 27 nov. 2020.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SCHERRE, M. P. S.; NARO, A. J.; YACOVENCO. Nós e a gente em quatro amostras do português brasileiro: revisitando a escala da saliência fônica. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, p.428-457, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/23285/15244>. Acesso em: 19 set. 2021.

SCHNEIDERS, M. **O tratamento da variação de primeira pessoa do plural em livros didáticos de português do ensino médio**. 2014. 28 f. TCC (Licenciatura em Letras Português e Espanhol) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Revista Organon**, Porto Alegre, v.14, n.28-29, p. 179-194, 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30203/18711>>. Acesso em: 19 nov. 20.

SEVERO, C. G. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, n. 9, I semestre de 2008.

SILVA, I. **De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?**: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SILVA, G. M. O.; PAIVA, M. C. A. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de

fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro: Departamento de linguística e filologia, UFRJ. 1998. p.335-378.

SIM-SIM, I. A aquisição da linguagem: um olhar retrospectivo sobre o percurso do conhecimento. In: FREITAS, M. J.; SANTOS, A.L. **Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português**. Berlim: Language Science Press. 2017. p.3-31.

SOARES, S. M. **A concordância verbal na fala de crianças de Porto Alegre**. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado em Aquisição da Linguagem) – Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10923>. Acesso em: 29 dez. 2020.

STRAPASSON, G. E. R. F.; COELHO, I. L. Presença dos pronomes pessoais tu/você e nós/a gente na narrativa de experiência pessoal nos indivíduos da cidade de Caçador-Santa Catarina. **Revista Professare**, Caçador, v.2, n.1, p. 53-72, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/professare/article/view/209>. Acesso em: 20 nov. 2020.

TAMANINE, A. M. B. **A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina**. 2002. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24549>. Acesso em: 27 nov. 2020.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2003.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. 302 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TONI, A. Teorias de aquisição da linguagem: empirismo (behaviorismo), racionalismo, inatismo e construtivismo. In: BIZELLO, A.; CASTRO, N. S. E.; CREMONESE, L. E.; TONI, A.; CHAGAS, L. A. **Psicolinguística**. Porto Alegre: SAGAH, 2019. p.211-235

VANDRESEN, P.; ROST SNICHELOTTO, C. A.; SEVERO, C. G.; GÖRSKI, E. M.; MONGUILHOTT, I. O.; PIMPÃO, T. S. **Aspectos sócio-históricos e culturais de Santa Catarina**. No prelo.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, Marco Antonio; Abraçado. (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

VIEIRA, H. P. **Os cegos e o elefante**. 2012. Disponível em: <https://livroerrante.blogspot.com/2012/07/um-lenda-e-duas-narracoes-os-cegos-e-os.html?m=0>. Acesso em: 27 jun. 2021.

VIEIRA, M. J. B. **As vogais médias átonas no sul do Brasil**. In: MARÇALO M. J. *et al.* (Ed.) **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Évora: Universidade de Évora,

2010. Disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg5/01.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Organizadoras). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL. **Letrônica**, Porto Alegre, v.10, n. 1, p.122-138, jan.-jun. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/24756/16327>. Acesso em: 28 dez. 2020.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 31, n. 2, p. 128-143, jul./dez. 2015a. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/31429>. Acesso em: 19 nov. 2020.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL. **Revista (con)textos linguísticos**, Vitória, v. 9 n. 14, p. 126-141, 2015b. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/10772>. Acesso em: 20 nov. 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. [1968]

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/185200/000665751.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 nov. 2020.